



EVÂNIO SILVA RIBEIRO

**AS PRÁTICAS SOCIAIS NA PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO
DA VIDA COTIDIANA DE UMA HORTA COMUNITÁRIA: O
CASO DA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DE HORTALIÇAS
DA COHAB DE LAVRAS, MG**

**LAVRAS – MG
2024**

EVÂNIO SILVA RIBEIRO

**AS PRÁTICAS SOCIAIS NA PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA VIDA COTIDIANA
DE UMA HORTA COMUNITÁRIA: O CASO DA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES
DE HORTALIÇAS DA COHAB DE LAVRAS, MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, área de concentração em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, para a obtenção do título de Mestre.

Prof. Dr. Conrado Pires de Castro
Orientador

**LAVRAS – MG
2024**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA,
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Ribeiro, Evânio Silva.

As práticas sociais na produção e reprodução da vida cotidiana de uma horta comunitária: o caso da Associação dos produtores de hortaliças da COHAB de Lavras, MG / Evânio Silva Ribeiro. – 2024.

103 p. : il.

Orientador: Conrado Pires de Castro.

Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de Lavras, 2024.

Bibliografia.

1. Práticas sociais. 2. Horta comunitária. 3. Agricultura urbana. I. Castro, Conrado Pires de. II. Título.

EVÂNIO SILVA RIBEIRO

**AS PRÁTICAS SOCIAIS NA PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO DA VIDA COTIDIANA
DE UMA HORTA COMUNITÁRIA: O CASO DA ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES
DE HORTALIÇAS DA COHAB DE LAVRAS, MG**

**SOCIAL PRACTICES IN THE PRODUCTION AND REPRODUCTION OF
EVERYDAY LIFE IN A COMMUNITY GARDEN: THE CASE OF THE COHAB
VEGETABLE PRODUCERS ASSOCIATION IN LAVRAS, MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, área de concentração em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 25 março de 2024.

Dr. Egeu Gómez Esteves	UNIFESP
Dr. Lucas Guedes Vilas Boas	UFLA
Dr. Marcelo Sevybricker Moreira	UFLA
Dra. Maria de Los Angeles Arias Guevara	UFPR

Prof. Dr. Conrado Pires de Castro
Orientador

**LAVRAS – MG
2024**

*À minha querida esposa Raquel pelo apoio e
compreensão dos desafios que foi esta jornada. Ao meu
estimado filho Matheus pelo incentivo e para o qual
pretendo ser exemplo de vida e de dedicação aos
estudos. Ao meu pai Euclides por sempre torcer por
mim. In memoriam à minha adorável mãe Geny pelo
exemplo de bondade.
Dedico.*

AGRADECIMENTOS

À CAPES e ao CNPq.

À Universidade Federal de Lavras pela oportunidade.

À cada cidadão e cidadã brasileiros que, por meio do pagamento de seus impostos, contribuem com a manutenção das instituições de ensino deste país e favorecem o desenvolvimento de pesquisas científicas, nas mais diversas áreas do conhecimento, como a que lhes apresento.

Ao professor Dr. Conrado Pires de Castro, pela orientação, disposição, paciência e contribuição para a minha maturidade enquanto pesquisador.

À professora Dra. Maria de Los Angeles Arias Guevara, pelos diálogos que tanto contribuíram para o meu contínuo aprendizado sobre metodologias de pesquisa.

Aos professores Dr. Egeu Gómez Esteves e Dr. Lucas Guedes Vilas Boas, pelas valiosas contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores do programa de Pós-Graduação Desenvolvimento Sustentável e Extensão da Universidade Federal de Lavras, pela atenção e compartilhamento de seus conhecimentos.

Aos colegas de turma do mestrado Aline, Bruna, Gleibson, Flávia e Tatiana pelos momentos agradáveis e de coleguismo na superação dos desafios que foi esta etapa de nossas vidas.

Agradeço de coração a cada membro da Horta da Cohab de Lavras, MG, pela oportunidade de convivência. Pelos momentos de alegria, descontração e de ensinamentos. A acolhida. Atribuo-lhes todo o mérito desta pesquisa!

A Deus, por me permitir concluir mais uma etapa de minha vida.

Muito obrigado!

A humanidade anda de mãos juntas e não percebe. As pessoas planta, cultiva pras outras poder comer. Nesse trabalho da horta comunitária as pessoas tem que se ajudar, tem que olhar uns pros outros.

Luiz Gonzaga do Carmo (membro da Horta da Cohab).

RESUMO

A compreensão das práticas sociais da Associação dos Produtores de Hortaliças da Cohab de Lavras, MG, de forma situada, em uma horta comunitária, traduz-se em um importante recorte social de organização coletiva baseado na comunidade. Igualmente significativo é entender e propagar essas formas produtivas de agricultura urbana que certamente contribuem para a segurança alimentar, qualidade de vida e identidade social de famílias e comunidades inteiras. Nesse contexto, o objetivo da pesquisa foi compreender as práticas sociais dos membros da Horta da Cohab que, observadas no tempo, viabilizam a produção e reprodução da vida cotidiana desse empreendimento e asseguram a sustentabilidade e a continuidade das atividades desse coletivo. O delineamento da pesquisa se constituiu de uma abordagem qualitativa com uma metodologia de estudo de caso. Para acompanhar e descrever os fundamentos últimos das formas recorrentes de manifestação das práticas no interior da Horta da Cohab, foi utilizado o método da observação participante. A Análise Textual Discursiva, como abordagem de análise dos dados, foi importante e assertiva para acessar, a partir do material constituído pelo corpus de pesquisa, a atribuição de significado e criação de sentido que os membros conferem às suas atividades práticas. No cotidiano, os membros da Horta da Cohab ancoram suas práticas sociais no cuidado essencial com todas as agências humanas e não humanas. Dessa forma, além de significar e dar sentido às suas atividades práticas, concebem um modo-de-ser no mundo pelo cuidado (modo-de-ser-cuidado). Como resultado da pesquisa, temos identificadas quatro práticas sociais. As práticas da doação, da ajuda mútua, do respeito à natureza e da produção sem veneno viabilizam a produção e reprodução da vida cotidiana da Horta da Cohab e asseguram, no tempo, a sustentabilidade e a continuidade das atividades desse coletivo.

Palavras-chave: práticas sociais; horta comunitária; agricultura urbana; análise textual discursiva; cuidado essencial.

ABSTRACT

Understanding the social practices of the Cohab Vegetable Producers Association in Lavras, MG, in a community garden translates into an important social aspect of collective organization based on the community. Equally significant is understanding and propagating these productive forms of urban agriculture that contribute to the food security, quality of life, and social identity of families and entire communities. In this context, this research aimed to understand the social practices of the members of the Cohab Garden, which, observed over time, enable the production and reproduction of the daily life of this enterprise and ensure the sustainability and continuity of the activities of this collective. The research design consisted of a qualitative approach with a case study methodology. The participant observation method was used to monitor and describe the ultimate foundations of the recurring manifestation of practices within Cohab Garden. Discursive Textual Analysis was used as an approach to data analysis based on the material constituted by the research corpus to access the attribution of meaning and creation of meaning members give to their practical activities. Members of the Cohab Garden anchor their social practices in essential care with all human and non-human agencies in everyday life. Thus, in addition to meaning and giving meaning to their practical activities, they conceive a way of being in the world through care (a way of being cared for). We identified four social practices: donation, mutual help, respect for nature, and poison-free production, which enable the production and reproduction of everyday life at the Cohab Garden and ensure the sustainability and continuity of the activities of this collective over time.

Keywords: social practices; community garden; urban agriculture; discursive textual analysis; essential care.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Organização estética da Horta da Cohab	23
Fotografia 2 - Visita de representantes da Emater-Lavras à Horta da Cohab – Prêmio Melhor Ação 2019.....	24
Fotografia 3 - Manhã na Horta da Cohab.....	28
Fotografia 4 - Aproveitamento de pneus velhos: contenção de barrancos e construção de escadas	56
Fotografia 5 - Aproveitamento de telhas e forros de plástico para a construção de canteiros .	57
Fotografia 6 - Aproveitamento de madeiras, caibros, telhas, telas e estruturas metálicas para a construção de depósitos.....	57
Fotografia 7 - Planta medicinal alfavaca que demonstra o sentido metafórico da resiliência da Horta da Cohab em prol do coletivo	61
Fotografia 8 - Relação de troca de serviço por insumo: buscando esterco de vaca.....	73
Fotografia 9 - A ajuda mútua no doar mudas: couve.....	74
Fotografia 10 - Consciência protetora: João de Barro acompanhando o trabalho.....	78
Fotografia 11 - Respeito pelas plantas: pé de tomate.	79
Fotografia 12 - Produção de adubo orgânico: compostagem	82

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ciclo analítico da Análise Textual Discursiva	37
Figura 2 – Aspectos associativos identificados na Horta da Cohab	49
Figura 3 - Práticas Sociais identificadas na Horta da Cohab	50
Gráfico 1 - Média de moradores por domicílio brasileiro, ao longo dos anos	89
Mapa 1 - Localização de Lavras no Estado de Minas Gerais	18
Mapa 2 - Localização da Horta da Cohab em relação ao bairro Cohab.....	20
Mapa 3 - Distribuição das Hortas Comunitárias, na cidade de Lavras, MG, a partir do ano de 1998.....	21
Quadro 1 - Fragmentação do corpus e codificação de cada unidade.....	38
Quadro 2 - Reescrita e titulação de cada unidade representadas pelas palavras-chave	39
Quadro 3 - Categorização a partir do título da unidade	41
Quadro 4 - Ancoragem das práticas sociais da Horta da Cohab no Cuidado Essencial	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tabulação do Perfil Socioeconômico	87
---	----

LISTA DE SIGLAS

APP	Área de Preservação Permanente
ATD	Análise Textual Discursiva
AU	Agricultura Urbana
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
COHAB MINAS	Companhia de Habitação de Minas Gerais
COHAB	Conjunto Habitacional Júlio Sidney Pinto
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
COPASA	Companhia de Saneamento de Minas Gerais
DC	Diário de Campo
EBP	Estudos Baseados em Prática
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais
ES	Economia Solidária
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MG	Minas Gerais
PML	Prefeitura Municipal de Lavras
PPGDE	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFLA	Universidade Federal de Lavras

SUMÁRIO

1	O DESPERTAR PARA A PESQUISA	15
2	CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA DA HORTA DA COHAB.....	18
3	METODOLOGIA.....	25
3.1	Delineamento da pesquisa.....	25
3.2	Primeiros passos: a inserção no campo	30
3.3	Análise do corpus de pesquisa.....	35
3.4	Primeira etapa do ciclo analítico com a ATD: unitarização	37
3.5	Segunda etapa do ciclo analítico com a ATD: categorização	40
3.6	Terceira etapa do ciclo analítico com a ATD: comunicação	41
4	CATEGORIAS OPERACIONAIS DE ANÁLISE	43
4.1	Práticas Sociais.....	43
4.2	Agricultura Urbana.....	44
4.3	Autogestão	46
4.4	Cuidado Essencial	46
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	49
5.1	Principais resultados da análise do corpus.....	49
5.2	Aspectos associativos da Horta da Cohab	50
5.2.1	Horta comunitária e seus bens simbólicos.....	51
5.2.2	Valia social de hortas comunitárias	53
5.2.3	Adversidades que tencionam o coletivo	61
5.3	Práticas sociais da Horta da Cohab.....	65
5.3.1	Doação no acolhimento de pessoas.....	66
5.3.2	Ajuda mútua na identidade coletiva	71
5.3.3	Respeito à natureza orientando ações cotidianas	76
5.3.4	Preocupação em produzir comida sem veneno	80
5.4	Perfil socioeconômico dos membros da Horta da Cohab.....	85
5.4.1	As características do perfil socioeconômico: como elas retroalimentam as práticas sociais desse coletivo.....	86
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
	REFERÊNCIAS.....	97

1 O DESPERTAR PARA A PESQUISA

No ano de 2019, por ocasião da conclusão de uma disciplina, como aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão da Universidade Federal de Lavras – PPGDE/UFLA, intitulada Economia Solidária em Diálogos com o Desenvolvimento Solidário, ministrada pelo Prof. Dr. Benedito Anselmo Martins de Oliveira, o Bené, tive a oportunidade de conhecer a Associação dos Produtores de Hortaliças da Cohab, na cidade de Lavras no estado de Minas Gerais – MG. No contato com essa associação, conheci a sua história, o que despertou em mim um grande interesse por esse empreendimento.

Até o ano de 2019, eu não tinha um conhecimento mais aprofundado em relação à Agricultura Urbana – AU, por meio de hortas comunitárias, muito menos sobre a Economia Solidária – ES. Logo passei a me interessar e procurei saber mais sobre essas temáticas. Primeiro, pela importância da AU como meio transformador na qualidade de vida e segurança alimentar das pessoas. Segundo, por todo o contexto histórico, em que se iniciou e se desenvolveu a ES, como modo de produção e proposta alternativa, para a geração de emprego e renda ante ao capitalismo.

Como atividade de conclusão da referida disciplina, entre algumas possibilidades, optei por fazer um trabalho cujo objetivo foi verificar se a forma como estava organizada a Associação dos Produtores de Hortaliças da Cohab de Lavras, que aqui trataremos por Horta da Cohab, correspondia a um modo de produção de ES. Para tanto, fiz uma análise organizacional da horta, tendo como referência os princípios da ES¹, em uma única visita, por meio de entrevista semiestruturada. Como desdobramento dessa ação, concluí que sim, foi possível identificar, na Horta da Cohab, em maior e menor intensidade, características da ES.

Dessa estada na horta, também pude perceber, nas falas dos entrevistados, os laços afetivos com aquele espaço, a preocupação com a comunidade, o compromisso com o retorno social e os vínculos de amizade entre os membros.

Pelo exposto, as relações sociais se mostraram importantes por permearem de forma contundente suas atividades.

Foi assim que, naquela época, tive meu primeiro contato com a Horta da Cohab. Desta entrevista, entre tantas afirmações importantes do presidente da horta, Ronan Alves, uma delas

¹ De acordo com Laville e Gaiger (2009), o termo ES foi cunhado na década de 1990, quando, por iniciativa de cidadãos, produtores e consumidores, despontaram inúmeras atividades econômicas organizadas segundo princípios de cooperação, autonomia e gestão democrática (Laville; Gaiger, 2009, p. 162).

se destacou para mim: o fato de a Horta da Cohab ter sido a única que permaneceu ativa de 11 (onze) implantadas a partir do ano de 1998 na cidade de Lavras.

A experiência vivida, naquele dia de campo, marcou-me de tal forma que comecei a me questionar o porquê somente aquela horta continuou suas atividades em detrimento de tantas outras que não obtiveram esse êxito.

Desse questionamento, surgiu a questão geradora de minha reflexão que problematiza esta pesquisa:

Quais são as práticas sociais dos membros da Horta da Cohab que viabilizam a produção e reprodução da vida cotidiana desse coletivo e asseguram a sustentabilidade e a continuidade de suas atividades desde 1998, ou seja, por 25 anos, tendo em conta tantas outras hortas que se iniciaram no mesmo período, porém não conseguiram se manter na cidade de Lavras, MG?

Dito isso, faz-se importante conhecer o cotidiano desse coletivo, no que tange a suas práticas sociais, para, entre outras frentes, oportunizar a valorização da pessoa humana, mediante seus vínculos afetivos e organização social. Igualmente importante é entender e propagar essas formas produtivas que certamente contribuem para a segurança alimentar, qualidade de vida e identidade social de famílias e comunidades inteiras.

Nessa esteira, a pesquisa tem por objetivo compreender as práticas sociais dos membros da Horta da Cohab que, observadas no tempo, viabilizam a produção e reprodução da vida cotidiana desse empreendimento e asseguram a sustentabilidade e a continuidade das atividades desse coletivo.

No intento de atender ao objetivo geral, tenho como objetivos específicos:

- a) Identificar e descrever as atividades cotidianas dos associados que, observadas no tempo, constituem-se como características desse coletivo;
- b) Interpretar as atividades identificadas, por meio das manifestações dos membros, desvelando a atribuição de significado e criação de sentido de suas ações para, assim, constituir uma prática social;
- c) Verificar o perfil socioeconômico dos membros para evidenciar, como essas características retroalimentam suas práticas sociais e transformam socialmente seus participantes, ao influenciar e sofrer influência dessa organização.

O desafio de grupos sociais organizados, como empreendimentos autogestionários, como é o caso da Horta da Cohab, inseridos no atual contexto da ordem social capitalista, é enorme. A lógica solidária, como modo de produção alternativo, de novas formas de relações sociais com o mundo, choca-se com a lógica de produção hegemônica do sistema capitalista,

na qual a produção de desigualdades de recursos e poder, a concorrência e individualismo e, por fim, a exploração crescente dos recursos naturais são a tônica.

Nessa empreitada, situar a AU, que, no caso retratado da Horta da Cohab, materializa-se, por meio de uma horta comunitária, também se traduz em um importante recorte social de organização coletiva, baseado na comunidade, tendo em vista seu potencial de valorização de saberes tradicionais, geração de conhecimentos, ocupação e revitalização de espaços urbanos, sejam públicos ou privados, segurança alimentar, qualidade de vida das pessoas e novas formas de produção e reprodução da vida cotidiana por meio de práticas sociais.

À vista disso, o resultado é visibilizar como esse coletivo interage socialmente e, por conseguinte, quais as práticas sociais que oportunizam manterem-se produzindo e reproduzindo a vida cotidiana ao enfrentar as dificuldades que os confronta. Para a apresentação desta pesquisa, o texto está organizado em seis capítulos. Após essa introdução, o capítulo 2 apresenta a contextualização histórica da Horta da Cohab, o 3 trabalhará a metodologia de pesquisa, no 4 elenco as categorias operacionais de análise, no 5 exponho a análise e discussão dos resultados, finalizando o trabalho, no capítulo 6, dedico-me às considerações finais.

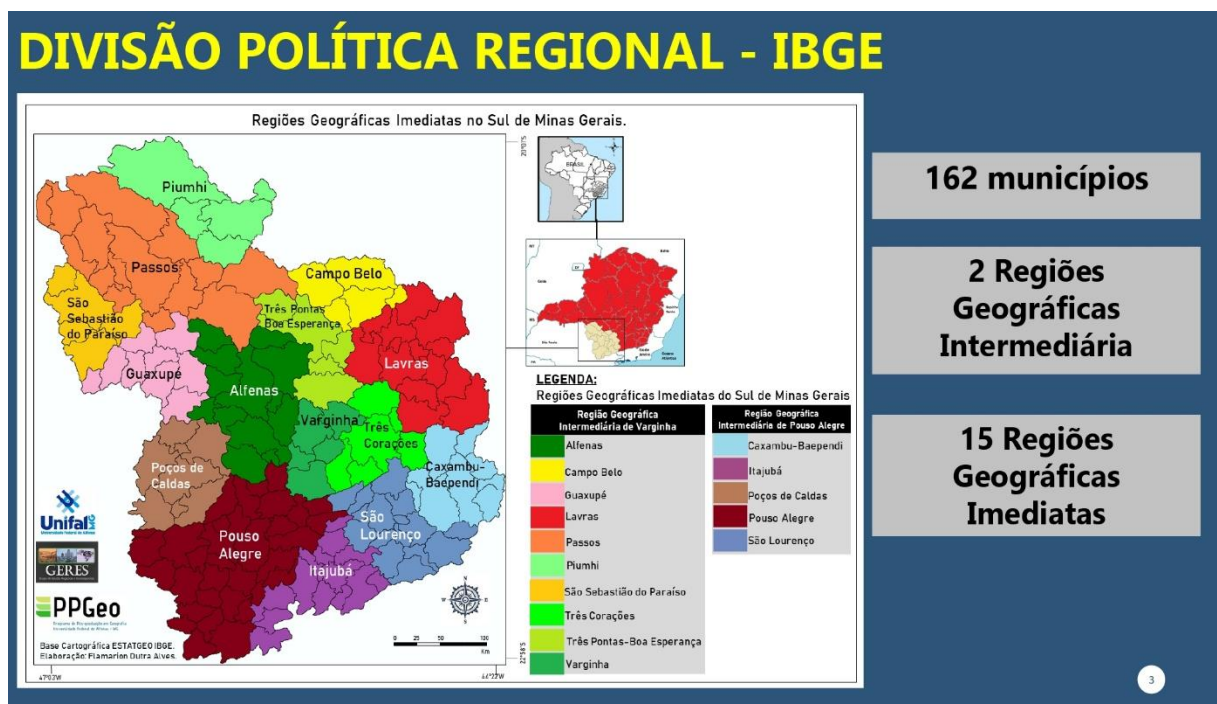
A seguir, no capítulo 2, farei uma breve contextualização histórica da Horta da Cohab e sua inserção na cidade de Lavras.

2 CONTEXTUALIZANDO A HISTÓRIA DA HORTA DA COHAB

Lavras é um município brasileiro da mesorregião do Campo das Vertentes, pertencente ao estado de MG (Mapa 1). Está a uma altitude média de 919 metros e possui uma área de 566,1 km². Sua população, em 2022, era de 104.761 habitantes. Os municípios limítrofes são: Carmo da Cachoeira, Perdões, Nepomuceno, Ribeirão Vermelho, Ijaci, Itumirim e Ingaí. A distância de Lavras até a capital do estado, Belo Horizonte, é de 237 km (IBGE, 2023).

Ao longo da década de oitenta do século passado, foi planejada a construção do conjunto habitacional Júlio Sidney Pinto, conhecido como Cohab. Tal empreendimento se deu pela reconfiguração espacial da cidade de Lavras, tendo em vista a dinâmica de seu desenvolvimento demográfico e de ocupação do território do município.

Mapa 1 - Localização de Lavras no Estado de Minas Gerais



Fonte: UNIFAL (2022).

O conjunto habitacional Júlio Sidney Pinto foi construído na zona Norte da cidade de Lavras pela Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais – Cohab Minas e entregue à população em 1988. A história da Horta da Cohab, criada em meados de 1998, está, portanto diretamente vinculada ao crescimento urbano da cidade de Lavras, pois surge, no bairro Cohab e dentro do contexto da expansão de novas áreas residenciais, que começaram a surgir no final dos anos 80.

Nos primeiros dez anos de ocupação do bairro Cohab, os moradores conviveram com um *bota-fora*² que ficava em uma faixa que margeia uma mata nativa (Área de Preservação Permanente – APP) nos fundos do bairro. Esse depósito clandestino trazia muitos problemas para o bairro, a saber: mau cheiro, descarte de animais mortos, proliferação de insetos e animais peçonhentos, entre outros. Constituía, portanto um problema para os moradores e à segurança de crianças e adultos.

Com o intento de resolver essa questão, um grupo de moradores, de forma espontânea, articulou-se e reuniu-se, na escola municipal José Luiz de Mesquita, para tratar do assunto. Dessa reunião houve o encaminhamento de entrar em contato com a prefeitura. Porém, antes do contato com a prefeitura, com o objetivo de formalizar o pleito, os participantes da primeira reunião acionaram também a Associação dos Moradores do bairro Cohab para juntos buscarem uma solução.

Formalizados os contatos, houve uma segunda reunião, na referida escola, entre Prefeitura Municipal de Lavras – PML, Associação dos Moradores do bairro Cohab e o Grupo que tomou a iniciativa. A primeira propositura foi de fazer uma praça. Porém, dada a extensão do terreno, delegou-se pela inviabilidade dessa opção, de imediato, porque já existia uma praça no bairro e, depois, pela extensão, como afirmado. Não havendo consenso, marcou-se uma nova reunião. Na terceira reunião, o prefeito da época trouxe consigo representantes da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais – Emater-MG. A Emater propôs então a criação de uma horta comunitária. A proposição, com o aval da Prefeitura, foi aceita por todos.

Como resultado da ação, que partiu de um grupo de moradores do bairro, como atores sociais e sujeitos de sua própria história, com uso de um espaço público (escola) para reunião, provocando a PML e envolvendo uma instituição do estado, a Emater, foi concebida a primeira Horta Comunitária de Lavras – MG, implantada em meados de 1998, no bairro Cohab (Vieira, 2022).

Sua constituição jurídica como associação ocorreu, conforme livro de atas, no dia 20 de março de 2010, sendo aclamado como presidente o Sr. José Evaristo e vice o Sr. Gabriel Jentino da Silva, com a denominação de Associação dos Produtores de Hortaliças da Cohab de Lavras. No Mapa 2, podemos observar a localização da Horta da Cohab, em relação ao bairro Cohab.

² Bota fora é a denominação local e popular dada a lugares que recebem entulho e lixo de forma clandestina na região de Lavras, MG.

Mapa 2 - Localização da Horta da Cohab em relação ao bairro Cohab



Fonte: Ferramenta Google Earth – elaborado pelo autor (2023).

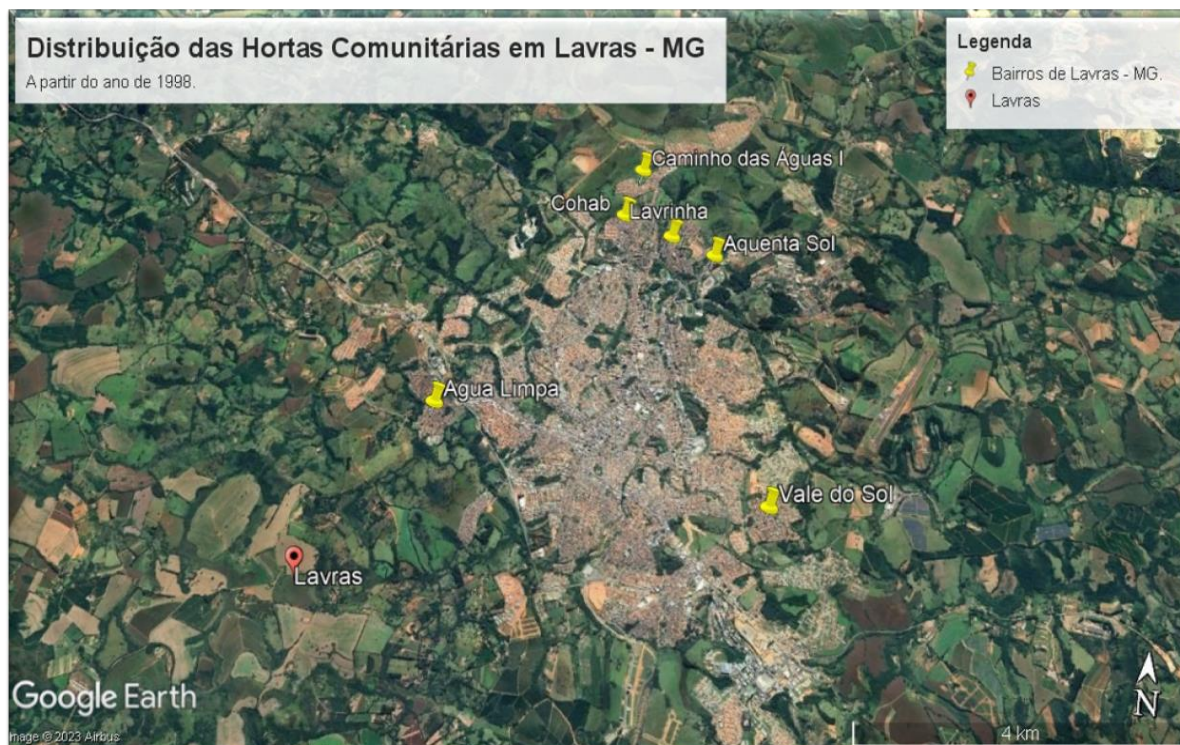
Um destaque importante se deve ao uso de espaços públicos por atores sociais para a instituição do *comum*³, haja vista que o terreno onde foi implantada a horta pertence ao Estado e ficava, até então, sob a responsabilidade do município e de órgãos de fiscalização ambiental, por englobar uma APP. Um convênio entre Prefeitura, Estado e a Horta da Cohab foi feito e originou o acordo de cessão pública para uso da área para fins de suas atividades.

Tal iniciativa deu origem, logo em seguida, a outros projetos de horta comunitária, na cidade de Lavras, como pode ser visto no Mapa 3, inspirados no resultado obtido com a implantação do projeto do bairro Cohab, conforme a saber:

- a) seis hortas no bairro Lavrinhas;
- b) 1 (uma) horta no bairro Aqueanta Sol;
- c) duas hortas no bairro Vale do Sol, e;
- d) 1 (uma) horta no bairro Água Limpa.

³ De acordo com Dardot e Laval (2017 apud Queiroz, 2020, p. 1), “o comum não é um bem, objeto, lugar ou coisa; antes, ele é uma instituição que se efetiva na esfera coletiva. Entendem que a priori ‘nada é comum em si ou por natureza’, mas são as práticas coletivas que decidem, em última instância, se uma coisa ou conjunto de coisas devem ser postas na esfera do comum. Situando historicamente, o comum é o princípio que anima a luta política neste início de século XXI, fortalecendo os mais diferentes movimentos sociais e suas lutas democráticas contra o avanço do neoliberalismo”.

Mapa 3 - Distribuição das Hortas Comunitárias, na cidade de Lavras, MG, a partir do ano de 1998



Fonte: Ferramenta Google Earth - elaborado pelo autor (2023).

Infelizmente, segundo informações do presidente da Horta da Cohab, Ronan Alves, colhidas no ano de 2019, a única que permaneceu ativa, oriunda daquele movimento social de hortas comunitárias de 1998, em Lavras, foi a da Cohab. As demais, que iniciaram suas atividades logo após, não conseguiram se manter e ter continuidade.

De acordo com minhas pesquisas, há duas hortas comunitárias, em funcionamento hoje, na cidade de Lavras, oriundas de movimentos sociais e com o envolvimento da esfera pública: a da Cohab, desde meados de 1998, e a Associação Comunitária da Horta do Caminho das Águas I, bairro vizinho à Cohab (Mapa 3), que começou suas atividades, recentemente, em 8 de julho de 2020, inspirados pela Horta da Cohab.

Atualmente a Horta da Cohab conta com 34 famílias envolvidas com a produção de hortaliças, tais como: acelga, agrião, alface, almeirão, brócolis, cebolinha, coentro, couve, escarola, espinafre, rúcula e salsa. Os membros produzem também algumas frutas como abacate, acerola, banana, mamão e uva. Há o cultivo de plantas aromáticas e condimentares, como: orégano, tomilho, manjerição, entre outras. É comum entre todos o cultivo de plantas medicinais de forma que a horta possui uma grande variedade de espécies.

Esteticamente, a horta se apresenta com uma cerca principal de tela com mourões de cimento que a delimita com o bairro Cohab. A construção dessa cerca foi possível por um

projeto com a UFLA. Inclusive, parcerias com a UFLA também possibilitaram, no decorrer de sua história, mais projetos ligados às áreas de infraestrutura, capacitação e práticas em campo de cultivo e manejo.

Além dessa cerca principal, existe um outro cercado à frente de cada conjunto de canteiros, formando um corredor, o qual facilita o trânsito deles, sem precisar sair à rua, melhorando a interação e a vigília dos espaços.

A Horta da Cohab possui 1,2 hectares de área e tem em sua topografia espaços cultiváveis que ora ficam mais estreitos e nivelados com a rua e ora se estendem, depois de certo desnível, rumo à água que corre nos fundos (minas d'água). Esse espaço a mais se configura na oportunidade de mais um membro.

Para fins de delimitação do espaço de cada membro, a horta se organiza com a medida por metros lineares (medidas de frente) que cada qual possui em relação à rua que a delimita com o bairro Cohab. Nos limites dessa medida frontal, está o conjunto de canteiros e/ou espaços em que cada membro pode cultivar a sua produção.

Existem várias minas d'água que nascem na mata nativa que está dentro do espaço da horta. Eles consomem essa água para o cultivo. Contudo, caso necessitem de mais água, existe um reforço disponibilizado, por meio de um convênio entre a PML e a Companhia de Saneamento de Minas Gerais – Copasa, sendo essa água fornecida de forma gratuita. Até o momento, não houve a necessidade de energia elétrica.

Os membros têm a liberdade, para cultivar a terra produzindo hortaliças, frutas, plantas medicinais, raízes tuberosas (crescem debaixo da terra), mel, entre outras, de acordo com a sua preferência, afinidade e finalidade de produção. Sendo assim, quando olhamos para a Horta da Cohab (Fotografia 1), podemos ver representados esses cultivos de forma harmoniosa com a mata nativa que também integra esse espaço.

Fotografia 1 - Organização estética da Horta da Cohab



Fonte: Do autor (2023).

Uma matéria publicada no site da Emater, em 2020, com o título “Área abandonada vira horta comunitária em Lavras, no Sul de Minas Gerais” dá conta do trabalho de implantação da Horta da Cohab. O projeto teve seu reconhecimento no prêmio Melhor Ação 2019 e ficou em

2º lugar. O Melhor Ação é uma iniciativa da Emater-MG, que seleciona os melhores projetos e ações no estado, desenvolvidos em seus escritórios. A seguir, na Fotografia 2, podemos observar uma visita de representantes da Emater na Horta da Cohab por ocasião do prêmio Melhor Ação. Da esquerda para a direita, temos o membro da horta Antônio de Abreu (Tonho), o técnico Elter Vieira, a secretária Goreti Aquino e a extensionista Carla Alvarenga, ambos do escritório Emater de Lavras (Avelar, 2020).

Fotografia 2 - Visita de representantes da Emater-Lavras à Horta da Cohab – Prêmio Melhor Ação 2019



Fonte: Avelar (2020).

É nessa perspectiva, com grande potencial de mobilização de pessoas, melhoria na segurança alimentar, na qualidade de vida, na geração de ocupação e renda e valorização da pessoa humana, que a pesquisa procurou compreender as práticas sociais da Horta da Cohab de Lavras, MG.

Apresento, na sequência, o capítulo metodologia, em que descrevo o processo da pesquisa para os procedimentos de coleta e análise dos dados.

3 METODOLOGIA

O capítulo metodologia será dividido em três partes com o intuito de melhor organizar e apresentar as escolhas metodológicas.

Senão vejamos: a parte 1 trabalhará o delineamento da pesquisa. Na parte 2, apresento os meus primeiros passos de inserção no campo de estudo e finalizo com a parte 3, na qual esclareço o passo a passo de como foi realizada a análise do *corpus*⁴ de pesquisa.

3.1 Delineamento da pesquisa

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa, com uma metodologia de estudo de caso, implementada com um trabalho de campo.

A pesquisa qualitativa estuda aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano. Os objetos de uma pesquisa qualitativa são fenômenos que ocorrem em determinado tempo, local e cultura (Enciclopédia Significados, 2024).

Segundo Denzin e Lincoln (2006, apud Augusto *et al.*, 2013, p. 747), “a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem”. Seguindo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouain (2005 apud Souza, 2017, p. 11) afirmam que “a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles”. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa preza pela descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem.

O estudo de caso, por sua vez, segundo Gil (2008, p. 57), “é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados”.

De acordo com Yin (2005 apud Gil, 2008, p. 58), “o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as

⁴ Corpus de pesquisa se refere ao conjunto de todas as informações obtidas, durante a execução do projeto e que servirão de fontes para primeiro obter os resultados e, num segundo momento, fazer a análise e discussão destes para validá-los. Compõem o corpus os documentos, os registros textuais das observações e dos discursos, a entrevista semiestruturada e outros registros como fotografias, áudios e audiovisuais.

fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência”.

Nessa circunstância, conforme Gil (2008, p. 58), o estudo de caso vem sendo utilizado com frequência cada vez maior pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisas com diferentes propósitos, tais como:

Explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e, explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Pelo exposto, a abordagem qualitativa traz luz para dar expediente à problematização do estudo, uma vez que a reflexão que levou ao questionamento indaga: que fenômeno é esse que confere a esse empreendimento longevidade e manutenção de suas atividades em detrimento de outros, que embora com as mesmas características e propositura, não conseguiram se manter?

No que lhe diz respeito, o estudo de caso, como observado por Gil (2008, p. 58), “investiga o fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade”. A partir dessa afirmação, temos que a pesquisa se alinha com os pensamentos de Gil, pois está delimitada à Horta da Cohab, com vista a identificar, descrever e interpretar as causas do fenômeno para que, de modo apropriado, possa apreendê-lo.

Dito isso e, considerando a exposição da metodologia do estudo de caso, que aqui obviamente não o esgota, utilizarei como fontes, para acessar e acompanhar as atividades dos membros da Horta da Cohab, o método da observação participante.

Antes de seguir para uma explicação mais objetiva do método, segundo autores sobre esse tema, é relevante apresentar os períodos em que foi realizado o trabalho de campo.

O trabalho de campo foi desenvolvido, em duas etapas, sendo a primeira etapa de 1º de novembro de 2022 a 31 de março de 2023, intitulada de *convivência preliminar*⁵ de pesquisa. A segunda etapa, execução do projeto de pesquisa, foi realizada de 1º agosto de 2023 a 31 de dezembro de 2023. O intervalo entre as duas etapas, que compreende os meses de abril a julho de 2023, serviu à preparação e apresentação do projeto para a qualificação.

⁵ Por convivência preliminar, considero a investigação das condições e possibilidades de execução da pesquisa. No caso, essa investigação incluiu visitas ao objeto de estudo, análise documental e contatos diretos com os participantes. A convivência preliminar também se constitui como um importante processo para leituras, reflexões preliminares do vivido e apontamentos do referencial teórico de pesquisa.

Continuando, a observação participante consiste na participação ativa e/ou real do convívio na vida da comunidade ou do grupo de estudo. “Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí porque se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo” (Gil, 2008, p. 103).

Na perspectiva da *Etnometodologia*⁶, a observação participante é um método aplicado para escutar e ser um participante das conversações naturais em que emergem as manifestações com os significados e sentidos que os participantes dão às suas atividades. Nesse sentido, Coulon (1995) traz o conceito de ‘pôr-se à espreita’, como uma das formas de o pesquisador se portar diante das situações que vivencia em campo:

‘Pôr-se à espreita’ é um dos traços da observação participante. Isto consiste em observar o maior número de situações possíveis no decorrer da pesquisa de campo. Pela ‘espreita’, o pesquisador tenta ver aquilo que o sujeito vê. A ‘espreita’ etnográfica é uma solução para o problema da posição do observador face à diversidade dos comportamentos sociais. Permite não apenas observá-los, mas também descobrir o que os participantes dizem a esse respeito (Coulon, 1995, p. 91).

No trecho a seguir, podemos verificar a efetividade desse método de pesquisa, com meu próprio depoimento de uma vivência ocorrida na manhã do dia 29/09/2023, sexta-feira, quando já estava com sete meses de trabalho de campo:

Era mais uma manhã em um lindo dia de sol no cotidiano da Horta da Cohab. Nesse dia, eu estava ajudando o Sr. Martinho em sua horta. Ele precisou sair para fazer a entrega de cebolinhas em um açougue e, como nossos laços já eram de mútua confiança, fiquei sozinho cuidando de seu espaço.

Enquanto trabalhava na preparação de um canteiro para plantar alfaces, o Dimas, que também é membro, apareceu e parou na rua em frente à horta do Sr. Martinho e começou a conversar comigo, como normalmente eu faço com os membros. Parei e dei atenção a ele como fazem comigo, mas tinha hora que eu continuava trabalhando, enquanto conversava com ele, para não atrasar o serviço, mas sempre que podia lhe dirigia o olhar e conversava, do mesmo jeito que fazem comigo.

Foi muito gratificante a minha consciência de naquele momento me perceber como membro e isso me deixou muito feliz, pois o Dimas se dirigia a mim e compartilhava o seu dia a dia e o da horta com todo respeito e como igual.

Depois de um certo tempo, o Sr. Martinho retorna e fica no corredor que separa a horta da rua e se junta a nós na conversa. Rodolfo, outro membro, que é vizinho de horta do Sr. Martinho, por sua vez, se aproxima e os três

⁶ Harold Garfinkel é considerado o iniciador da Etnometodologia. Trata-se de um movimento de corrente sociológica que se desenvolveu nos Estados Unidos e tem como principal obra literária o livro ‘Studies in Ethnomethodology’ publicado em 1967. Para aprofundamentos na compreensão da corrente sociológica da Etnometodologia, sugiro a seguinte literatura: (Coulon, 1995).

conversam e eu acompanho e participo - como membro - da conversa cotidiana sobre cultivo e outros assuntos da horta (Evânio - DC 29/09/2023).

A Fotografia 3, a seguir, foi tirada nesse dia e mostra uma visão panorâmica da Horta da Cohab, a partir do espaço do Sr. Martinho.

Fotografia 3 - Manhã na Horta da Cohab



Fonte: Do autor (2023).

No trabalho de observador participante, as fontes de registro foram assentadas nos seguintes procedimentos: no diário de campo, nas conversas informais e na entrevista semiestruturada.

Em relação ao diário de campo, segundo Pinto (1987 apud Falkembach, 1987, p. 3-4):

Nele se anotam todas as observações de fatos concretos, fenômenos sociais, acontecimentos, relações verificadas, experiência pessoais do investigador, suas reflexões e comentários. Ele facilita criar o hábito de observar com atenção, descrever com precisão e refletir sobre os acontecimentos de um dia de trabalho.

Autores como Coulon (2004 apud Bispo, 2011, p. 82), Francis e Hester (2004 apud Bispo, 2011, p. 82) e Ten Have (2005 apud Bispo, 2011, p. 82) destacam que “as conversas informais contribuem muito para a obtenção de informações, uma vez que possibilitam ao pesquisador interagir com as pessoas de uma maneira mais natural”. Em muitos casos, ao mesmo tempo em que o pesquisador está conversando com as pessoas, pode acompanhar o

trabalho que elas estão desenvolvendo. Nesse caso, o caráter mais formal de uma entrevista é abandonado e as pessoas são colocadas em uma condição mais natural na narração dos temas que vão surgindo (Bispo; Godoy, 2012).

Portanto as conversas informais se constituem, também, como uma importante fonte de informações.

Outro importante procedimento é a entrevista semiestruturada. Para Triviños (1987, p. 146), “a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador”. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]”, além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (Triviños, 1987, p. 152).

Uma exigência para a presente pesquisa, por sua natureza, inclusive para a aplicação da entrevista semiestruturada, bem como a obtenção junto aos participantes do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, foi a sua submissão e aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – COEP da UFLA.

A pesquisa também foi devidamente registrada e aprovada no sistema *Plataforma Brasil*⁷, identificada pelo código CAAE: 70117023.0.0000.5148.

Entre os ditames do TCLE, é oportuno salientar que, no item III (Procedimentos do Experimento), ficou estabelecido que a identidade dos membros será mantida no mais absoluto sigilo, salvo expressa autorização para divulgação. Essa condição se estende às falas dos membros que, no caso desta pesquisa, terão suas identidades mantidas em sigilo, por meio de nomes fictícios, salvo expressa autorização para divulgação. De outro modo, a referência será feita, quando a identificação é pública e de livre acesso, como é o caso do nome do presidente da Horta da Cohab e, no caso de fotos utilizadas em publicações de livre acesso por órgãos oficiais, como a foto utilizada do *site* da Emater.

Fechando o ciclo do delineamento, temos a utilização da ferramenta análise de documentos.

⁷ A Plataforma Brasil é um sistema vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP e ao Ministério da Saúde. Trata-se de uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema dos Comitês de Ética em Pesquisa - CEP/Conep. Ela permite que as pesquisas sejam acompanhadas em seus diferentes estágios - desde sua submissão até a aprovação final pelo CEP e pela Conep. A ferramenta torna o processo de submissão e apreciação ética dos projetos de pesquisa, mais seguros, rápidos e confiáveis (Conselho Nacional de Saúde, 2024).

De acordo com Ten Have (2004 apud Bispo, 2011, p. 80), “os documentos são úteis para acessar e contribuir no entendimento da história de uma organização ou parte dela, além de facilitar a compreensão da própria construção do documento e a sua finalidade, assim como alguns aspectos institucionais”.

Apresentado o planejamento da pesquisa, compartilho, a seguir, os primeiros passos da minha inserção no campo. Os relatos apresentados, nesse segundo item do capítulo metodologia, têm por intuito contribuir no entendimento de como se deram as minhas ações práticas, enquanto pesquisador, para me aproximar dos membros da Horta da Cohab e trabalhar com eles à luz do delineamento aqui apresentado.

3.2 Primeiros passos: a inserção no campo

Primeiramente, entendo ser importante me qualificar profissionalmente. Sou graduado em Administração, com atuação profissional, notadamente, voltada para o modo de produção capitalista, na condução de estratégias no meio corporativo, com vista ao planejamento, organização, execução e controle de processos para maximizar o uso de recursos. Essa formação e atuação me fez ter muitos estranhamentos em relação às atividades cotidianas da Horta da Cohab. Entre eles, destaco o fato de o lado econômico não ser “motor” que os motiva a estarem ali trabalhando e convivendo uns com os outros e com a comunidade em seu entorno. Contudo a minha aproximação junto a esse coletivo, nessas condições, contribuiu com o projeto e se tornou uma rica experiência pessoal, profissional e acadêmica no decorrer da pesquisa.

Assim como o trabalho no campo me trouxe estranhamentos, as pessoas que ali se relacionam com eles também se surpreendem. Vejamos um relato:

Eu estava trabalhando junto com o Sr. Martinho em sua horta preparando uns canteiros quando chega uma senhora para comprar produtos. Ela acaba escolhendo um pouco de pimenta, um maço de hortelã e uma cabeça de alface. Quando ela perguntou o preço, o Sr. Martinho respondeu:

— “Não é nada não”.

Ela surpresa disse:

— “O senhor deve cobrar por isso”. — Certamente não está acostumada a ver esse tipo de atitude nos ambientes que frequenta.

Assim o diálogo prosseguiu, e ele cobrou um valor justo pelos produtos (Martinho - DC 19/01/2023).

Retomando os meus primeiros passos de inserção no campo de pesquisa, no dia 31/08/2022, numa quarta-feira, já no fim da tarde, fui à Horta da Cohab para falar com o seu presidente, Ronan Alves, sobre o projeto.

Ronan estava no seu espaço, como de costume, realizando suas atividades.

Eu estava muito, muito apreensivo, pois, depois daquele nosso breve contato em 2019, pela disciplina do Prof. Bené, não retornei à horta. Outro ponto importante que preciso compartilhar é o fato de ter feito todo um projeto de vida, para a realização do mestrado, confiando positivamente nessa resposta que eu não sabia qual seria. Isso explica bem minha apreensão!

Ronan se lembrou de mim e a recepção foi calorosa. Naquele momento, ele disse que eu poderia, “sim”, desenvolver o projeto com eles. Seu entusiasmo em descrever as atividades dos membros me envolveu e me fez confiar que estava no caminho certo. Expliquei-lhe como seria o projeto, os objetivos e explanei, em linhas gerais, como se daria a pesquisa em campo. Sempre atencioso com as pessoas que o procuram, Ronan ficou muito satisfeito com o contato e se colocou à disposição para colaborar. Na ocasião, ele comentou que a horta estava regularizada e que, recentemente, eles se uniram e cada qual contribuiu para pagar uma documentação que estava pendente. No caso, ele se referia à atualização cadastral como pessoa jurídica.

Aliviado e feliz com a resposta positiva, comentei que dentro de alguns meses iniciaria o trabalho de campo.

Assim, despedimo-nos!

Para iniciar a conversa com o Ronan, a estratégia foi me apresentar como um ex-morador, do bairro Lavrinhas (um dos primeiros de Lavras) e vizinho da Cohab. Realmente fui morador desse bairro até meus 36 anos de idade e ainda hoje continuo indo lá para visitar meu Pai. Ronan, inclusive, lembrou de minha família. Pela proximidade de bairros, usei esse artifício como forma de apresentação inicial junto aos membros. Essa troca de conversas sobre conhecidos e parentes me propiciou muitas oportunidades. De certa forma, queria deixar transparecer para eles a ideia de “ser gente deles”, embora sendo um estranho em seu convívio.

Continuando com minhas estratégias, para adentrar no campo de pesquisa, de imediato, percebi que o Ronan trabalhava enquanto falava comigo. De longe, não se trata de desrespeito ou falta de atenção, é o jeito deles na “lida” diária, que não para. Aquilo já me deu um alerta, no caso, uma ideia. Pensei: se eu quiser fazer alguma coisa com eles, vou ter que trabalhar com eles, “ser um deles”. Aliás, para mim, esse ponto foi uma questão de sobrevivência, uma aposta

para fazer acontecer. Logo a observação participante não envolveria apenas acompanhar as atividades e, sim, fazer parte delas como “iguais”.

No planejamento do meu retorno, para iniciar a convivência preliminar, decidi que iria com roupas simples e confortáveis para ajudar no trabalho. Para isso, sempre fui com calças de moletom, camiseta, tênis confortável e boné. Primeiro, para compreender as atividades diárias e as falas, nos seus contextos de forma mais natural, à medida que os assuntos surgissem. Segundo, para interagir com eles e fazer minhas observações. Assim o fiz nos dez meses de trabalho de campo.

Convivi com eles, trabalhei com eles, circulei por entre eles, conheci suas hortas, ouvi seus relatos de vida e de participação como membros. Conheci diretamente e com proximidade de contato 26 (vinte e seis) dos atuais 34 (trinta e quatro) membros.

As atividades na horta acontecem com um maior número de membros, em um mesmo momento, no período da manhã. De manhã é quando os consumidores aparecem, em maior número, para comprar produtos, as pessoas passam fazendo caminhada, os moradores do bairro circulam e, muitas vezes, param para conversar com os membros. Na parte da tarde, o número de membros, em um mesmo momento, torna-se menor. Eles relatam que, em razão do calor, retornam mais para aguar as plantas no fim de tarde e/ou fazer alguma atividade pendente.

De acordo com a entrevista realizada, todos os membros, fundadores ou efetivos, têm algum rendimento externo à horta, seja aposentadoria, licença remunerada, trabalho formal registrado ou trabalho autônomo, exceto uma integrante. Sendo assim, para os que têm outra atividade laboral, em horário comercial fora da horta, resta desenvolver suas atividades, logo bem cedo ou nos fins de tarde, finais de semana e feriados.

As visitas a campo ocorreram majoritariamente nos períodos da manhã, inclusive em alguns feriados e fins de semana. Nos fins de tarde, também, houve acompanhamento, todavia em menor número. Nessa dinâmica, pude conhecer a realidade desse coletivo.

Como estratégia de pesquisa, também é importante ressaltar o respeito aos seus espaços e o saber dosar até onde podemos ir com nossas participações no convívio diário. Eu ficava do lado de fora da cerca que separa a horta da rua e, assim, conversava com os membros. Entrar nos espaços, só quando convidado. É o que chamo de saber seu lugar! Nada que tenha gerado desgastes, pelo contrário.

Nos dois trechos, a seguir, podemos ver duas de tantas situações, logo no início do trabalho de campo, em que o respeito à individualidade e aos espaços foi observado.

Enquanto preparava a terra, o Sr. Martinho me disse:

— “O Nogueira tá ali em baixo se ocê quiser ir conhecer ele”!

Vi que era ora de dar um espaço para o Sr. Martinho trabalhar e acatei a sua sugestão (Martinho - DC. 08.11.2022).

Cheguei bem cedo e me apresentei ao Sr. Gaspar. Um pouco desconfiado ele disparou:

— “Minha horta é pequena o Sô Martinho já deve ter te explicado tudo”.

Com muito jeito aguardei uma oportunidade e aos poucos expliquei o meu intuito, sem ser invasivo (Gaspar - DC. 11.11.2022).

Do convívio com os membros, consegui entender que, com alguns, eu poderia trabalhar junto, ajudando na lida diária, fazendo canteiros, plantando, capinando, transportando insumos, enfim, contribuindo em todas as suas atividades. Já com outros, percebi que não necessitavam tanto dessa ajuda pelo tamanho do espaço e a finalidade do cultivo (consumo próprio e em alguns casos venda das sobras). Por não necessitarem, devemos considerar também que, em algum momento particular – isolado – a minha presença pudesse ter causado algum desconforto para a ajuda em alguma atividade. De toda forma, uma boa conversa sempre foi bem-vinda.

Aos poucos percebi que aconteciam reuniões diárias, principalmente de manhã, quando se juntavam na rua em frente ao espaço de algum membro para conversar. Essas reuniões também aconteciam em visitas que uns faziam aos outros. O que chamo de reuniões, na verdade, são conversas animadas e amistosas cujos assuntos do dia a dia, como política, questões do bairro, do cotidiano e da horta, são debatidos. Não têm hora marcada e nem participantes definidos, em que todos podem livremente se achar e participar, inclusive, amigos do bairro. Dessas reuniões participei ouvindo atento às histórias, os saberes que carregam consigo, seus anseios e como articulam questões internas e comentam sobre a horta. Logo dividia o meu tempo em aprender a cultivar e, em outros momentos, aproveitava a oportunidade para me aproximar daqueles que se articulavam nessas conversas.

Compartilho, a seguir, um de tantos momentos em que pude participar dessas conversas, que foram devidamente registradas no diário de campo:

Era uma agradável e fresca manhã de sexta-feira, dia 02/12/2022, já com um mês visitando-os. Comecei a ouvir a conversa de três membros: Caetano, Mário e Coutinho.

Caetano falava de uns pés de abacate que ele plantou nos fundos de seu espaço e imaginou que não iria dar nada e estão carregados.

E o assunto fluía.

Falavam de pés de manga e das frutas que vivem dando muito bicho.

Coutinho ressalta:

— "Se tem bicho é porque é saudável, se tivesse veneno não teria — exclama sorrindo"! Comentam que têm pés de manga muito antigos nos fundos da horta. Coutinho argumenta:

— "O que não colhe os passarinho come".

Caetano concorda:

— "Os bichinho comi tadinho".

Mário diz que vai procurar mudas de manga ubá para dar para o Caetano e comenta:

— "As laranjeira e otros pé de fruta hoje dá rápido e dura poco".

Caetano concorda e diz:

— "Uai as laranjeira antigamente produzia por 15 ano. Hoje isso acabô". E afirma:

— "Antigamente as fruta na roça alimentava os panhador de café".

Coutinho comenta:

— "Hoje ocê vai pras roça e só vê braquiária, lavoura de café e mato". Continua:

— "Cê não vê tantos animal e passarinho".

Todos se olham e afirmam:

— "É veneno"!

Caetano comenta que as roça de milho antigamente colhia com seis meses. Hoje colhe com três meses. Ele atribui isso à veneno e emenda dizendo:

— "As pombinha trocal e canarinho vivia nas roça comendo semente e hoje tá na porta da cozinha das casa na cidade por conta dos veneno".

Nesse momento, reparo por um instante a quantidade de pássaros cantando ao nosso redor, abrigados na horta.

Participar desse momento de reunião entre eles, em tom alegre, amistoso e sem pensar no tempo – ninguém pensava no tempo – me fez ter recordações de quando era criança, no bairro onde fui criado e lembrar-me das rodinhas de amigos e das brincadeiras. Coloquei-me a pensar: em que ambiente organizacional na correria e individualismo dos dias atuais podemos contemplar essas vivências amistosas e saudáveis?

Ficamos por mais de uma hora e meia ali rindo e eu ouvindo-os falando de tudo. Surgiam assuntos de organização da horta, de reflexão do porquê fazer certas coisas, dos acontecimentos dos noticiários, da violência no bairro, mas também assuntos engraçados sobre beleza, política, mulheres, enfim a conversa caminhava e todos falavam ao mesmo tempo. Um puxava um assunto e o outro continuava.

E começaram as comparações das atrizes e apresentadoras de televisão dizendo que “são muito bonita porque usa muita maquiagem”, sempre em tom descontraído. Sobrou para os homens artistas, cantores e comuns que pintam o cabelo, barba e passam pasta (maquiagem).

—“Es qué ficá novinho”. — Exclama Caetano e finaliza:

—“Minha pele acompanha meu coração no batido que ele tá tô eu” (Caetano; Mário; Coutinho - DC 02/12/2022).

Para finalizar minhas estratégias de inserção no campo, optei por fazer os registros no diário de campo, depois que voltasse para casa. Contudo, entre o intervalo de saída do campo e o registro no diário, comecei a fazer áudios no celular onde relatava para mim mesmo toda a vivência daquele dia. Assim, ao sair da horta, eu parava na pracinha central do bairro para conversar comigo mesmo. No meu caso, ficou mais fácil para apreender a vivência do dia e buscar na emoção as cenas, palavras e gestos da interação vivida.

O delineamento apresentado permitiu a vivência de ricas experiências de convívio, como “um membro da Horta da Cohab” e que, para fins de pesquisa, assenta-se na seguinte ideia:

A vida social é metodicamente realizada pelos membros. Nas características dessas realizações residem as propriedades dos *atos sociais*⁸ da vida cotidiana: o caráter repetitivo, rotineiro, padronizado, trans-pessoal e trans-situacional dos modelos da atividade social do ponto de vista do membro (Coulon, 1995, p. 91).

Para finalizar esse capítulo, passo a apresentar na parte 3.4 - Análise do Corpus de Pesquisa, como foi o processo de análise, utilizando a Análise Textual Discursiva - ATD. Por meio dessa abordagem de análise de textos e discursos, foi possível observar, no cotidiano da Horta da Cohab, tendo como critério a identificação e a incidência no tempo, três aspectos associativos e quatro práticas sociais, mas isso é assunto para os resultados da pesquisa e a análise e discussão dos resultados.

3.3 Análise do corpus de pesquisa

A análise do corpus de pesquisa na abordagem qualitativa é um momento de grande importância para o pesquisador, à medida que sua correta aplicação, alinhada com a

⁸ Segundo Coulon (1995, p. 24), [...] devem-se considerar os fatos sociais como realizações práticas. O fato social não é um objeto estável, mas o produto da contínua atividade dos homens, que aplicam seus conhecimentos, processos e regras de comportamento.

problematização, com os objetivos e metodologia, traz para os resultados a realidade vivenciada em campo e, principalmente, representa aquilo que os atores participantes querem mostrar e dizer com suas atitudes, ações e manifestações.

Ante o exposto, dedico um destaque para a ATD, como forma de análise do corpus desta pesquisa, aqui constituído pela metodologia do estudo de caso, o método da observação participante e suas fontes de pesquisa e a ferramenta análise de documentos.

A ATD, como abordagem de análise de textos e discursos, proposta pelos pesquisadores brasileiros Roque Morais⁹ e Maria do Carmo Galiuzzi¹⁰ vem sendo muito utilizada em pesquisas qualitativas nas mais diversas áreas do conhecimento (Moraes, 2003).

A ATD se contrapõe a uma perspectiva de abordagem quantitativa, à medida que se aproxima da hermenêutica, a fim de superá-la. Partindo dessa premissa, podemos acompanhar uma ampliação desse entendimento no trecho a seguir:

[...] a análise textual discursiva, ao pretender superar modelos de pesquisas positivistas, aproxima-se da hermenêutica. Assume pressupostos da fenomenologia, de valorização da perspectiva do outro, sempre no sentido da busca de múltiplas compreensões dos fenômenos. Essas compreensões têm seu ponto de partida na linguagem e nos sentidos que por ela podem ser instituídos, implicando a valorização dos contextos e movimentos históricos em que os sentidos se constituem. Nisso estão implicados múltiplos sujeitos autores e diversificadas vozes a serem consideradas no momento da leitura e interpretação de um texto (Sousa; Galiuzzi, 2016, p. 38).

Desse modo, o esforço, para analisar o corpus da pesquisa, procurou no ciclo analítico da ATD identificar palavras-chave, que observadas e repetidas no tempo, representam a realidade cotidiana da Horta da Cohab. Esse exercício analítico “[...] equivale à construção de estruturas compreensivas dos fenômenos, posteriormente expressas em forma de textos descritivos e interpretativos” (Moraes; Galiuzzi, 2007, p. 74).

A Figura 1 representa o ciclo analítico da ATD. Seguindo esse processo, demonstrarei o passo a passo da análise feita no corpus, com vista a atender à problematização e aos objetivos da pesquisa.

⁹Foi doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1991) e professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professor visitante da Fundação Universidade do Rio Grande. Faleceu no ano de 2012.

¹⁰Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, RS, Brasil.

Figura 1 - Ciclo analítico da Análise Textual Discursiva



Fonte: Medeiros e Amorim (2017).

Temos, portanto, representadas na Figura 1, as três etapas principais, conforme Moraes (2016), para uma ATD, a saber:

3.4 Primeira etapa do ciclo analítico com a ATD: unitarização

Implica fazer uma impregnação do corpus com um exame detalhado. Nessa primeira etapa, temos três momentos distintos (a, b, c) para verificar palavras que dão sentido às atividades.

Vejamos, então, no contexto prático aplicado a esta pesquisa, os três momentos distintos da unitarização, de acordo com Moraes (2016):

- a) Fragmentação dos textos e codificação de cada unidade.

O primeiro momento distinto da primeira etapa, a unitarização, é a fragmentação dos textos e a codificação de cada unidade. Nesse momento, torna-se importante a iteração proporcionada pela ATD, tendo em vista as passagens pelo diário de campo na busca pelo entendimento do que os membros querem dizer com suas palavras, com o modo como trabalham e vivenciam a sua vida cotidiana. A etimologia das unidades, representadas por palavras-chave, também contribuiu para com esse entendimento nessa primeira etapa do ciclo analítico.

Os excertos, a seguir, como exemplo prático, demonstrado no Quadro 1, contêm as falas dos membros, que, observadas no tempo, foram identificadas e registradas no diário de campo em dada circunstância – temos a fragmentação. Para efeito didático, não está exposto todo o contexto das falas e foram escolhidos excertos que, de forma direta, retratam em si a unidade que representa a manifestação.

A utilização de diferentes cores, como códigos, para se referir à cada unidade, no momento da leitura do diário, foi fundamental para a organização e condução dessa etapa e das subsequentes.

Quadro 1 - Fragmentação do corpus e codificação de cada unidade

DC	Excertos: codificação da unidade	Unidade
25/11/2022	— <i>Aí eu sempre faço doação pra quem precisa e me pede.</i>	Doação
18/01/2023	— <i>A horta ajuda muito em casa na alimentação</i>	Valia
02/02/2023	— <i>Pois é, se a horta tiver bonita todos ganham.</i>	Adversidade
24/02/2023	— <i>E o mais importante nós temos aqui que é a água.</i>	Respeito
24/02/2023	— <i>As hortaliça é muito boa e saudável, sem veneno</i>	Veneno
07/10/2023	— <i>A horta é uma terapia, mexer aqui é bom.</i>	Bem-estar
22/11/2023	— <i>Um passa muda pro outro. Eu acho importante.</i>	Ajuda

Fonte: Do autor (2023).

Os outros dois momentos distintos (b e c) são os seguintes:

- b) A reescrita de cada unidade de modo que assuma um significado o mais completo possível em si mesma;
- c) Atribuição de um nome ou título para cada unidade assim produzida.

A reescrita e titulação, feitas em um mesmo movimento, têm como ponto de partida a unidade, representada por palavras-chave que foram identificadas no processo de fragmentação/codificação. Acompanhemos esse processo no Quadro 2.

Quadro 2 - Reescrita e titulação de cada unidade representadas pelas palavras-chave

Unidade	Excertos reescritos: criação de significado amplo	Título da Unidade
Doação	Desprendimento dos membros da horta, no cuidado com as pessoas que ali buscam ajuda material, pelas hortaliças e plantas medicinais e afetivas, pelo compartilhamento de memórias, do cotidiano e troca de saberes. A doação se traduz em prática que aproxima o afeto das e com as pessoas pela convivência, religiosidade, memórias de vivências e manifestação de saberes e trocas culturais.	A doação como elo para o acolhimento material e afetivo.
Valia	Verificam-se as várias frentes trabalhadas e oportunizadas, por meio da horta comunitária, que podem beneficiar um coletivo, uma comunidade. É possível observar ainda, nos dias atuais as consequências do êxodo rural nas cidades, bem como as possíveis soluções para dar atendimento à essa questão.	O potencial transformador de hortas comunitárias na vida cotidiana e na qualidade de vida das pessoas.
Adversidade	Demonstra contratempos na auto-organização pela falta de encaminhamentos das adversidades levantadas, sendo um dos fatores possíveis o distanciamento das assembleias. No dia a dia, essas adversidades possibilitam a reflexão de suas dificuldades, aponta limites, mas também possibilidades de assentamento do coletivo.	As dificuldades no encaminhamento das adversidades pelo distanciamento de assembleias.
Respeito	Exprime o cuidado com a natureza como parte de sua história, como um dos elos de orientação das ações cotidianas de preservação do ambiente, dos saberes e memórias dos antepassados.	O respeito à natureza como forma de cuidado com o ambiente e meio de preservação cultural.
Veneno	Externaliza, por meio das próprias experiências, dos conhecimentos históricos, que carregam consigo o aprendizado com os antepassados, a importância de produzir comida sem veneno, tendo em vista a preocupação com todos os seres.	A produção de comida sem veneno como bem material e simbólico de preservação da vida.
Bem-estar	Manifestações que simbolizam o espaço da horta, como um lugar de bem-estar, representado por meio da distração, diversão e terapia no sentido de fazer bem para a saúde física e mental, além de ligações afetivas.	As percepções da horta enquanto espaço de bem-estar e laços afetivos.
Ajuda	Significa nas trocas de mercadorias, de serviços, troca de saberes, na atenção com os espaços dos outros membros e nas relações sociais de confiança o cuidado entre eles, contribuindo para a formação do coletivo.	A ajuda mútua como forma de cuidado e identidade coletiva.

Fonte: Do autor (2023).

3.5 Segunda etapa do ciclo analítico com a ATD: categorização

A impregnação do corpus desta pesquisa, com vista à categorização, foi concebida pelo método indutivo¹¹. Por esse método, ao analisar o corpus de pesquisa, tomando como ponto de partida a titulação das unidades de análise, emergiram conjuntos de elementos semelhantes (manifestações dos membros), cujos significados e sentidos se aproximavam, permitindo sua ampliação e o estabelecimento de categorias. Na próxima e última etapa do ciclo analítico, a comunicação, poderemos identificar esses conjuntos de elementos semelhantes sendo relacionados às categorias emergentes que os representam.

Moraes e Galiazzi (2017 apud Souza; Galiazzi, 2017, p. 521) nos ajudam a entender a dinâmica do método indutivo, para a concepção das categorias, conforme citação a seguir:

Já o método indutivo implica produzir as categorias a partir das unidades de análise construídas a partir do “corpus”. Por um processo de comparar e contrastar constantes entre as unidades de análise, o pesquisador vai organizando conjuntos de elementos semelhantes, geralmente com base em seu conhecimento tácito, conforme descrevem Lincoln e Guba (1985). Esse é um processo indutivo, de caminhar do particular ao geral, resultando no que se denomina as categorias emergentes.

Ainda, de acordo com Sousa e Galiazzi (2017), o método indutivo permite ao pesquisador se abster de interpretações teóricas, no momento da análise, o que leva a emergir categorias com as quais possa ou não ter trabalhado ou tido contato em suas vivências anteriores.

De fato, um referencial teórico que abarca as práticas sociais ainda não havia sido trabalhado ou sequer pensado, mas a análise do corpus apontou essa necessidade. Como desdobramento, para compreender a realidade do vivido e fundamentar as práticas sociais, pesquisas tiveram que ser realizadas a partir dessa constatação.

Aspectos associativos que foram identificados, por sua vez, levaram a referenciais teóricos já trabalhados.

O Quadro 3 apresenta as categorias que puderam ser concebidas pelo método indutivo.

¹¹ De acordo com Moraes (1991 apud Souza; Galiazzi, 2017, p. 521), “na Análise Textual Discursiva, o pesquisador pode assumir diferentes métodos de análise: o método dedutivo, o método indutivo, o método intuitivo e o método misto”.

Quadro 3 - Categorização a partir do título da unidade

Título da unidade	Categoria
A doação como elo para o acolhimento material e afetivo.	Doação no acolhimento de pessoas
O potencial transformador de hortas comunitárias na vida cotidiana e na qualidade de vida das pessoas.	Valia social de hortas comunitárias
As dificuldades no encaminhamento das adversidades pelo distanciamento de assembleias.	Adversidades que tencionam o coletivo
O respeito à natureza como forma de cuidado com o ambiente e meio de preservação cultural.	Respeito à natureza orientando ações cotidianas
A produção de comida sem veneno como bem material e simbólico de preservação da vida.	Preocupação em produzir comida sem veneno
As percepções da horta enquanto espaço de bem-estar e laços afetivos.	Horta comunitária e seus bens simbólicos
A ajuda mútua como forma de cuidado e identidade coletiva.	Ajuda mútua na identidade coletiva

Fonte: Do autor (2023).

3.6 Terceira etapa do ciclo analítico com a ATD: comunicação

A comunicação viabiliza, após a intensa impregnação dos materiais de análise, propiciada nos dois estágios anteriores, uma compreensão renovada do todo (Moraes, 2003). “A comunicação dessa compreensão e o processo de análise crítico e de validação se configuram no último elemento do ciclo de análise” (Moraes, 2003, p. 191).

Esse terceiro e último ciclo trabalhará, então, a validação das categorias concebidas, tendo como alicerce as manifestações dos membros, a aproximação do referencial teórico e a visão crítica do pesquisador, proporcionada pelas experiências e conhecimentos tácitos vividos em campo.

A esse respeito, Sousa e Galiuzzi (2017) advertem que, para atribuir validade às produções analíticas na ATD, as categorias, além de considerar o objetivo, o contexto da pesquisa e a teorização precisam ter capacidade descritiva. Nesse enredo, a validade se vincula à pertinência do que se anuncia e precisa expressar mais do que a compreensão pessoal do pesquisador, conforme citam Moraes e Galiuzzi (2007):

Essa validade diz respeito à pertinência do que se afirma em relação aos fenômenos investigados e, uma das formas de conseguí-la, é o uso de depoimentos, falas ou expressões escritas dos sujeitos participantes das pesquisas. É o que se denomina ancoragem empírica (KRAUSE, 2000). [...] Assim, os textos produzidos precisam expressar mais do que a compreensão pessoal do pesquisador. Precisam descrever explicações e compreensões dos participantes, ainda que reconstruídas pelo pesquisador (US6:111) (Moraes; Galiuzzi, 2007, p. 100).

Estabelecidas as considerações do terceiro e último ciclo analítico com a ATD, a comunicação, passemos ao próximo capítulo: Categorias Operacionais de Análise.

4 CATEGORIAS OPERACIONAIS DE ANÁLISE

Tendo em vista o desenho metodológico que se coloca no capítulo anterior, é importante situarmos algumas definições de categorias operacionais que subsidiarão a análise e discussão dos resultados.

4.1 Práticas Sociais

Se considerarmos que a longevidade de empreendimentos de hortas comunitárias está intimamente vinculada com o modo como as práticas sociais viabilizam a produção e reprodução de sua vida cotidiana, bem como sustentam a continuidade de suas atividades, nada mais apropriado do que a adoção de uma abordagem metodológica preocupada em acompanhar e descrever os fundamentos últimos das formas recorrentes de manifestação dessas práticas no seu interior.

Considerando esse entendimento, faz-se oportuno conceituar práticas sociais na perspectiva de autores que se alinham com o tema Estudos Baseados em Prática – EBP.

Segundo Nicolini *et al.* (2003 apud Bispo; Godoy, 2012, p. 691), é importante destacar o termo social dentro do contexto das práticas:

O termo social, dentro do contexto das práticas, refere-se a uma condição de grupo, ou seja, remete à ideia de que *learning*¹² e *knowing*¹³ não estão nas mentes das pessoas, mas são oriundos de uma construção coletiva. Juntamente com a ideia de social está também o termo situado, isso porque todas as abordagens que utilizam as práticas, como forma de observação, partem de um entendimento de que elas são construídas e ocorrem em certo tempo e espaço, ou seja, são situadas (Bispo; Godoy, 2012, p. 691).

É possível corroborar com o exposto, por meio das palavras de Gherardi (2009 apud Bispo; Godoy, 2012, p. 699), que aprofunda o entendimento de uma prática social enquanto realizada coletivamente:

Práticas não são apenas padrões recorrentes de ação (nível de produção), mas padrões de ações socialmente sustentadas (produção e reprodução). O que as pessoas produzem em suas práticas situadas não é apenas trabalho, mas também a (re) produção da sociedade. Neste sentido, prática é um conceito analítico que possibilita interpretação de como as pessoas alcançam ativamente ser-no-mundo. Uma prática não é reconhecida fora de seu significado criado intersubjetivamente e o que possibilita a reprodução

¹² O conceito de *learning* está sempre associado a uma aprendizagem coletiva considerada como um processo por meio do qual os atores sociais tornam-se membros de um grupo (Bispo; Godoy, 2012).

¹³ O conceito de *knowing* é utilizado para evidenciar a dinâmica existente no conhecimento, quando ele está associado à prática (Bispo; Godoy, 2012).

competente de uma prática, repetidas vezes e, o seu refinamento enquanto praticada (ou o seu abandono) é a constante negociação do que se pensa ser um modo correto ou incorreto de praticar dentro da comunidade de seus praticantes (Bispo; Godoy, 2012, p. 699).

De acordo com Giddens (1984 apud Souza; Lucas; Torres, 2011, p. 214), práticas sociais podem ser “procedimentos, métodos ou técnicas hábeis executadas apropriadamente pelos agentes sociais”, sendo dinâmicas no tempo e no espaço e consideradas “herança de tradições, normas, regras e rotinas geradas e repetidas, nas atividades diárias, que alcançam, assim, o caráter de algo legítimo”, isso é, aquilo que é de fato realizado.

Os conceitos de prática social apresentados conferem a sua pertinência, como eixo de orientação, para compreender a produção e reprodução da vida cotidiana da Horta da Cohab. Os autores apresentam convergências no entendimento de que se trata de uma abordagem que exprime as atividades coletivas de um grupo de pessoas, em um contexto situado, ou seja, ocorrem em certo tempo, espaço e têm um significado produzido por atores sociais intersubjetivamente. Para esses autores, as práticas sociais estão no seio das interações humanas e carregam consigo elementos humanos e não humanos que, em conjunto, definem as estruturas sociais que são construídas, praticadas, alteradas e reafirmadas por atores sociais que, no tempo, reproduzem-nas.

Discutidos os conceitos de práticas sociais e as justificativas da escolha dessa categoria, como direção para se compreender a produção e reprodução da vida cotidiana da Horta da Cohab, passo a apresentar o referencial teórico da categoria Agricultura Urbana.

4.2 Agricultura Urbana

Os conceitos de AU e horta comunitária representam o cenário, em que se viabilizou a criação da Horta da Cohab e, cotidianamente, suas atividades.

Medeiros (2014, p. 43) afirma que, “em relação à agricultura rural, a agricultura urbana é vista não como uma concorrente, mas como uma forma complementar de contribuição para a produção de alimentos para o abastecimento alimentar urbano”.

Noutro giro, “a definição de agricultura urbana perpassa uma variedade de categorias de análise que buscam a diferenciação do conceito, a fim de que ela se torne um objeto de investigação distinto da agricultura praticada no meio rural, bem como objeto de políticas públicas específicas” (Rosa, 2011, p. 3).

Santandreu e Lovo (2007, p. 13) trabalham um conceito multidimensional de AU, apresentando o tipo de atividade, a variedade de produtos e a cadeia produtiva:

A agricultura urbana é conceito multidimensional que inclui a produção, a transformação e a prestação de serviços, de forma segura, para gerar produtos agrícolas (hortaliças, frutas, plantas medicinais, ornamentais, cultivados ou advindos do agroextrativismo, etc.) e pecuários (animais de pequeno, médio e grande porte) voltados para o autoconsumo, trocas e doações ou comercialização locais (solo, água, resíduos, mão de obra, saberes, etc.).

De acordo com Pinto (2007, p. 63), “a palavra horta – hortus – já na antiga Roma, identificava o lote de terreno anexo à casa cultivado exclusivamente para fins alimentares, em nível familiar e, por vezes, enriquecido com estátuas, fontes, canteiros com flores e plantas medicinais”.

Para a autora, os benefícios proporcionados pelas hortas urbanas são inúmeros, a saber:

As hortas urbanas, além de servirem para combater a fome, proporcionam a infiltração de água e a renovação do ar, contribuem ainda com uma série de outros benefícios para as cidades, tais como: produzir alimentos; povoar o território; garantir o equilíbrio ecológico e a estabilidade do espaço; reciclar resíduos orgânicos (compostagem); integrar socialmente; gerar renda; e ainda são fonte de cultura, de espaço e de recreio, e até uma terapia anti-stress (Pinto, 2007, p. 62).

A definição de horta comunitária, considerada por Guitart, Pickering e Byrne (2012, p. 364-373), traz uma contribuição significativa para a pesquisa, bem como para o entendimento desse tipo de empreendimento, acompanhemos:

Geralmente, o termo ‘horta comunitária’ refere-se a ‘espaços abertos que são geridos e operados por membros da comunidade local nos quais são cultivados alimentos ou flores’ (Holland, 2004, Pudup, 2008, Kingsley et al., 2009). Usamos esta definição ampla porque é clara, reflete outros estudos e captura a variedade de hortas comunitárias na literatura. As hortas comunitárias são semelhantes, mas diferem das hortas de quintal que são administradas de forma privada por uma família.

Jesus (2023, p. 9) também corrobora com o conceito de horta comunitária, qualificando sua diversidade de cultivo e sua aplicação dentro das áreas urbanas:

As hortas urbanas e periurbanas se referem ao plantio de frutas e hortaliças, flores, raízes, plantas medicinais, Plantas Alimentícias não Convencionais (PANCs) e criação de animais em áreas localizadas nos centros urbanos e em suas periferias. Os locais onde se encontram essas hortas são geralmente espaços privados, institucionais, terrenos públicos irregulares, áreas verdes urbanas, etc.

Farfán *et al.* (2008 apud Dias *et al.*, 2017, p. 115) e Monteiro e Monteiro (2008 apud Dias *et al.*, 2017, p. 115) consideram que, “no Brasil, o número de hortas urbanas e periurbanas aumentou significativamente, a partir da década de 80, em função do apoio por parte dos governos municipais e instituições locais aos produtores de hortaliças nesses ambientes”.

Os conceitos de AU e horta comunitária e/ou hortas urbanas nos ajudam a entender o cenário em que se viabilizaram e acontecem as atividades cotidianas da Horta da Cohab.

Apresento, na sequência, o referencial teórico da categoria Autogestão.

4.3 Autogestão

A autogestão é um dos princípios norteadores da ES e o seu entendimento respalda as discussões e validação das adversidades que tencionam coletivamente os membros da horta.

No Brasil, segundo Azambuja (2009, p. 284), o que diferenciaria os empreendimentos solidários de outras iniciativas seria o fato de que eles estariam organizados sob a forma da autogestão. Complementando, o autor elenca as características da autogestão:

“Posse coletiva dos meios pelos quais exercem a atividade econômica (produção, consumo, poupança, etc); e, por isso, são igualmente responsáveis pela gestão do empreendimento, através do princípio ‘um membro igual a um voto’”.

Souza (2011, p. 26) reafirma essa condição e considera que a autogestão se configura como um dos princípios fundamentais da ES:

Um dos princípios fundamentais da Economia Solidária é a autogestão em que se busca o trabalho da gestão coletiva das empresas e das suas atividades, ultrapassando a visão da gestão hierárquica usada pelas empresas capitalistas em que impede o desenvolvimento das potencialidades das pessoas.

As definições apresentadas por Azambuja (2009) e Souza (2011) corroboram com o apontamento de empreendimento autogestionário, ao se referirem à Horta da Cohab, à medida que observo a autonomia na sua gestão, em relação a órgãos externos, instituições, empresas e pessoas, pois eles (membros) não apenas detêm os meios de produção, mas também fazem a gestão daquele espaço.

Na convivência diária, a autogestão proporciona o debate dos assuntos que os confronta.

As aproximações teóricas com Cuidado Essencial, como veremos a seguir, faz-se importante, para balizar o contexto da pesquisa com essa categoria analítica, a partir da realidade vivenciada em campo.

4.4 Cuidado Essencial

Quando se trabalha a categoria Cuidado, vários pesquisadores têm como ponto de partida a obra intitulada *Ser e Tempo*, publicada em 1927, pelo filósofo alemão Martin

Heidegger (1889-1976). Essa obra será referenciada para a aproximação teórica com as práticas sociais da Horta da Cohab. Contudo outra obra que também cita Heidegger subsidiará as argumentações, trata-se do texto *Saber Cuidar Ética do humano - compaixão pela terra* (1999, 2000, 2017) do teólogo, escritor, filósofo e professor universitário brasileiro Leonardo Boff.

A literatura sobre o Cuidado é ampla, e os estudos que abordam o tema o relacionam, principalmente, à ação de cuidar empregada nas áreas da saúde, terapias medicamentosas e aos estudos feministas.

No entanto, na via apresentada por este trabalho, a centralidade não está na figura do cuidador, na ação do cuidador, mas num modo de *ser-no-mundo*¹⁴ das pessoas pelo cuidado. Pelas palavras de Boff (1999), essa condição é mais abrangente, pois envolve estar em comunhão no mundo com as plantas, animais e todos os seres e vai além, ao considerar, na condição humana de ser-no-mundo, “uma forma de ex-istir e de co-existir; de estar presente, de navegar pela realidade e de relacionar-se com todas as coisas do mundo”.

Reale e Antiseri (2003 apud Rocha, 2014, p. 237) coadunam com esse ponto de vista de Boff (1999), ao contribuírem com a distinção entre o cuidado baseado na figura do cuidador e na perspectiva de um modo-de-ser humano:

[...] assim como o ser-no-mundo do homem se expressa pelo cuidar das coisas, do mesmo modo o seu ser-com-os-outros se expressa pelo cuidar dos outros, coisa que constitui a estrutura basilar de toda possível relação entre os homens. E o cuidar dos outros pode tomar duas direções: na primeira, procura-se subtrair os outros de seus cuidados; na segunda, procura-se ajudá-los a conquistar a liberdade de assumir seus próprios cuidados. No primeiro caso, temos um simples ‘estar junto’ e estamos diante da forma inautêntica de coexistência; no segundo caso, ao contrário, temos autêntico ‘coexistir’ (Rocha, 2014, p. 277).

Quando dizemos ser-no-mundo, não expressamos uma (de) limitação geográfica como estar na natureza, junto com plantas, animais e outros seres humanos (Boff, 1999). Isso pode estar contido, mas a compreensão de ser-no-mundo é algo mais abrangente, pois “na coexistência e con-vivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade” (Boff, 2017, p. 70).

¹⁴ Leonardo Boff (2017), em sua obra *Saber Cuidar Ética do humano - compaixão pela terra*, apresenta-nos dois modos de ser-no-mundo: o trabalho e o cuidado. A lógica do ser-no-mundo, no modo de trabalho, configura o situar-se sobre as coisas para dominá-las e colocá-las a serviço dos interesses pessoais e coletivos. O outro modo de ser-no-mundo se realiza pela lógica do cuidado. O cuidado não se opõe ao trabalho, mas lhe confere uma tonalidade diferente. Pelo cuidado não vemos a natureza e tudo que nela existe como objetos. A relação não é sujei-to-objeto, mas sujeito-sujeito (Boff, 2017, p. 72).

O Cuidado Essencial como referencial teórico, na perspectiva do modo de ser-no-mundo pelo cuidado (modo-de-ser-cuidado), praticado pelos membros da Horta da Cohab, parece-me, então, ser o mais apropriado, pois, nas palavras de Heidegger (1889, 1976 apud Boff, 2017, p. 25), “do ponto de vista existencial, o cuidado se acha a priori, antes de toda atitude e situação do ser humano”.

Boff lembra que Heidegger é o filósofo que melhor viu a importância essencial do cuidado e, com a contribuição de seus pensamentos, também, manifestou essa essencialidade, como podemos acompanhar no trecho a seguir:

“[...] Significa reconhecer o cuidado como um modo-de-ser essencial, sempre presente irreduzível à outra realidade anterior. É uma dimensão frontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada” (Boff, 2017, p. 26).

Na oportunidade da análise e discussão dos resultados, como veremos no capítulo a seguir, poderemos acompanhar como a categoria Cuidado Essencial abarca as práticas sociais da Horta da Cohab, circunstanciada pelas manifestações dos membros e compreensões tácitas vivenciadas no campo de pesquisa.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, vou debruçar-me, portanto no processo de análise crítica e validação das categorias concebidas. Primeiro, vejamos os principais resultados da análise do corpus de pesquisa.

5.1 Principais resultados da análise do corpus

A ATD, como abordagem de análise do corpus, mostrou-se assertiva e efetiva, tanto para o entendimento dos aspectos associativos, ou seja, características perceptíveis do cotidiano desse coletivo, quanto para a identificação das práticas sociais da Horta da Cohab.

À vista disso, destaco como resultados da análise do corpus três aspectos associativos, conforme suas respectivas categorias, quais sejam: Horta comunitária e seus bens simbólicos, Valia social de hortas comunitárias e Adversidades que tencionam o coletivo.

A Figura 2 representa visualmente esses aspectos associativos.

Figura 2 – Aspectos associativos identificados na Horta da Cohab



Fonte: Do autor (2023).

Depreendeu-se também da análise do corpus, como resultado principal da pesquisa, em atendimento à problematização e aos objetivos, a identificação de quatro práticas sociais na produção e reprodução da vida cotidiana da Horta da Cohab, conforme suas respectivas

categorias, quais sejam: Doação no acolhimento de pessoas, Ajuda mútua na identidade coletiva, Respeito à natureza orientando ações cotidianas e Preocupação em produzir comida sem veneno.

A Figura 3 representa visualmente essas práticas sociais.

Figura 3 - Práticas Sociais identificadas na Horta da Cohab



Fonte: Do autor (2023).

Conhecidos os resultados da pesquisa, passo então a apresentar, primeiramente, para a análise e discussão, os três aspectos associativos identificados. Na sequência, apresento as quatro práticas sociais identificadas em que também faço sua análise e discussão.

5.2 Aspectos associativos da Horta da Cohab

Por intermédio da análise do corpus, foi possível identificar três aspectos associativos da Horta da Cohab, que não se constituem como práticas sociais. A incidência desses aspectos, no ordenamento social desse coletivo, apresenta formas de entender a simbologia daquele espaço, para os membros, isto é: o que de fato é para eles a horta? Revela também as potencialidades das hortas comunitárias como instrumento de mobilização e organização coletiva. Por fim, evidencia o modo de produção assumido por esse coletivo, com suas adversidades e desafios.

A proposta é trabalhar as manifestações dos membros, vivenciadas em campo, com o referencial teórico que as abrange, para, assim, discutir e validar esses aspectos como característicos desse coletivo.

As definições apresentadas no capítulo 4 nos ajudam a compreender a AU como um instrumento de movimentos sociais e de políticas públicas de governos com vista à promoção da produção agrícola no meio urbano. A AU engloba os mais diferentes tipos de empreendimentos com essa finalidade, seja pelos sistemas produtivos, formas de organização, tipos de produtos, finalidades sociais e meios de ocupação para produção.

As Hortas Comunitárias representam um desses tipos de empreendimentos da AU e desempenham um importante papel em que são implementadas, promovendo, como referido anteriormente, a valorização dos saberes tradicionais, ocupação e revitalização de espaços urbanos, sejam públicos ou privados, segurança alimentar, qualidade de vida das pessoas e novas formas de produção e reprodução da sociedade.

Diferentes abordagens atribuem o grande papel da agricultura urbana, principalmente como recurso de movimentos sociais e projetos de governos, para enfrentar os problemas que afligem a população mais pobre e marginalizada, no mundo, em decorrência do crescimento econômico e concentração demográfica que ocorreram em função do neoliberalismo.

Compartilho, a seguir, os três aspectos associativos identificados. O primeiro a ser trabalhado será: Horta comunitária e seus bens simbólicos.

5.2.1 Horta comunitária e seus bens simbólicos

“Eu gosto muito da minha horta. Nossa Senhora! Como diz o outro, é melhor que comer queijo com doce” (Juliana - DC 11/10/2023).

As manifestações que simbolizam a horta como um lugar de bem-estar, representada, por meio da distração, diversão e terapia, no sentido de fazer bem para a saúde física e mental, além de ligações afetivas, foram aos poucos percebidas à medida que eles falavam daquele espaço.

Essa percepção de bem-estar também foi captada em um estudo feito por Boukharaeva *et al.* (2005 apud Rosa, 2011, p. 7) sobre a agricultura urbana no Brasil, na França e na Rússia, que apontou:

A produção familiar em tempo parcial como detentora de uma capacidade de enfrentamento das crises alimentares, contribuindo para o bem-estar, terapia e equilíbrio, que reforça a autonomia e a identidade, favorecendo a

transmissão e a aquisição dos saberes e da cultura, possibilitando uma melhoria nas condições de vida, principalmente das famílias pobres.

Em epígrafe, a senhora Juliana simboliza que estar em seu espaço é agradável como a sensação de comer um queijo com doce.

Palavras que expressam diversão, terapia e afeição são percebidas como marcantes, para expressar o significado para eles de estarem ali, como podemos perceber, pela ordem, nos trechos a seguir:

“Sim é bom demais. Eu tenho uma casinha aqui nos fundos. Tenho um fogãozinho de lenha. De vez em quando eu faço algo pra comer e fico aqui me entertenho e brincando” (Reinaldo - DC 03/02/2023).

“Hoje sou produtor de hortaliça. É uma terapia, é uma paz. É uma transformação de vida” (Mário - 22/11/2022).

“Ah! Eu amo isso aqui viu. Mexer com a terra ... isso aqui é maravilhoso” (Pedro - 18/08/2023).

A horta também se constitui como um importante espaço de convívio familiar, pois ela expressa um motivo para estarem juntos, em torno das atividades, como mostram os trechos a seguir:

“Eu até falei com a muié. Nós tem que cuidar da horta lá, senão nós acaba perdeno. O mato lá tá brabo. Senão eu abro o portão e encontro com uma onça lá” — risos (Everaldo - DC 28.02.2023).

“Isso é bom distrai a gente. Cê sai vem pra cá e leva uma verdura de tarde. Minha mulher vem, meu menino. Ontem mesmo eu peguei ele de tarde na creche e eles veio pra cá” (Ricardo - DC 05/08/2023).

Das manifestações surgiram muitos vínculos afetivos que ligam os membros àquele espaço:

O meu irmão cuidava daqui. Depois ele ficou doente. Ele falava assim: se eu melhorá ocê ajuda eu cuidar dela, agora se eu não melhorá ocê fica com a hortinha procê (Simone - DC 22/11/2023).

Antes de falecer, o irmão passou a horta para a Simone.

Eu fico com dó de devolvê porque a gente panha amor, né! Ele gostava muito da horta. Eu fico com dó de devolvê e tô eu cuidano dela até hoje (Simone - DC 22/11/2023).

Cê tá no momento mexendo com a terra ocê esquece de tanta besteira. Cê entendeu? Igual eu brinco, tem hora que ocê tá igual tatu, cavuca daqui, cavuca

dali. Mexe com cantero. Eu não sei, parece que ... isso eu herdei do meu Pai (Rafael - DC 18/11/2023).

A representação da horta para aquele coletivo se alinha com os achados proporcionados pelos estudos de Pinto (2007, p. 60):

Estas hortas sociais proporcionam o desenvolvimento espontâneo do convívio, facilitando a criação de novos conhecimentos e amizades e ainda de motivação para a prática de actividades de ocupação de tempos livres. Estas actividades (de grupos humanos ou de humanos isolados) proporcionarão a livre troca de opiniões e o convívio informal entre habitantes.

O comentário do membro Mário ratifica os apontamentos supracitados por Pinto (2007):

Vamo começá assim porque a horta aqui é um lugar de lazer, procê reuni pra podê conversa. O bate papo com alguns amigo aqui! Outra coisa ... prá nois assim que tá ficando mais véio, isso aqui pra nós é uma fisioterapia. Isso aqui pra mim é vida ... se eu parar eu morro (Mário - DC 14/11/2023).

É possível perceber pelas manifestações a horta como espaço de bem-estar e laços afetivos para os membros. Nas falas, percebe-se também que eles se entendem como *horta*, independentemente de formação jurídica. Todos os membros, inclusive a comunidade no entorno, tratam como *horta* e, se alguém quiser procurá-la, basta perguntar: onde fica a Horta da Cohab?

Analisado e validado o aspecto associativo Horta comunitária e seus bens simbólicos, a seguir, trabalharei o que pesquisas já apontam, desde a década de 1980, sobre a importância da AU, por meio de hortas comunitárias, para a segurança alimentar e a qualidade de vida das pessoas.

Acompanhemos o segundo aspecto associativo identificado: Valia social de hortas comunitárias.

5.2.2 Valia social de hortas comunitárias

“Uma verdurinha é bom demais. O povo fica falando em bife. Pra mim, uma couve, uma alface, um jilozinho com angu, arroz e feijão é melhor que carne” (Inês - DC 21/11/2022).

As várias frentes trabalhadas e oportunizadas pela AU, por meio de hortas comunitárias, beneficiam não apenas os participantes diretos, mas também as comunidades em seu entorno. É possível identificar nas falas dos membros os impactos do processo histórico de êxodo rural e suas consequências nas cidades, bem como possíveis soluções para dar atendimento a essa questão.

Em epígrafe, a senhora Inês manifesta umas das frentes trabalhadas pela AU, a segurança alimentar. Ao contrário do gosto da maioria das pessoas, ela escolhe por hortaliças em vez da carne como acompanhamento principal em seu cardápio diário.

Em uma conversa, enquanto realizava suas atividades, na manhã de uma sexta-feira, dia 25/11/2022, eu comentava com o Caetano sobre a horta e a importância do seu papel social e ele ponderou:

“As pessoa têm que ter uma ocupação, os otro fica na beira dos bar, encostado nos passeios e esquina. A horta aqui é importante pra ajudar a dá ocupação” (Caetano - DC 25/11/2022).

Nesse mesmo momento, comentei a respeito da mecanização do campo, no Brasil, nas décadas dos anos 70 e 80 do século passado, promovida principalmente pelo programa *Revolução Verde*¹⁵ com o intuito de aumentar a produção agrícola, contribuindo com o êxodo rural.

Ao comentar essa questão, o Sr. Caetano mostra, ainda nos dias atuais, os impactos desse programa nas cidades:

Antes o pessoal tirava tarefa na roça, trabalhava uns pros outros na época de panhá café, colher feijão, quebrar mio. Aqui na Cohab e na Lavrinha a gente via caminhão e ônibus das fazenda vino buscá o pessoal pra trabaia e saía cheio. Hoje as máquina acabou com isso tudo. Hoje as pessoa vêm pra cidade e fica amontoado (Caetano - DC 25/11/2022).

A ponderação de Caetano sobre o assunto que propus, quanto à importância social da horta e sobre a mecanização do campo, refletem, portanto que o crescimento demográfico das cidades levou, segundo Ferreira e Castilho (2007 apud Ribeiro; Bógus; Watanabe, 2015, p. 731):

‘[...] à (re-) configuração dos espaços urbanos através do uso do solo, das estruturas populacionais, das práticas sociais, dentre outros fatores’. Esses autores ainda destacam que ‘a densidade populacional e todas as transformações dela advindas, têm papel importante no processo de expansão e diversificação da AU’.

¹⁵ A Revolução Verde foi um programa que tinha como propositura “a difusão de tecnologias agrícolas que permitiam um aumento considerável na produção, sobretudo, em países menos desenvolvidos. Ocorreu principalmente entre 1960 e 1970, a partir da modernização das técnicas até então utilizadas. Embora tenha surgido com a promessa de acabar com a fome mundial, sem êxito, não se pode negar também que essa revolução trouxe inúmeros impactos sociais e ambientais negativos”. A concentração da posse da terra e o decorrente êxodo rural causaram um inchaço das cidades, levando a uma favelização nunca vista (Octaviano, 2010, p. 1).

Em diversas oportunidades, é possível identificar os benefícios sociais advindos da Horta da Cohab, desde sua criação e que continuam nos dias atuais. Como podemos observar nos três trechos a seguir:

Aqui é tudo legalizado, todo ano arruma a documentação. Aqui antigamente jogava resto de construção, lixo. Depois resolveu fazer a horta e tá até hoje. Tem água aqui à vontade. Tem uma água que corre aqui e não é pouca não. As veis até joga na caxa na época da seca (Manoel - DC 02/08/2023).

“Quando começou, o pessoal da prefeitura veio aqui, preparou o terreno, cercou. Tinha uns vinte homem trabalhando aqui. Enquanto eles tava aqui, a gente tava fazendo curso com a Emater” (Honório - DC 28/02/2023).

“Nóis ajuda muito a prefeitura, se nós não tivesse aqui tava cheio de entulho e abandonado. Servia é de esconderijo pras coisa errada” (Caetano - DC 25/11/2022).

Vejo todos os dias pessoas, principalmente mulheres, fazendo caminhada na rua da horta. Caetano atribui essa atividade ao fato de a horta estar ali dando a entender que elas se sentem mais seguras:

“Hoje os otro vêm caminhar aqui na rua da horta porque sabe que nós tá sempre por aqui” (Caetano - DC 09/02/2023).

A interação com as escolas também é outro fator importante dentro das atividades da Horta da Cohab:

As escola vinha aqui com as criança de 5 ano pra conhecer a horta pra elas vê como que a cenoura, a beterraba nasce. E a criançada chegava aqui via a cenoura lavava e comia aqui memo. É o ensinamento e a prestação de serviço da gente (Honório - DC 28/02/2023).

A AU, como apresentado por Wegmuller e Duchemin (2010 apud Campos; Pinto; Tavares, 2017, p. 7), dá-nos uma dimensão do seu potencial como meio transformador na vida cotidiana e na qualidade de vida das pessoas:

Aspectos como lazer e interação social também são valorizados uma vez que os cidadãos são beneficiados com um maior contato com a natureza e a terra, através da prática de jardinagem e o cultivo da terra, por exemplo. Particularmente para pessoas mais idosas, a agricultura urbana também proporciona um lugar de reencontro e de compartilhamento, mesmo se muitas vezes a dinâmica da comunidade não demonstra essa característica. Ademais, aspectos ambientais, de saúde e educação que a prática confere e a inegável participação na segurança alimentar torna possível o acesso a uma importante fonte de comida dando a essa atividade um aspecto multifuncional (Campos; Pinto; Tavares, 2017, p. 7).

Na Horta da Cohab, esse potencial transformador apontado por Wegmuller e Duchemin (2010) se materializa não apenas no cultivo e na distribuição de produtos alimentares, mas também na (re-) utilização de produtos, serviços, recursos humanos e materiais.

As fotos, a seguir, retratam bem os apontamentos feitos por Almeida (2004, p. 26) sobre o aproveitamento de materiais nas hortas comunitárias como empreendimentos no contexto da AU:

O uso produtivo de espaços urbanos proporciona a limpeza destas áreas e uma melhoria considerável ao ambiente local, diminuindo a proliferação de vetores de doenças. Muitos materiais, como embalagens, pneus e entulhos, também são utilizados para a contenção de pequenas encostas e canteiros.

Na Fotografia 4, podemos observar o aproveitamento de pneus velhos, para a contenção de barrancos (1) e construção de escadas (2).

Fotografia 4 - Aproveitamento de pneus velhos: contenção de barrancos e construção de escadas



Fonte: Do autor (2023).

A Fotografia 5 mostra o aproveitamento de telhas de fibrocimento (1) e forros de material plástico (2) descartados pela construção civil e indústrias para a contenção de canteiros.

Fotografia 5 - Aproveitamento de telhas e forros de plástico para a construção de canteiros



Fonte: Do autor (2023).

Placas de madeiras, caibros, telhas, telas e estruturas metálicas descartados pela construção civil e indústrias também são reaproveitados para a construção de depósito de ferramentas, de esterco e demais itens de uso diário (Fotografia 6).

Fotografia 6 - Aproveitamento de madeiras, caibros, telhas, telas e estruturas metálicas para a construção de depósitos



Fonte: Do autor (2023).

O papel e contribuição da horta para a saúde e qualidade de vida das pessoas é retratado no relato a seguir:

Eu fiquei uns tempo atoa e começou a doença né! Assim, ocê atoa cê fica o dia inteiro deitado no sofá assistindo televisão. E aí começou dor nas pernas, dor nas costas. Aí eu fui na médica e ela disse que poderia ser alergia. Aí eu pensei se qué sabê de um caso eu vou mexer na horta. Consegui o espaço aqui e depois que comecei a cuidar não tive mais nada (Guilherme - DC 11/08/2023).

De acordo com Souza e Guske (2017, p. 166), “a agricultura urbana se apresenta como cada vez mais necessária e, também, como uma solução à crescente urbanização, de forma a garantir a segurança alimentar, bem como o desenvolvimento sustentável”. Cunha e Cardoso

(2022, p. 2-3) compreendem que as “hortas urbanas se apresentam como uma estratégia relevante para a geração de trabalho e renda e para a promoção da segurança alimentar local, posto que propicia uma maior oferta de alimentos frescos e práticas alimentares mais saudáveis”.

A Horta da Cohab propicia no seu cotidiano a segurança alimentar apontada pelos autores (Souza; Guske, 2017; Cunha; Cardoso, 2022), não apenas para os seus membros, mas, inclusive, para a comunidade no seu entorno. Acompanhemos, a seguir, essa afirmação sendo retratada.

Com o passar do tempo, a confiança mútua com os membros foi se estabelecendo de tal forma que eu já ficava sozinho, cuidando do espaço de alguns deles, quando, por algum motivo, precisavam se ausentar. Foi em um desses dias que tive uma experiência que ilustra a segurança alimentar proporcionada por hortas comunitárias. Compartilho, a seguir, um diálogo:

Eu estava trabalhando sozinho na horta do Sr. Martinho, na manhã do dia 19/09/2023, terça-feira, bem cedo, quando de repente chega dona Ruth, que é moradora do bairro Cohab e a mim se dirige:

— “O Sr. Martinho não tá por aí”? — Respondi que ele tinha ido em casa e já voltava.

— “Eu ia ver se ele me arruma 4 folhas de couve pra mim colocá na marmita do meu filho. Ele tá indo trabalha e preciso colocá uma mistura. Ocê não pode me arrumá? Depois eu acerto com ele”?

Nesse momento, fiquei meio sem saber o que fazer, mas peguei as folhas de couve para dona Ruth.

— “Só quatro mesmo. Muito obrigada, depois eu falo com ele”. — Afirmou dona Ruth (Ruth - DC 19/09/2023).

Mais tarde, ouvi um diálogo entre o Sr. Martinho e dona Ruth e a porção de couve foi doada para ela.

Não posso deixar, nesse momento, de dividir minha reflexão sobre esse relato, com base na minha experiência de vida e estranhamentos que essa vivência, muitas vezes, me causou.

Com as palavras de dona Ruth: “meu filho está indo trabalha e preciso colocá uma mistura na marmita dele”, ponderei sobre a importância da horta para a comunidade. Primeiro, quando ocorre a atitude de dona Ruth, incomum nos dias atuais, pelo menos no ambiente em que convivo, de buscar ajuda no vizinho (no caso na horta). Lembrou-me de quando eu era criança, em que havia a cultura de uns contarem com os outros socorrendo sempre com uma verdurinha, um pó de café, açúcar, arroz, ou dividindo pedaços de porco, para as festas de fim

de ano, com aqueles que ajudaram com restos de comida para criar o animal. Enfim, mas isso, nos dias de hoje, em que as sociedades estão cada vez mais individualistas? Segundo, ainda ponderando nas palavras de dona Ruth, fiquei a me perguntar: será que essas quatro folhinhas de couve seriam a única mistura naquele dia, naquela marmita?

É comum, entre todos, o cultivo de plantas medicinais. Isso ajuda a preservar a cultura de seus antepassados, memórias coletivas de convívio familiar e os saberes populares, como podemos observar nos dois relatos a seguir:

— “Ô Mário, ocê me arruma umas folhas de copo de leite”? — Pergunta uma senhora que passava pela rua.

— “Arrumo, sim”! — Responde ele.

— “É prá eu fazer uma simpatia pra ajudar no esporão de galo nos pé. Ajuda muito”. — Afirma ela (DC - 08/02/2023).

“Todos vem atrás de remédio aqui. A mulher que procurou essas mudas aqui eu nem conheço ela, é da cidade. Como ninguém tem em casa acaba que aqui fica sendo uma referência” (Honório - DC 28/02/2023).

Para finalizar essa parte, sem, contudo esgotar os mais diversos relatos, passo a dividir alguns apontamentos dos membros que ajudam a entender como é o seu trabalho diário. Nessa oportunidade, podemos acompanhar como eles apontam possíveis caminhos para futuros empreendimentos de hortas comunitárias.

A respeito do trabalho diário, Rodolfo pondera:

Tem que gostar! Muitos, às veiz vem e acha que vai viver da horta e não vai! Não é certo. Não é todo dia que vende. Não é todo dia que tem dinheiro. As veiz tem dia que a gente vende 40 reais, mas tem dia que não vende nada. A horta é mais uma ajuda em casa ... quando ocê leva uma verdura pra casa ... quando ocê deixa de comprá no supermercado. Então não pode contar só com a horta. Às veiz muitas pessoa achava que ia viver disso. E infelizmente é difícil viver só disso. E a pessoa tem que gostar de lidar, de mexer com a horta ... de sujar as mão com a terra porque dá muito trabalho. E saber que é uma complementação, né! (Rodolfo - DC 23/12/2022).

Honório aponta viabilidades para a implantação de uma horta comunitária:

O pessoal de um bairro aqui vizinho, eles é doido pra ter uma horta lá. Hoje em dia a prefeitura, a secretaria de agricultura ... eles tem que ter essa visão. Ocê vai lá monta uma horta e coloca um bico de água com relógio isso pra eles é um benefício. Isso não tem preço pra comunidade. A pessoa planta uns pezinho de alface e leva pra casa pra ele comer o quanto que ele não tá economizando? (Honório - DC 28/02/2023).

Dona Juliana idealiza os benefícios que as demais pessoas poderiam ter, assim como ela tem, se mais hortas comunitárias fossem implantadas em outros bairros da cidade:

Se cada bairro tivesse uma horta o cê imagina pro cê vê que beleza que era. Pelo menos ocê tem uma cebolinha, uma cabeça de alface, uma folha de cove né ... já era alguma coisa. Qualquer coisinha que ocê planta já serve ... um pé de mandioca é bom, né (Juliana - DC 11/10/2023).

Corroborando com as proposituras de Honório e dona Juliana, os apontamentos de Pinto (2007, p. 64) asseveram que as hortas comunitárias “[...] devem ser consideradas no Plano Director Municipal para que a actividade seja regulamentada”.

As entrevistas contribuíram com esse tópico com a seguinte questão: depois que você começou as suas atividades na horta houve mudanças, em sua família, em relação ao hábito alimentar, ou seja, começaram a consumir mais hortaliças, a ter melhorias na dieta e na qualidade da alimentação?

Todas as respostas foram afirmativas. Compartilho a seguir uma delas:

Passamo. Eu memo, eu não gostava muito, não. O almeirão roxo ... aí é quais que direto. Uma couve, uma alface, uma salada né ... é gostoso demais, uma banana. As veiz colhe uma banana. Cê evita de comprá e é uma verdura mais gostosa né (Ricardo - DC 25/11/2023).

Complementando essa pergunta, senti a necessidade de indagar: é possível notar essas mudanças na comunidade Cohab depois do início das atividades da horta?

“Sim. É porque o povo compra né, tá pertinho, a gente vende mais barato e a gente doa também” (Simone - DC 22/11/2023).

Finalmente, convido você, leitor, a contemplar comigo como o bem nasce, renasce e resplandece na vida cotidiana desse coletivo, no sentido de resiliência e benefício, para toda a comunidade. A planta medicinal alfavaca (Fotografia 7) nasceu, do lado de fora da horta, entre a guia do meio fio e o asfalto da rua. Ela é de todos e para todos.

Fotografia 7 - Planta medicinal alfavaca que demonstra o sentido metafórico da resiliência da Horta da Cohab em prol do coletivo



Fonte: Do autor (2023).

Passo a discutir, na sequência, o terceiro e último aspecto associativo identificado: Adversidades que tencionam o coletivo.

5.2.3 Adversidades que tencionam o coletivo

“Pois é, se a horta tiver bonita, todos ganham” (Guedes - DC 02/02/2023).

Em epígrafe, Guedes explica, no contexto da fala, que, de forma geral, se houver organização, se cada qual cuidar de seus espaços, todos acabam sendo beneficiados.

No acompanhamento das atividades, como observador participante, foi possível identificar alguns assuntos listados pelos próprios membros nas conversas, ou seja, levantados naturalmente por eles, que se relacionam com adversidades a serem tratadas. Entre esses assuntos, destaco os quatro principais:

- a) Membros com espaços maiores;
- b) Necessidade de cuidar dos espaços;
- c) Preços de produtos excedentes a serem vendidos;
- d) Oportunidades para novos membros.

Essas adversidades demonstram, em certa medida, contratempos na gestão da horta. Por seu turno, as adversidades no dia a dia também permitem reflexões apontando limites, mas também possibilidades de assentamento do coletivo.

Tratemos a seguir desse assunto. Previamente, porém, abro um parêntesis para compartilhar que, embora o projeto não mantivesse afirmações provisórias, quanto ao problema de pesquisa formulado, a primeira abordagem que fiz, ainda em 2019, levou-me a cogitar a possibilidade, de forma equivocada, de que as práticas sociais que poderiam vir a ser identificadas estariam vinculadas a conceitos de ES¹⁶. Do mesmo modo, pelos traços de ES existentes na Horta da Cohab, imaginei que eles se vissem como um empreendimento solidário. A análise do corpus mostrou no aspecto associativo: Horta comunitária e seus bens simbólicos, que se veem como horta e que aquele espaço é para eles um local de bem-estar e de laços afetivos. Esses entendimentos enriquecem e contribuem com a pesquisa e justificam os rumos que foram sendo tomados, guiados pela vivência de campo.

Embora haja, por condições formais de personificação jurídica, uma diretoria, os assuntos são tratados por todos, sem hierarquias. A esse respeito, Sato e Esteves (2002) nos ajudam a entender essa dinâmica no interior das associações e cooperativas:

As pessoas influenciam as decisões, tomam decisões, refletem sobre a sua realidade, socializam informações, emitem seus pontos de vista, debatem ideias, negociam, resolvem problemas, reavaliam decisões tomadas em assembleias – enfim, se apropriam da gestão propriamente (Sato; Esteves, 2002, p. 6).

Acompanhemos, na sequência, alguns exemplos dessas influências apontadas por Sato e Esteves (2002).

Em pontos de vista diferentes, os membros Dimas e Gaspar argumentam, em relação à distribuição dos espaços na horta. Dimas comenta:

“Tem gente com 20 metro de frente e quando vai fazer a taxa anual todo mundo paga igual” (Dimas - DC 10/11/2022).

Em uma conversa informal, Dimas defende a equidade e que espaços maiores poderiam abrir vagas para mais famílias.

Gaspar já traz outra perspectiva quanto a esse assunto:

Uns desistiu, outros chegou. Tem gente com espaço maior, mais que cuida. O meu é pequeno e desde quando cheguei tô no mesmo lugar e me dá muito trabalho pra manter. Então tem que ter cuidado porque é complicado pegar parte de quem tem mais e passar pros outro (Gaspar - DC 11/11/2022).

A manutenção dos espaços também é uma preocupação e demonstra a gestão coletiva sendo por eles discutida, em diálogos cotidianos, nas visitas que uns fazem aos outros ou nas

¹⁶ Para uma maior compreensão sobre a ES sugiro as seguintes leituras: Singer (2002b) e Santos (2002).

reuniões informais que ocorrem na frente do espaço de alguns deles. Vejamos nos dois trechos a seguir:

“Olha pro cê vê! O pessoal tem que limpar a horta” (Dimas - DC 25/01/2023).

“Se for levar no certo mesmo um mês sem cuidar pode ser desligado, tá no estatuto” (Honório - DC 01/02/2023).

Em relação à política de preços, surgiram muitas falas que expõem tratativas de se chegar a um consenso e os desafios de comercializar seus produtos. Nesse contexto, é importante destacar a liberdade de cada membro, para cultivar as variedades que acham pertinentes, vender os excedentes ou não, definir preços dos produtos, entre outras ações. Senão vejamos:

“Antes era horta comunitária agora é associação. Como associação todos devia ter o mesmo preço pra evitá a concorrência entre nós mesmo. Seria mais justo” (Gaspar - DC 11/11/2022).

As adversidades também geram momentos de reflexão que apontam limites e possibilidades de assentamento do coletivo, como veremos, na sequência, nas falas de Pedro e Dona Juliana:

Quanto à organização, Pedro pondera e usa uma metáfora para dizer que, se não tem organização, todo o esforço é jogado fora.

“Nós tamo jogando água no ouro e o ouro tá escorrendo por baixo da terra. Temos que organizar” (Pedro - DC 21/09/2023).

Dona Juliana relembra em sua fala momentos do passado que apontavam coesão de todos nos afazeres:

Nossa horta era muito boa, quando começou a prefeitura preparô o terreno, nois feiz curso, dava inveja em muitas outras horta. Mais depois o povo foi discuidando né ... mais agora se Deus quiser quem sabe agora vai né (Juliana - DC 11/10/2023).

Os trechos citados apresentam racionalidade nas atitudes cotidianas por parte dos membros, ao considerarem e refletirem as ações ocorridas e projetarem possibilidades futuras, para a promoção e resguardo do coletivo. Por falar em coletivo, fica flagrante nas entrelinhas das falas o sentimento de grupo exposto pelos membros, sendo esse sentimento uma das condições, para que a autogestão ocorra, como explicam Sato e Esteves (2002, p. 20):

A primeira condição refere-se à necessidade, para uma autogestão de fato, de que o coletivo de trabalhadores seja um grupo, não apenas uma turma de trabalhadores unidos formalmente. Uma autogestão sem grupo é como o

trabalho sem trabalhador: falta seu sujeito. O sujeito da autogestão não é o trabalhador individual, mas o grupo de trabalhadores. Uma pessoa não se autogere nem se autodetermina sozinha, ela necessita do outro como referência das suas atitudes. Ou seja, não existe trabalhador autogerido solitário e autônomo, pois a autogestão é uma condição.

Quando se trata de trabalho coletivo (cooperativo, associativo), é comum que haja divergências. A esse respeito, Sato e Esteves (2002, p. 20) afirmam que se trata de uma condição de grupo autogerido:

Não há autogestão que exista sem conflito. O conflito é a demonstração de que há possibilidade do debate público das questões que permanentemente acometem o empreendimento. Além do mais, o conflito é a demonstração viva da autogestão em ação no cotidiano, é a discussão permanente do empreendimento em suas dimensões como grupo social e como empresa.

Podemos identificar *in loco* essa condição, quando o membro Honório comenta sobre divergências, que, em suas palavras, “sempre existe quando se trabalha com um coletivo, uma associação”:

E quando ocê mexe com associação não tem jeito de ocê ser 100%, né. Tem divergência. Isso aí tem. É comum. Sai da onde sair a pessoa tem que se encaixar uai. Ele faiz mesmo sem muito das vez ele ter apoiado aquilo, mais tem que fazer! (Honório - DC 17/11/2023).

As situações apresentadas, contextualizadas com os relatos dos membros e aproximadas aos estudos de alguns autores sobre o tema, refletem, em certa medida, contratempos na gestão da horta. Por seu turno, reflexões situadas dos próprios membros apontam limites e possibilidades de assentamento desse coletivo.

A experiência tácita em campo me permite inferir que a autogestão está presente na Horta da Cohab. Temos presente elementos coletivos de autogestão que endossam as ações e falas dos membros. Porém as assembleias, uma das bases organizacionais da autogestão, poderiam ser mais utilizadas, pois permitiria maior efetivação da representatividade para o debate dos assuntos cotidianos.

Sobre essa questão, Svartman *et al.* (2008, p. 4) refletem sobre a relação entre o funcionamento autogestionário e a constituição de um espaço de fala igualitário no qual ocorrem debates, negociações e realizações de acordos:

As assembleias e reuniões permitem a criação de uma “arena política” onde todos têm igual direito de fala e onde as decisões relativas à organização podem ser tomadas a partir de diálogos e discussões, a partir da apresentação de argumentos e contra-argumentos.

Em absoluto, sustento que não deve haver adversidades, até porque elas fazem parte do dia a dia e ajudam na construção coletiva das atividades e práticas que vão dar sustentação aos

empreendimentos. Fato é que a falta de espaço, para trabalhar os assuntos, embora eles não deixem de ser abordados “informalmente” no dia a dia, pode fazer perdurar certas condições, que, de outro modo, poderiam melhor explorar as reflexões em benefício de todos.

Trazer para análise e discussão dos resultados os aspectos associativos, observando-os pelo viés das interações sociais, justifica-se e contribui com a pesquisa, no seguinte entendimento: defendo que, ao analisar uma organização, é importante entender a sua cultura organizacional (simbologia do espaço para os membros), o contexto de sua criação e a sua história (a orientação de suas atividades) e o modo de produção (finalidade das atividades e organização), para que possamos contextualizar e orientar nossa abordagem, como ponto de partida, para fins de interpretação e análise. Logo os aspectos associativos apresentados compõem o substrato para que essas práticas sociais floresçam e possam ser produzidas e reproduzidas. Dessa forma, os atores as absorvem na sua intersubjetividade e assim ‘alcançam ativamente ser-no-mundo’ (Gherardi, 2009).

Entendidos quais são os aspectos associativos da Horta da Cohab e justificada a sua contribuição para a pesquisa, passo a analisar e discutir, no próximo subtítulo, as práticas sociais identificadas na vida cotidiana da Horta da Cohab com vista a responder à questão norteadora e atender aos objetivos da pesquisa.

5.3 Práticas sociais da Horta da Cohab

Por meio da análise do corpus, foi possível identificar quatro práticas sociais, assim categorizadas: Doação no acolhimento de pessoas, Ajuda mútua na identidade coletiva, Respeito à natureza, orientando ações cotidianas e Preocupação em produzir comida sem veneno. Observadas no tempo, elas representam formas de entender a produção e reprodução da vida cotidiana da Horta da Cohab.

Vistas pelo prisma do significado e do sentido que elas desvelam, as práticas sociais dos membros da Horta da Cohab ancoram-se no cuidado essencial com todas as agências, humanas e não humanas.

A pesquisa mostrou, pela realidade vivenciada em campo, que a categoria analítica Cuidado Essencial abarca as práticas sociais da Horta da Cohab, tendo em vista que o modo-de-ser-cuidado dos seus membros comunga dos princípios dessa categoria. Primeiro, porque as práticas sociais identificadas revelam e significam, nas ações dos membros, a atitude de desvelo, solicitude, diligência, zelo e atenção com todas as coisas e com os outros. Segundo,

porque os membros demonstram em suas atitudes (fundamental) um modo-de-ser-cuidado, pois [...] “a pessoa sai de si e centra-se no outro [...]” (Boff, 2017, p. 68).

O Quadro 4 sintetiza de que forma cada prática social identificada se ancora no Cuidado Essencial.

Quadro 4 - Ancoragem das práticas sociais da Horta da Cohab no Cuidado Essencial

Prática Social	Ancoragem no Cuidado Essencial
Doação no acolhimento de pessoas	Ocorre a doação não apenas de bens materiais, como hortaliças e plantas medicinais, mas também simbólicos, como a atenção e tempo para com as pessoas da comunidade e para com os outros membros, ou seja, a satisfação de poder ser útil e de cuidar das pessoas.
Ajuda mútua na identidade coletiva	Uns ajudam os outros, e o prazer de se ajudarem está assentado no cuidado com o coletivo, na promoção da identidade coletiva.
Respeito à natureza orientando ações cotidianas	Há o respeito com a natureza: as plantas, a água, a terra e os animais, ou seja, o entusiasmo por respeitar, preservar e cuidar da natureza.
Preocupação em produzir comida sem veneno	Produzem alimentos sem veneno, como forma de cuidado não apenas de si e de seus familiares, mas também com as pessoas que vão consumir, ou seja, está no gosto de contribuir com a alimentação saudável e qualidade de vida das pessoas.

Fonte: Do autor (2023).

Intituladas com o sentido que elas carregam, na sequência, vou trabalhar cada prática social, relacionando a elas as manifestações dos membros – como ser-social-coletivo – à luz das reflexões do Cuidado Essencial. O propósito é validar os apontamentos da pesquisa de que essas práticas sociais podem viabilizar a produção e reprodução da vida cotidiana e assegurar a sustentabilidade e a continuidade das atividades desse coletivo.

Apresento, na sequência, a primeira prática social identificada: Doação no acolhimento de pessoas.

5.3.1 Doação no acolhimento de pessoas

“O que nós come hoje é porque alguém plantou lá atrás. Então ocê tem que plantá pra deixar prá pessoa no futuro, pros bicho alimenta” (Mário - DC 25/11/2022).

Em epígrafe, o membro Mário reflete uma das formas de doar, ao reconhecer o fato de que, no passado, outros membros da horta plantaram árvores frutíferas e que hoje elas proporcionam alimento para as pessoas e animais poderem consumir sem ter que pagar por isso. Fica também manifestado nestas palavras, “o sentido de solidariedade generacional ao preservar para as sociedades futuras os recursos naturais de que elas precisarão” (Boff, 2017, p. 107).

A prática da doação proporciona o desprendimento dos membros da horta para com as pessoas que ali buscam ajuda material, pelas hortaliças, frutas, plantas medicinais e afetiva, pelo compartilhamento de memórias, do cotidiano e troca de saberes. A doação se traduz em prática que aproxima o afeto das e com as pessoas pela convivência, religiosidade, memórias de vivências e manifestação de saberes e trocas culturais.

O ato de doar dos membros da horta de fato retrata o cuidado e a capacidade de empatia com os outros, ao carregarem consigo a lógica do coração, em detrimento da lógica utilitarista das coisas. Nas palavras de Boff (1999, p. 102), podemos observar retratados esses sentimentos:

Importa colocar cuidado em tudo. Para isso urge desenvolver a dimensão *anima*¹⁷ que está em nós. Isso significa: conceder direito de cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de obedecer mais à lógica do coração do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas.

Os relatos, a seguir, trazem em seu conteúdo as correlações proporcionadas pela prática da doação e os sentidos representados nessas palavras de Boff:

As veiz as pessoa chega querendo compra a gente nem vende e doa. Fica bom pra todo mundo porque a gente ajuda e é ajudado (Ricardo - DC 05/08/2023).

As veiz a pessoa vai lá em casa pedir remédio as veiz eu tô lá pra dentro e é até fora de hora. Eu falo as veiz a criança tá sentindo mal é agora. Como que a pessoa vai saber a hora que vai sentir mal ... vai buscar a hora que tá sentindo mal — (risos). Se chegá fora de hora eu venho e pego (Augusto - DC 25/09/2023).

Perde! Igual essa semana eu tive aqui e cortei uns moio dessa cebola e dei pros meus vizinho, minha cunhada ... vou doando senão perde e é bobage perdê né! Eu só falo pros meus vizinho ... ceis fala o dia que oéis qué. Senão eles num qué e tá eu chegando com cove lá — (risos) (Guilherme - DC 11/08/2023).

¹⁷ O termo *anima* foi cunhado pelo psicanalista Jung (1875, 1961 apud Boff (2017, p. 151) e “indica que cada um possui dentro de si o animus (a dimensão do masculino) e a anima (a dimensão do feminino). A expressão animus/anima se reflete nos padrões culturais de comportamento”.

Na prática da doação, contudo é importante ressaltar o destaque que os membros fazem, no sentido de que elas acontecem, para quem realmente precisa, como nos mostra os membros Inês e Martinho:

Ah! Muita gente passa dificuldade e as vez não tem o que comer e de onde tirar ... aí a gente sempre doa pra quem precisa, mais tem que ser quem precisa mesmo, porque tem gente que ganha as coisa e vai trocar por bebida — assevera. (Inês - DC 18/01/2023).

É porque as vez a pessoa passa e pede uma coisa ou pede outra e a gente fica com dó e acaba cedeno, sabe ... mais não é pra todo mundo, é pra algumas pessoa que a gente sabe que precisa (Martinho - DC 17/11/2023).

Nesse contexto, podemos observar, por outro lado, a comercialização dos produtos excedentes, a preço justo, para aqueles que podem pagar.

Presenciei também diálogos entre os membros da horta e pessoas da comunidade e de outras regiões de Lavras que ali buscavam hortaliças. Acompanhemos, na contextualização a seguir, uma de muitas vivências que demonstram na ação de doar o desprendimento e cuidado com o outro:

Era um fim de tarde do dia 04/08/2023, sexta-feira, quando eu estava conversando com o membro Manoel. Eu em frente à sua horta do lado de fora, na rua, e ele ajoelhado mexendo em um canteiro de cebolinha. Nesse instante, chega um morador do bairro e pergunta:

— “Ô Sô Manoel, tem rúcula”? — Manoel responde:

— “Tem umas aqui mais elas passou um pouco do ponto tá vendo ó”. — Ele mostra passando a mão nas plantas.

— “Mais dá pra aproveitar”? — Pergunta o morador.

— “Eu acho que dá é só ocê lavar direitinho. Eu aproveito tudo. Ocê quer levar assim memo”? —

— “Uai eu levo”? — Responde o morador.

Manoel colhe com uma faca uma quantidade generosa de rúcula e entrega para o homem.

— “Quanto que é”? — Pergunta o morador.

— “Não é nada não, pode levar”.

— “Ô Sô Manoel, Deus te abençoe então viu”? —

— “Amém”. — Responde Manoel (Manoel - DC 04/08/2023).

Tendo o cuidado essencial, é possível perceber, nas manifestações dos membros, o significado e sentido que têm para eles a prática da doação. Vem à memória as palavras de Heidegger de que “o cuidado se acha a priori, antes de toda atitude e situação do ser humano”. Traços de moralidade, ética, senso de justiça, religiosidade e afeto entoam o agir e pensar, ao ver no próximo à sua própria história – e por isso mesmo – a reciprocidade e a solidariedade tornam mútuos os benefícios – nessa equação – as relações sociais constroem uma sociedade mais justa, mais humana.

Setúbal (2010, p. 66), ao referenciar Boff (1999), dá-nos uma dimensão desse contexto:

O cuidado humano está lá, no íntimo de cada um de nós, esperando ser colocado em prática e imergir nos relacionamentos próximos, perpetuando-se para as relações sociais. Esse nosso cuidado inato propõe uma nova maneira de ver a moralidade e de construir a ética. Idealiza uma justiça que inclui um olhar atento e parcialmente prioritário, uma igualdade que valoriza o cuidado e o afeto aos íntimos e a junção da obrigação para com os direitos do indivíduo com a responsabilidade para com os relacionamentos - particularmente os de trocas prazerosas do nosso convívio.

A partir da leitura dos trechos a seguir, podemos acompanhar como os membros da Horta da Cohab significam e dão sentido ao ato de doar, quando respondem à seguinte questão, por ocasião da entrevista:

Vocês doam hortaliças, plantas medicinais, doam a atenção, cuidado e tempo de vocês para as pessoas da comunidade, visitantes e companheiros de horta. Qual o sentido para você de doar as hortaliças e se doar para as pessoas?

Ao entrevistar o membro Rafael, senti “um nó em sua garganta”, diante da referida questão! Percebi sua emoção e como o senso de justiça, ética, os laços afetivos e memórias do seu passado significam na atitude de doar:

Como diz o outro, eu não sei nem como que eu vou te dizer: é gratificante! A pessoa passa ... igual esses dia passou uma dona aqui e me pediu alface pra comprar. Aí perguntou: ‘quanto ocê vende a couve’? Eu respondi é tudo o mesmo preço. Ela foi contou umas pratinha e falou ‘tem como ocê me vender 0,70 centavos de couve’? Eu não ia cobrar. Então ela disse: ‘o médico mandou bater cenoura e couve pra minha filha que tá com anemia’. Eu enchi a sacola e ela disse que não tinha dinheiro. Eu falei, não! Pode levar. Ela saiu agradeceu, deu Deus que te ajude. As vez vale mais que dinheiro!

Nesse instante, Rafael começou a chorar e relatou:

Eu fico assim, ocê me desculpa, eu volto lá atraís, sabe. Eu já passei por muita dificuldade e quase passei fome, então volta. Eu levo muito por esse lado. As vez chegou aí, entendeu, vai comer sua alface, sua couve. Não é muita coisa mais já ajuda. Igual o caso dessa dona aí ela disse: ‘Ah! Mais e o dinheiro’?

Eu respondi: vai comprar outra coisa, alguma coisa pra sua filha. Não é muita coisa mais se todo mundo fizer um pouquinho no final vira uma coisa grande. Como diz o outro, não tem preço. Ocê me desculpe, mas voltei lá atrás e olha que tem muitos anos (Rafael - DC 18/11/2023).

O membro Coutinho, por meio de suas palavras, expõe o sentido de doar:

“Faz parte da bondade! É ser bom, é ser humano”.

Percebo a emoção de Coutinho, ao dizer essas palavras e vejo seus olhos lacrimejarem.

Ele continua:

Se as pessoa fosse mais humano, pra todo mundo dividia tudo. Os que tem demais dividia com todo mundo. Tem nego que tem condições de falar aí ó: eu vou doar uma vez por mês... eu vou doar uma casinha pra uma pessoa simples. Tem nego que tem condições de fazer isso e não faz. O mundo poderia ser melhor se todo mundo fosse mais humano com os outro (Coutinho - DC 17/11/2023).

Simone também contribuiu com a pesquisa ao manifestar sua opinião sobre o porquê doar:

Porque tem muita gente que não tem condições de comprar né. As vez não tem o dinheiro. Aí pede a gente fica com dó. Eu se os outro vim cá me pedi aí eu fico com dó eu dou. Se tivé dinheiro leva, se não tivé leva assim memo. Porque é uma coisa que ocê não vai vendê totalmente tudo e vai perdê, né. Então antes a gente dá pros outro do que deixá perdê. Na minha maneira é desse jeito aí. Eu dou pros meu vizinho. Dô pra minha família. A gente vai levando assim. É tão bão quando a gente não tem e ocê ganha dum vizinho, dum amigo né ... uma misturinha (Simone - DC 22/11/2023).

Sobre o fato de eles doarem o seu tempo para as pessoas, o membro Honório explica o que pensa sobre isso.

Ah! Isso aí é uma troca de informação. Quando ocê doa seu tempo nem que seja só pra conversar, falar com alguma pessoa é ... não tem preço, né. Cinco minuto que ocê para prá conversá com uma pessoa e ouvi ela, né, principalmente ouvi! Tê esse diálogo, tê essa conversa as vez a pessoa tá com um problema ou os próprio companheiro da horta vem e te pergunta também sobre alguma coisa (Honório - DC 17/11/2023).

Para finalizar, compartilho o pensamento do Sr. Augusto em relação ao motivo pelo qual para ele é importante doar:

Tem ... tem muita gente passando necessidade. Não! — brada ele — Tem que ajudá. As vez eu dou as coisas mais não tô pensando no que ela vai falar pra mim não, mais Deus tá veno. Se ela falar Deus Abençoa, tudo bem, se não fala ... pelo amor de Deus ... pela vontade de Deus ... a gente tá fazendo isso pra Deus né ... tamo mostrando a boa vontade da gente né ... Se ela agradecê tudo bem, se não agradecê, Deus abençoa ela tamém né O mal com mal nunca dá certo, não combina. As treva e a luz né ... as treva e a luz não combina. (Sr. Augusto - DC 25/09/23).

Boff (2017, p. 76) enfatiza que “construímos o mundo a partir de laços afetivos. Esses laços tornam as pessoas e as situações preciosas, portadoras de valor. Preocupamo-nos com elas. Tomamos tempo para dedicar-nos a elas. Sentimos responsabilidade pelo laço que cresceu entre nós e os outros”. Nessa linha de raciocínio, podemos compreender a prática da Doação no acolhimento de pessoas, no cotidiano da Horta da Cohab, como uma forma humana de demonstrar o amor pelo próximo, seja na preocupação, acolhimento, pela comunhão e amizade.

Ao acompanhar essas manifestações dos membros, podemos notar que o bem material, representado pelas hortaliças e plantas medicinais, é, na verdade, o pavimento para se manifestar simbolicamente o amor, os laços afetivos – entre outras virtudes – que permitem as relações sociais para a construção de uma sociedade.

O cuidado essencial é o meio, a terra fecunda, para que esses sentimentos, nas suas mais variadas formas floresçam, como podemos acompanhar no pensamento de Boff (2017, p. 85):

Sem o cuidado essencial, o encaixe do amor não ocorre, não se conserva, não se expande nem permite a consorciação entre os seres. Sem o cuidado não há atmosfera que propicie o florescimento daquilo que verdadeiramente humaniza: o sentimento profundo, a vontade de partilha e a busca do amor.

Assim, termino a apresentação das manifestações dos membros, em relação à prática social: Doação no acolhimento de pessoas, que teve como intuito validar essa prática e convidar o leitor a compreender o sentido que tem para os membros da Horta da Cohab o ato de doar.

Passo a apresentar, na sequência, a segunda prática social identificada: Ajuda mútua na identidade coletiva.

5.3.2 Ajuda mútua na identidade coletiva

“Ah é uai ... que isso. Isso é bom pro outro aprendê. O que a gente sabe ocê morre e leva procê. Se ocê passá pra frente o outro aprende” (Ricardo - DC 25/11/2023).

A ajuda mútua entre os membros ocorre nas trocas de mercadorias, de serviços, troca de saberes, no cuidado com os espaços e nas relações sociais de confiança. Na ajuda mútua, eles superam seus desafios, necessidades e contribuem na formação do coletivo.

No acompanhamento das atividades dos membros, observei e muito a prática da ajuda mútua (entre os pares), sendo parte do cotidiano a doação de mudas; troca de informações sobre o cultivo; o cuidado com o espaço do outro, se acaso, por algum motivo, de forma temporária, ficar impossibilitado de cuidar; o acolhimento e preocupação com o outro nas visitas e disponibilidade para ajuda; a venda de produtos do membro vizinho, quando ele está ausente;

a indicação de clientes para outro membro, quando um cliente procura um produto e o membro não tem ou sua disponibilidade não é suficiente; troca de mercadorias por serviços prestados ou por outros produtos e assim por diante.

Em epígrafe, o membro Ricardo relata a importância da troca de saberes entre eles e justifica essa ação ao afirmar que o conhecimento tem que ser compartilhado.

Um bom exemplo da relação de confiança e, portanto, de ajuda mútua entre os membros que a “as linhas invisíveis” da convivência diária revelou, é o fato de não haver nenhum tipo de formalização, nos acordos diários e constantes, que ocorrem nas interações sociais entre eles. Essa anotação me causou muitos estranhamentos, pois não conseguia perceber nas falas, nas tratativas como o oferecimento de uma mercadoria, de um serviço ou de um favor seria retribuído. Portanto é algo implícito no cotidiano, na convivência deles. O ato de um oferecer e do outro aceitar já define um “compromisso”. O trecho, a seguir, mostra bem essa situação e em notas eu comento minha percepção no momento do vivido:

Cheguei cedo, no dia 18/01/2023, numa manhã de quarta-feira e fiquei à espreita escutando uma conversa do Sr. Martinho com a Inês:

— “Oia não tem problema pegar alguma coisa do outro pra atendê alguém que chega aqui pra compra. As vez a pessoa não tá aqui, mais tem que avisar”. — Afirma Martinho e continua.

— “Igual eu peguei umas couve sua pra passar pro Luciano”.

Em um tom de harmonia, Inês concorda com a fala do Sr. Martinho e pondera:

— “Uai, Sr. Martinho, não tem problema não. O Sr. precisano pode pegar aqui” (Inês; Martinho - DC 18/01/2023).

Presenciei esses diálogos por inúmeras vezes, em diferentes ocasiões, com diferentes membros, em que um transmite ao outro a confiança de resolver alguma questão, fornecer ou entregar alguma mercadoria, no entanto sem estar alinhado – para mim – como seria a retribuição e/ou, no caso retratado, quando um passaria o valor recebido ao outro.

Muito provavelmente minha incompreensão, quanto à relação implícita de confiança que depositam um no outro, possa ser explicada, como reflete Boff (2017), pelo respeito ao diálogo e ao outro que, por seu empenho, oportuniza a interação e a reciprocidade:

Cuidar do outro é zelar para que esta dialogação, esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e de amorização. O outro se dá sempre sob a forma de homem e de mulher. São diferentes, mas se encontram no mesmo chão comum da humanidade. Ambos realizam, em seu modo singular, a essência humana, abissal e misteriosa. A diferença entre eles não é algo fechado e definido, mas algo sempre aberto e

plasmável, pois se encontram em permanente inter-ação e reciprocidade (Boff, 2017, p. 108).

A relação de trocas também faz parte do cotidiano da horta, como condição de ajuda mútua entre eles, não apenas de mercadorias, mas de serviços por mercadorias. No trecho, a seguir, podemos acompanhar uma dessas situações.

No dia 12/08/2023, fui, como voluntário, juntar esterco de vaca em uma fazenda para o Sr. Martinho repor seu estoque. Rapamos o curral e enchemos um caminhão, de forma manual, usando como ferramentas pás e enxadas. Acompanharam-nos o filho do Sr. Martinho, Amauri e outro membro da horta que se chama Ricardo. Foi uma manhã agradável de muito trabalho e também muitos risos e brincadeiras. A Fotografia 8 ilustra esse dia.

Fotografia 8 - Relação de troca de serviço por insumo: buscando esterco de vaca.



Fonte: Maia (2021).

No final, presenciei que o Sr. Martinho, como forma de agradecimento pela ajuda, repassou ao membro Ricardo seis sacos de esterco.

Em outra passagem, podemos acompanhar a troca de mercadorias, que também reforça a ajuda mútua e o sentimento de pertença. Acompanhe um diálogo do Rodolfo com o Sr. Martinho.

Era uma manhã do dia 23/02/2023, quinta-feira e eu estava trabalhando com o Sr. Martinho plantando alfaces, quando o Rodolfo chegou e então presenciei o diálogo dos dois. O Sr. Martinho se dirigiu ao Rodolfo dizendo:

— “Rodolfo, aqui se ocê quiser pegar umas cinco cabeça de alface pro cê pode pegar. Pega essas daqui prá lá ó”. — Mostra o Sr. Martinho no canteiro.

Rodolfo respondeu:

— “Uai, Sr. Martinho, pego sim pra mim levar pra casa. O Sr. vai me dar”? — Pergunta Rodolfo.

— “Vou, sim”. — Responde Martinho.

— “Obrigado, Sr. Martinho” — Diz Rodolfo.

A conversa continua e o Sr. Martinho se dirigiu novamente a Rodolfo:

— “Rodolfo, tem uma abóbora sua que passou pro meu lado”. — Diz Sr. Martinho de forma alegre e com muitos risos.

— “Uai, se ela passou para o seu lado, ela é sua Sr. Martinho. Leva pra casa pra comer com angu e quiabo”. — Respondeu Rodolfo também sorridente.

— “Oce vai me dar”? — Perguntou o Sr. Martinho.

— “Vô, uai, o Sr. pode colher ela lá” (Rodolfo; Martinho - DC 23/02/2023).

A doação de mudas é outro ponto marcante nessa relação de ajuda mútua, como podemos ver no trecho, a seguir, em que o membro Rafael manifesta o significado da ação de doar mudas no sentido da ajuda mútua. Acompanhe:

Em relação à ajuda mútua, Rafael assevera:

“Não, tem que ter, senão não vai pra frente”.

Rafael estava tirando mudas das couves, que, como forma de manejo, fortalece a planta. Então, ele manifesta a prioridade em ajudar um outro membro.

“Eu podia muito bem jogar ali embaixo pra adubar o terreno com compostage. Mais se serve pro Mário plantá deixo aqui pra ele pegar” (Rafael - DC 18/11/2023).

A Fotografia, a seguir, mostra nesse dia a porção de mudas de couve, que, em vez de serem usadas para adubação, foram separadas para outro membro aproveitar.

Fotografia 9 - A ajuda mútua no doar mudas: couve.



Fonte: Do autor (2023).

O membro Honório, de maneira abrangente e oportuna, apresenta-nos o sentido da ajuda mútua para eles:

É importante né porque o princípio básico de uma associação né ... o associativismo acaba sendo uma união, o diálogo a compreensão. Porque as vez a pessoa ... que nem já aconteceu, até eu memo, de ficar doente, a pessoa tá aí pra te ajudar né. Sua horta tá aí sem moia a pessoa vem e moia pro cê. A pessoa as vez cê consegue uma informação que a outra não tem a capacidade de consegui, as vez tem mais facilidade no celular pra consegui e o outro não tem esse acesso. Aqui dentro ... aqui a informação serve pra todo mundo porque o problema acaba seno o mesmo (Honório - DC 18/11/2023).

Ao ser indagado, o membro Coutinho trouxe uma perspectiva que me surpreendeu, ao demonstrar um ato de comportamento coletivo, no contexto da ajuda mútua. No momento da fala eu o entrevistava:

Uai até a parte da ajuda ... assim na parte da amizade, só de ocê não arrumar encrenca, não brigar com o outro é uma ajuda boa. De não ter briga. Ocê sabia? É uai! As vez a gente tá ali ... eu não ajudo o outro a capinar nem nada ... mais combiná bem com o outro, é bão! Nós dois aqui agora é uma ajuda (Coutinho - DC 17/11/2023).

Ricardo, de 36 anos de idade e dois anos de horta, compartilha sua experiência em relação à importância do acolhimento e transmissão de saberes, por ocasião de sua chegada, com vista a se ajudarem:

O Sr. Martinho quando eu comecei ... aqui um dia eu plantei nesses cantero aqui memo ‘cicarola’ (escarola) ... eu plantei um tantinho assim uma da outra. Eu não tinha noção. Eu tava, vamo supor, doido pra plantá, pra ver a planta crescê. Eles foi me ensinano. Um ajuda o outro aqui (Ricardo - DC 25/11/2023).

Podemos nos beneficiar dos pensamentos de Setúbal (2010), em sua dissertação intitulada *O Cuidado e a ética do Cuidado: um diálogo entre leonardo boff, carol gilligan e nel noddings*, uma vez que a autora contribui com a pesquisa, ao nos favorecer retratar a prática da ajuda mútua: “precisamos do nosso semelhante - na troca de ideia, no trabalho, no lazer, na satisfação e insatisfação - a presença do outro é fundamental para a vida ser concreta” (Setúbal, 2010, p. 20).

Na prática social da Ajuda mútua na identidade coletiva, foi possível identificar, nas linhas invisíveis da convivência diária com esse coletivo, que as ações desempenhadas por eles, nessa prática, têm como dimensão, além do cuidado com o outro, o sentimento de pertença, de coletivo, que, por sua vez, também ajuda a sedimentar a produção e reprodução de sua vida social.

Compreendidas as percepções da Ajuda mútua na identidade coletiva da Horta da Cohab, passo para o próximo e terceiro tópico das práticas sociais identificadas: Respeito à natureza orientando ações cotidianas.

5.3.3 Respeito à natureza orientando ações cotidianas

“A plantinha ocê conversa com ela e tudo faz falta. Deixa plantar flor também” (Reinaldo - DC 03/12/2022).

Pela prática do Respeito à natureza, os membros da Horta da Cohab demonstram o cuidado com a natureza, como parte da sua história, como elo de orientação das ações cotidianas de preservação do ambiente, dos saberes e memórias dos antepassados. É flagrante o quanto essa prática proporciona a interação dos membros consigo, com as pessoas e todos os seres.

Nesse enredo, Boff (1999 apud Setúbal, 2010, p. 24) enquadra de forma oportuna o que depreende da prática do respeito à natureza vivenciada na Horta da Cohab, germinada no cuidado: “dar centralidade ao cuidado não significa deixar de trabalhar e de intervir no mundo. Significa renunciar à vontade de poder que reduz tudo a objetos, desconectados da subjetividade humana”.

A relação com a natureza e todos os seres se faz fecunda na Horta da Cohab e retrata bem os ideais utópicos de Boff (2000 apud Anjos, 2023, p. 43), pois manifestam o cuidado com todas as formas de vida, coisas, agências humanas e não humanas:

Cuidar significa entreter uma relação amorosa com a realidade e com cada ser da criação. E investir coração, afeto e subjetividade. As coisas são mais que coisas que podemos usar. São valores que podemos apreciar, são símbolos que podemos decifrar. Cuidar significa envolver-se com as pessoas e as coisas, dar-lhes atenção, colocar-se junto delas, senti-las dentro do coração, entrar em comunhão com elas, valorizá-las e compreende-las em sua interioridade. Tudo de que cuidamos também amamos. E tudo que amamos também cuidamos. Pelo fato de nos ligarmos afetivamente com as pessoas e as coisas nos preocupamos com elas e sentimos responsabilidade por elas (Boff, 2000, p. 41).

Compartilho alguns relatos que demonstram essa condição.

Caetano demonstra sua relação com as minas d'água que tem nos fundos da horta:

“Essa água me criou. A vida inteira tem essa água aqui no fundo” (Caetano - DC 25/11/2022).

Em inúmeras ocasiões, é possível identificar a sua relação com a natureza como parte “de nós”:

“Se cuidar protege nosso pulmão, uai. A mata aqui é nosso pulmão”! (Caetano - DC 20/09/2023).

Em epígrafe, Reinaldo, em diálogo com o Dimas, chama a atenção do amigo que observava de forma negativa o fato do Fontes, outro membro, estar plantando flor. Nesse trecho, é possível observar o respeito dele (Reinaldo) para com as plantas atribuindo a elas a importância de uma amiga, companheira ao afirmar que conversa com elas. Ao memorar o relato, fica iminente a relação de respeito deles, no caso, com as plantas. Boff (2017, p. 72) retrata essa condição: “a relação não é sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito. Experimentamos os seres como sujeitos, como valores, como símbolos que remetem a uma Realidade fontal”.

Aliás, conversar com plantas está presente em muitos e muitos relatos, afinal, nas palavras de Boff (2017, p. 72): “a natureza não é muda. Fala e evoca. Emite mensagens de grandeza, beleza, perplexidade e força. O ser humano pode escutar e interpretar esses sinais”. Acompanhemos o depoimento de Inês a esse respeito:

“Eu converso né com as planta. Um dia a moça chegou aqui e falou: ‘uai, dona, a senhora tá conversando com quem’? Eu respondi: Ah! Eu tô conversando com as minha plantinha aqui ó!” (Inês - DC 21/11/2023).

Continuando com as manifestações, a consciência ecológica está sempre presente. A seu modo, Caetano chama a atenção para o calor dos dias atuais e a necessidade de proteger as matas, vejamos:

É fazer o que né ... foi assim que os homi quis né. É vender oro (ouro) ... vender maderá ... destruino a natureza. O povo tá querendo competir até com os índio. Os índio corta uma folha lá ... es corta a casca da árvore e come sem estragá a natureza, sem estragá nada. E o povo competino com os índio de todo jeito es qué rancá oro (Caetano - DC 26/09/2023).

O respeito com os animais e a consciência do papel dos membros, como protetores daquele espaço, podem ser sentidos na manifestação do membro Mário que assim se referiu a um tatu quando conversávamos:

“Ele passou por aqui olha pro cê vê. A gente fica um pouco bravo mais não adianta, né — (muitos risos). Na verdade, nós é que tá no ambiente dele. E ele tá aqui por causa de nós que protege aqui. Tem terra fofinha tem minhoca pra ele!” (Mário - DC 26/09/2023).

Sobre a consciência de seu papel como protetores da natureza, eles revelam alguns resultados com orgulho em suas falas:

Aqui tem muito tatu, canarinho, trocal (pássaro), trinca-ferro. De vez em quando vem João de Barro atrás de minhoca quando tô mexendo nos cantero (Fotografia 10). Outro dia um tatu arrancou uma raiz de mandioca. Eu deixei pra ele comer, mais ele não voltou. Ele não gostou muito não — (entre muitos risos) (Manoel - DC 04/08/2023).

Fotografia 10 - Consciência protetora: João de Barro acompanhando o trabalho



Fonte: Do autor (2023).

Inês relata seu amor e compaixão pelas plantas, demonstrando-lhes respeito como um ser vivente – como nós. Essa compaixão foi retratada por Boff (2017, p. 98) e ilustra bem o respeito dos membros por toda a forma de vida por meio da compaixão:

Trata-se de sair de seu próprio círculo e entrar na galáxia do outro enquanto outro para sofrer com ele, alegrar-se com ele, caminhar junto com ele e construir a vida em sinergia com ele. Em primeiro lugar, essa atitude leva à renúncia de dominar e, no limite, de matar qualquer ser vivo, recusando toda violência contra a natureza.

Inês ganhou uma muda de tomate de uma vizinha, contudo o tomateiro (Fotografia 11) não tem produzido frutos aproveitáveis, mesmo assim ela afirma:

— “Ah! Mais eu não corto ele não. Tá bonito e dá dó cortar né tadinho”.

Eu quis confirmar a sua fala e questiono: A Senhora não corta? — Ela responde:

— “Ah não né deixe ele aí, quem sabe um dia ele não vinga! — risos. Se ele tiver que morrer, vai morrer por ele memo, né. Porque com o tempo ele morre” (Inês - DC 06/11/2023).

Fotografia 11 - Respeito pelas plantas: pé de tomate.



Fonte: Do autor (2023).

Honório finaliza com propriedade a prática do respeito à natureza por parte desse coletivo. Essa atividade representa a comunhão de todos na preservação do meio ambiente e na qualidade de vida de todos os seres vivos.

Hoje em dia ocê vê os passarinho que vem. O pouco de fruta que tem plantado aqui mata a fome deles. Porque se não tivesse isso aqui ... que ocê tem bananeira plantada pra todo lado, tem os pé de mangueira que produz a fruta pra eles agora, tem abacate ... tem tudo. A terra que produz pra eles a minhoca que eles vem caçá alguma coisa aí eles acha ... de alguma forma nois tá protegeno eles aqui também porque sai de onde sair é uma área de proteção ambiental. A gente tá cultivano dentro de uma área de preservação ambiental (Honório - DC 17/11/2023).

Waldow (2004, p. 132) retrata esta condição, ao afirmar que “o momento em que o ser cuida, verdadeiramente, ele se envolve, interage, responsabiliza-se pelo crescimento e bem-estar do outro, seja uma ideia, seja uma planta, seja um animal, seja a natureza como um todo”.

Termino aqui a apresentação da prática social Respeito à natureza, orientando ações cotidianas. Pelas manifestações, pudemos acompanhar como os membros manifestam o cuidado com todas as formas de vida, coisas, agências humanas e não humanas e, dessa forma, orientam suas ações do dia a dia. A seguir, apresento a quarta e última prática social identificada: Preocupação em produzir comida sem veneno.

5.3.4 Preocupação em produzir comida sem veneno

“Se as pessoa vem aqui comprar porque não tem veneno então não vou usar” (Martinho - DC 16/02/2023).

A expressão “sem veneno” foi percebida, logo no início dos trabalhos de campo e notada, ao longo do tempo, para se referir à preocupação com a produção de alimentos de qualidade, sem veneno, para si, para os que recebem como doação e também para as pessoas que ali os procuram para comprar. Outra preocupação percebida, a partir da prática de produzir sem veneno, é com a contaminação do solo, dos alimentos e de inúmeras espécies de animais que ali se abrigam.

Nesse contexto, os membros demonstram, por meio das próprias experiências, dos conhecimentos históricos que carregam consigo e aprendizado com os antepassados, a importância de produzir sem veneno tendo como preocupação maior o cuidado com os seres, humanos e não humanos. Configura-se também em uma forma de transmitir e resguardar saberes guardados pela comunidade local. Por seu turno, essa prática beneficia a sociedade que pode desfrutar de produtos orgânicos, sem veneno, além da possibilidade de também incorporar esses conhecimentos, como nos ensina Boff (2017, p. 106):

Esses saberes revelam dimensões da realidade local e são portadores de verdade e de sentido profundo a ser decifrado e a ser incorporado por todos. O que daí resulta é uma profunda harmonia dinâmica do ecossistema onde os seres vivos e inertes, as instituições culturais e sociais, enfim todos encontram seu lugar, interagem, se acolhem, se complementam e se sentem em casa.

Em epígrafe, o membro Martinho manifesta que as pessoas procuram ali um alimento de qualidade, saudável, sem veneno e que, em contrapartida, eles entregam esse mesmo alimento, que, para eles, simboliza o cuidado com o próximo.

Em diversas passagens, foi possível ouvi-los comentar e refletir sobre as consequências do uso de agrotóxicos, no cultivo e manejo de lavouras, principalmente em produções de larga escala. Os debates que as conversas proporcionaram, a seu modo, com experiências vividas, colaboram na compreensão do que aconteceu outrora. Esse discernimento interfere na atitude deles de se preocupar com o presente e futuro. Esses debates moldam e sedimentam suas ações e maneiras de produzir desencadeando, enfim, a produção de comida sem veneno como prática social.

Boff (1999, p. 136-137), ao ponderar sobre o cuidado com uma sociedade sustentável, revela que “atualmente quase todas as sociedades estão enfermas. Produzem má qualidade de

vida para todos, seres humanos e demais seres da natureza”. Quanto a esse aspecto, o autor levanta a discussão sobre as atividades centradas na dominação da natureza e na exploração da força do trabalhador para atender a interesses neoliberais.

Seguindo a trilha dessa provocação, cabe aqui registrar o atual cenário das sociedades, principalmente do hemisfério Sul, que, salvo exceções, vivenciam má qualidade de vida de todas as agências – humana e não humana – por serem cooptadas pela cultura e economia dos países do Norte.

Nessa pista interpretativa, aponto a contribuição dos membros da Horta da Cohab, para com a comunidade em seu entorno, pois pela prática de produzir comida sem veneno trabalham fortemente o antídoto para as “enfermidades” apontadas por Boff.

Acompanhemos trechos de algumas dessas falas que surgiram em diálogos entre eles, naquelas reuniões animadas do dia a dia na rua. Por estes trechos, podemos entender que o sentido de produzir comida sem veneno está na influência de experiências anteriores e na responsabilidade com o meio ambiente e com a qualidade do alimento que as pessoas vão consumir, numa “profunda harmonia dinâmica do ecossistema” (Boff, 2017). Vejamos:

Antes a gente barria e catava café no chão e sentia o gosto da terra. Hoje cê já não pode fazer isso mais. É puro veneno. Es joga um tal de batiston¹⁸ pra produzir cada veis mais (Caetano - DC 22/02/2023).

Hoje perto da colheita es joga ramdap¹⁹ e vem com aquelas coiedera e depois adianta a secage nos forno. Fica aques feijão duro cascudo. Tem até que bater no liquidificador (Caetano - DC 16/02/2023).

Em um diálogo entre Coutinho e Caetano, podemos acompanhar, na opinião deles, o abandono da produção de um tipo de arroz por causa do uso de agrotóxicos, vejamos:

— “Tinha um arroz amarelinho que tinha um gosto diferente. Ceis lembra dele”? — Pergunta Coutinho.

— “Es contamina tudo, tem isso mais não”. — Retruca Caetano (Coutinho; Caetano – DC 16/02/2023).

¹⁸ Quando Caetano fala “batiston”, na verdade, ele se refere ao fungicida Baysiston da Bayer, muito usado em lavouras de café. A Bayer é uma empresa química e farmacêutica alemã (Bayer, 2024). Sempre atento, eu anotava ou memorizava as falas para depois registrar no DC e pesquisar. Impressionou-me o conhecimento popular e prático que eles têm ao fazer referências para embasar suas falas.

¹⁹ Roundup é uma marca que pertence à empresa alemã Bayer. Sua linha de produtos é voltada ao controle de plantas daninhas (Agro Bayer Brasil, 2024).

Conversava com o Gaspar sobre uma proposta, da qual fui o portador, para participarem de uma feira e que, para isso, teriam que se inscrever no Cadastro Nacional de Produtor Orgânico. Ao justificar que não compensava, ele menciona o modo de cultivo deles.

“E outra, nós produz sem veneno igual ocê vê aqui, mais gastar dinheiro com esse cadastro aí, isso também não precisa” (Gaspar - DC 04/08/2023).

Comentava com o Sr. Augusto sobre a qualidade das hortaliças da horta e ele também comenta sobre a forma de cultivo:

“É diferente porque aqui é natural, sem veneno” (Augusto - DC 25/11/2023).

A preocupação com a produção orgânica pode ser vista no manejo adotado pelo Sr. Augusto. Para adubar seus canteiros, ele utiliza material orgânico de compostagem²⁰ feito ali mesmo no seu espaço, conforme Fotografia 12. Esse tipo de manejo, com compostagem, é complementado por grande parte deles com esterco animal.

Fotografia 12 - Produção de adubo orgânico: compostagem



Fonte: Do autor (2023).

²⁰ Agregado a atividade de produzir material orgânico no próprio espaço, com insumos ali mesmo encontrados (folhas, restos de hortaliças, mato proveniente de capina), chamo a atenção para “o reaproveitamento de caixas d’água, telhas e caixas plásticas descartadas da construção civil e de indústrias para fazer a compostagem” (Almeida, 2004, p. 26).

Em uma conversa informal com o membro Pedro, percebemos seu pensamento em relação ao sentido de produzir sem veneno. Pergunto a ele sobre o uso de agrotóxicos na horta e ele pondera:

— "Eu não ponho não".

Para confirmar o seu entendimento, pergunto não põe o quê? — Ele responde:

— "Veneno. Nós põe só na terra, as veiz um calcário pra repor a terra, né. Eu não coloquei dessa veis, não ... porque tá estercoado, mas de vez em quando eu coloco".

Usando de uma linguagem coloquial do grupo, tento confirmar suas ideias dizendo que "o veneno pode contaminá as planta" e ele responde:

— Cê tê uma horta dessa aqui pro cê evitar comprar ... é ... é como se diz ... veneno no supermercado pro cê por veneno aqui aí num adianta nada gastar tempo de ficar cavucando a terra. Só vai lá no supermercado compra e traiz. Agora a vantagem aqui é o natural né. Então eu só coloco alguma coisa natural na terra porque cê vai aguando e os componente vai descendo né (Pedro - DC 22/08/2023).

Na fala do membro Oscar, podemos observar o uso do manejo agroecológico, por ocasião de uma conversa sobre o controle do parasita pulgão, conhecido popularmente como piolho, sendo muito comum nas folhas da couve:

Ah! Dá uns piolho e ocê tem que ficar insistente com eles. Eu não gosto de pulverizá nada. Eu tenho um litro ali eu venho com a água e quando começa a dar eu lavo folha por folha pra tirar. Mais a couve quando tem a joaninha, sabe aquelas joaninha? A joaninha combate com o piolho. Olha aqui pro cê vê.
— Oscar me mostra joaninhas na plantação (Oscar - DC 13/10/2023).

Caetano expõe a consciência ecológica deles e do Cuidado Essencial ao produzir comida sem veneno, vejamos:

O problema é que o randap é veneno e os passarinho come a semente envenenada e morre, né. Pra nois aqui não compensa. Outra coisa ... se uma criança passa a mão no mato e coloca na boca, no olho, pensa bem procê vê (Caetano - DC 09/11/2023).

Para finalizar, observamos na fala do Honório a preocupação não apenas com eles, mas também com as pessoas que ali buscam alimentos para o consumo.

Porque cê ocê tá produzino pra sua família não tem razão ... ocê qué produzi uma hortaliça saudável, com qualidade né. Não é só ocê. Ce ocê tá plantano geralmente ocê não planta só procê né ... mesmo quando ocê planta lá 20, 30 pezinho se chega uma pessoa quereno comprá ocê vai vender pra ela ... ocê tá vendendo uma hortaliça de qualidade (Honório - DC 17/11/2023).

A identificação das Práticas Sociais da Horta da Cohab contribuiu para responder à questão que problematiza a pesquisa, bem como o atendimento dos objetivos propostos. A escolha da ATD, como abordagem de análise dos dados, foi importante e assertiva para acessar, a partir do material constituído pelo corpus de pesquisa, a atribuição de significado e criação de sentido que os membros conferem às suas atividades práticas sociais.

O Cuidado Essencial como referencial teórico, na perspectiva do modo de ser-no-mundo pelo cuidado (modo-de-ser-cuidado), praticado pelos membros, foi o mais apropriado, pois permitiu decifrar as linhas invisíveis que estruturam e sedimentam a construção da vida social desse coletivo, da sua essência enquanto ser-social-coletivo. Dessa feita, pudemos nos subsidiar nas nuances de cada gesto, palavra, olhar, do dito – não dito – para assim vislumbrar o mosaico práticas sociais da Horta da Cohab.

As práticas sociais verificadas evidenciam características intrinsicamente camponesas que os membros preservam, ao aplicarem, segundo Seyferth (2011), um conceito mais amplo de identidade social:

[...] identidade social que, no caso do campesinato, também supõe pertença grupal expressada na ordem do discurso e das representações, assentado nos símbolos e nas práticas cotidianas, presumindo a existência de um segmento camponês diferenciado do capitalismo agrícola e dos cidadãos (Seyferth, 2011, p. 402).

De acordo com Ploeg (2009), a “[...] condição camponesa consiste na luta por autonomia e por progresso, como uma forma de construção e reprodução de um meio de vida rural em um contexto adverso caracterizado por relações de dependência, marginalização e privação” (PLOEG, 2009, p. 17). A produção sem veneno representa essa condição, ao não comprarem insumos agroquímicos, oriundos das corporações multinacionais e transnacionais. Assim, os membros não têm a dependência tecnológica, em relação ao mercado capitalista e apresentam soberania alimentar.

A reciprocidade, nas relações de troca de serviço presentes na Ajuda mútua, retratada na Fotografia 8, é uma atividade camponesa discutida por vários autores.

O Respeito à natureza e à solidariedade na Doação de alimentos, bem como no cuidado com o próximo, também se refletem como características campesinas.

No desenvolvimento da análise das práticas sociais identificadas, pudemos entender as formas que representam a produção e reprodução da vida cotidiana da Horta da Cohab. As triangulações entre as manifestações em campo, literatura atinente e reflexões tácitas permitem inferir que essas práticas sociais plasmadas cotidianamente pelos membros da horta, ao longo

do tempo, asseguram a sustentabilidade e a continuidade das atividades desse coletivo desde 1998, ou seja, por 25 anos.

Nessa conjuntura, acompanharemos, no próximo item, o estudo do perfil socioeconômico dos membros da Horta da Cohab, para compreender as atitudes e traços pessoais, que certamente influenciam e ajudam a moldar as práticas sociais.

5.4 Perfil socioeconômico dos membros da Horta da Cohab

O ser humano, desde os primórdios de nossa espécie, constitui-se como um ser coletivo, de sociabilidades cambiantes, que assim se agrupam e desenvolvem suas habilidades e valores sociais, para prover seu sustento, protegerem-se, cuidar uns dos outros, enfim, perpetuar a espécie. Nessa junção de atitudes e traços pessoais, eles – homens e mulheres – deixam suas características intrínsecas que, desde então, constituem cada sociedade.

À vista disso, a proposição de verificar as características do perfil socioeconômico dos membros se alinhou com as premissas de um estudo social, como destacam Pavão, Graciano e Blattner (2006 apud Graciano; Lehfeld, 2015, p. 160):

Ressaltam Pavão; Graciano; Blattner (2006) que o estudo social é baseado no contexto familiar e na realidade social, tendo como finalidade subsidiar decisões e ações, possibilitando a coleta de informações a respeito da realidade sóciofamiliar de cada indivíduo e família e as questões sociais que afetam suas relações sociais, especialmente em seus aspectos socioeconômicos e culturais.

A técnica utilizada para o estudo socioeconômico dos membros da Horta da Cohab foi a entrevista semiestruturada no período de 14/11/2023 a 29/12/2023. As entrevistas foram realizadas no espaço da horta e contaram com a participação de 22 (vinte e dois) dos atuais 34 (trinta e quatro) membros, sendo que 2 (dois) membros não se dispuseram a responder e outros 2 (dois) eu não consegui entrevistar. Quanto aos 8 (oito) restantes, não tive contato ao longo da pesquisa. Os membros entrevistados foram escolhidos com base no critério de ser o representante familiar junto à horta (fundador ou efetivo).

Durante o trabalho de campo, como já mencionado, ainda não haviam ficado expressas de forma clara a atribuição de significado e que sentido têm para os membros algumas práticas sociais identificadas. Para dar andamento a essa questão, introduzi, no formulário do estudo socioeconômico, por ocasião das entrevistas, perguntas abertas atinentes a esse propósito. O resultado dessas validações está mencionado nesta dissertação e o critério para introduzi-las, obviamente, respeitou a oportunidade em que o assunto assim sugerisse.

5.4.1 As características do perfil socioeconômico: como elas retroalimentam as práticas sociais desse coletivo

Considerações e vinculações teóricas preliminares atendidas, passo a apresentar os dados do perfil socioeconômico dos membros da Horta da Cohab, norteados pelo objetivo específico 3, com vista a contribuir com o objetivo geral de pesquisa.

A contribuição desse passo específico ajuda a avançar nas proposições gerais do trabalho, uma vez que as atitudes e traços pessoais dos membros da Horta da Cohab, intrínsecas do seu perfil social e econômico, retroalimentam as práticas sociais desse coletivo. Nessa inter-relação cotidiana, seus participantes ajudam a moldar a instituição Horta da Cohab e, quiçá, a comunidade em seu entorno.

Dito de outra forma, a tarefa é apresentar como cada característica oportunizada pelo estudo social dos membros se relaciona e concorre de maneira geral com as práticas sociais identificadas.

Isso posto, cabe ressaltar que as questões levantadas na entrevista foram exclusivamente aos propósitos desta pesquisa, não havendo vinculação, nesse caso, com roteiros e parâmetros de pesquisas oficiais, como o censo, por exemplo.

Na Tabela 1, Tabulação do Perfil Socioeconômico, podemos acompanhar os dados absolutos e média apurados, por ocasião do estudo socioeconômico dos membros da horta.

Tabela 1 - Tabulação do Perfil Socioeconômico

Quant.	Sexo		Cor	Idade	Estado civil	Familia	Instrução formal								Residência		Possui fonte renda externa a horta			Seu trabalho na horta gera renda			Renda familiar Ref. Salário mínimo - 2023		Tempo associação	Membro	
	M	F				N° pessoas	S	F1i	F1c	F2i	F2c	Mi	Mc	Urbano	Rural	Sim	Não	Qual?	Sim	Não: CP	Qual valor?	Salários	Percapita	Anos	Fundador	Efetivo	
1		X	PAR	60	CA	3			X					X		X		LI RE	X		NS	3	1,0	15		X	
2	X		PAR	72	EU	12		X						X		X		TRAB	X		NS	3,6	0,3	8		X	
3	X		PAR	45	CA	3			X					X		X		TRAB	X		NS	2,5	0,8	8		X	
4	X		PAR	36	CA	4				X				X		X		TRAB		X		2	0,5	2		X	
5	X		PRE	42	CA	3			X					X		X		AUT	X		NS	2	0,7	14		X	
6	X		PAR	70	CA	6		X						X		X		APO	X		NS	2	0,3	12		X	
7		X	BRA	70	VI	5			X					X		X		APO		X		4	0,8	25	X		
8	X		BRA	54	CA	3							X	X		X		APO		X		2	0,7	0,3		X	
9	X		PAR	76	CA	2				X				X		X		APO		X		2	1,0	4		X	
10		X	PAR	55	CA	2			X					X			X	SEM		X		1	0,5	4		X	
11	X		PRE	75	CA	7	X							X		X		APO	X		NS	2	0,3	25	X		
12	X		PAR	56	CA	4						X		X		X		TRAB		X		3,5	0,9	10		X	
13	X		PAR	55	CA	6				X				X		X		APO	X		NS	3	0,5	1		X	
14	X		PAR	63	CA	5			X					X		X		APO	X		NS	3	0,6	12		X	
15	X		PAR	64	CA	2			X					X		X		LI RE	X		NS	2	1,0	12			
16	X		PRE	63	CA	2					X			X		X		APO	X		NS	2,5	1,3	20		X	
17	X		BRA	74	CA	3			X					X		X		APO	X		NS	2	0,7	5		X	
18	X		PAR	59	CA	4				X				X		X		APO	X		NS	2,5	0,6	25	X		
19	X		PAR	58	CA	3		X						X		X		AUT		X		2	0,7	25	X		
20	X		PAR	65	CA	2		X						X		X		APO		X		2	1,0	4		X	
21	X		PAR	57	CA	3				X				X		X		TRAB		X		2,5	0,8	24		X	
22	X		PRE	59	CA	3		X						X		X		APO		X		2	0,7	10		X	

Resultado médio e total apurado

Resultado final e total apurado																										
Quant.	Sexo		Cor	Idade	Estado civil	Família	Instrução formal						Residência		Possui fonte renda externa a horta			O trabalho na horta gera renda			Renda familiar Ref. Salário mínimo - 2023		Tempo associação	Membro		
	M	F				N° pessoas	S	F1i	F1c	F2i	F2c	Mi	Mc	Urb	Rural	Sim	Não	Qual?	Sim	Não	Qual valor?	Em salários	Percapita	Ref. Anos	Fundador	Efetivo
22	19	3	15 - PAR	60,4	20: CA	3,95	1	6	7	5	2	0	1	22	0	21	1	12 - APO	12	10	NS	2,4	0,7	12,06	4	18
			04 - PRE		01: UE													02 - LI RE								
			03 - BRA		01: VI													05 - TRA								
																		02 - AUT								
																		01 - SEM								

Legenda:

PAR: Pardo
BRA: Branco
PRE: Preto

CA: Casado
EU: União Estável
VI: Viuvo

S: Sem instrução formal
F1i: Ensino fundamental 1 incompleto
F1c: Ensino fundamental 1 completo
F2i: Ensino fundamental 2 incompleto
F2c: Ensino fundamental 2 completo
Mi: Ensino médio incompleto
Mc: Ensino médio completo

APO: Aposentado
LI RE: Licença remunerada
TRA: Trabalho formal
AUT: Autônomo
SEM: Sem ocupação formal

CP: Consumo próprio
NS: Não soube responder

Fonte: Do autor (2023).

Acompanhando a Tabela 1, podemos observar que 86,36% dos membros representantes familiares são homens e 13,64% são mulheres. Se ampliarmos para o total geral de membros, o percentual de mulheres é de 11,76%.

Quando da entrevista, ouvi muitos relatos de que os netos ficam com os patriarcas. Nessa condição, as avós ficam com os netos, durante o dia, para que os filhos e filhas possam trabalhar. Não foram poucos os relatos de que os filhos, mesmo adultos, moram com os pais. Chegamos então à média de pessoas nas famílias dos membros da horta: quatro pessoas, aproximadamente.

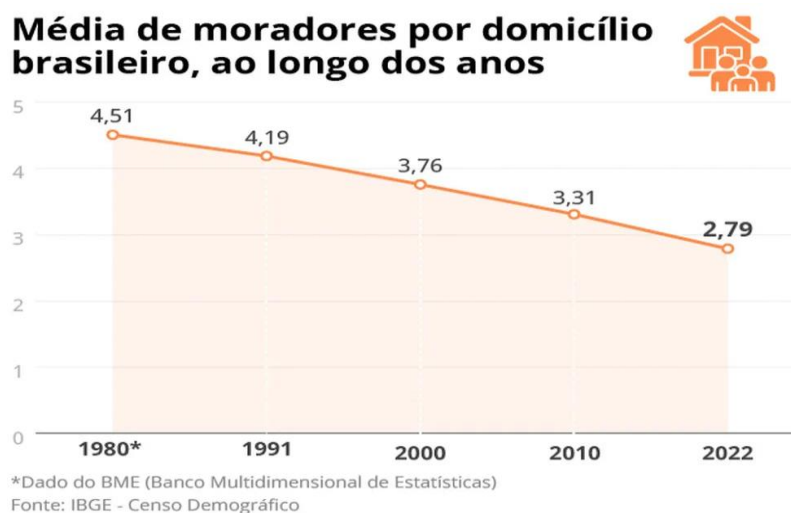
A esse respeito, posso destacar que cuidado e gênero, embora não estejam, nesse momento, no foco dos objetivos deste trabalho, são temáticas cruciais para entendermos o papel das mulheres na participação social. Temos, pois uma outra forma de cuidado que, no caso específico da Horta da Cohab, destaca as mulheres se dedicando mais ao cuidado do lar, dando atenção aos filhos, filhas, netos, enfim à toda a família, sem, contudo deixar de guarnecer e colaborar com os maridos no dia a dia na horta. Ressalto que se trata de um caso específico em um momento da realidade. Entretanto é imperativo afirmar que uma maior participação das mulheres poderia contribuir, sobremaneira, na construção coletiva da vida social da Horta da Cohab. Se assim o fosse, a representatividade feminina proporcionaria e, com méritos, mais legitimidade a esse empreendimento, haja vista a grande contribuição das atrizes observadas no cotidiano da horta.

Em outra linha de reflexão, a diferença que consiste em mais homens que mulheres, no trabalho da horta, merece atenção e pode colaborar, no sentido de ampliar e/ou repensar modelos de hortas comunitárias autogestionárias que centrem, incentivem e deem condições para maior participação feminina.

O portal Gov.br (Censo..., 2023) do Governo Federal, divulgando informações do Censo 2022, realizado pelo IBGE, traz um dado importante que pode fundamentar a diferença de gêneros nas atividades da horta. Trata-se da relação entre o crescimento dos domicílios e a população, apontando para uma queda na média de moradores por domicílio: era de 3,31 no Censo 2010 e alcançou 2,79 no Censo 2022.

Uma reportagem do portal O Globo também trabalha esse assunto e faz uma comparação com censos anteriores, como podemos acompanhar na Gráfico 1:

Gráfico 1 - Média de moradores por domicílio brasileiro, ao longo dos anos



Fonte: Nalin, Causin e Coutinho (2023).

Pelo exposto, temos que a média de pessoas, nas famílias dos membros da horta, que é de aproximadamente quatro pessoas, corresponde, por aproximação, aos dados do ano de 1991. O cuidado das mulheres com o lar e com os membros da família, nesse caso, justifica atualmente, em tese, a diferença entre homens e mulheres nas atividades da horta da Cohab.

Pela entrevista, podemos acompanhar que 68,18% se declararam como pardos, 18,19% pretos e 13,63% como brancos. Segundo o Censo 2022, 45,3% da população brasileira se declarou parda, 43,5% se declararam brancos, enquanto que 10,2% se declararam pretas. Pela primeira vez, a maior parte da população do Brasil se declara parda. Os números observados na Horta da Cohab refletem esses dados, salvo os membros declarados pretos que correspondem a 4,59% a mais que os autodeclarados brancos.

A maioria dos membros representantes de família são casados, exceto um em união estável e outro na condição de viúvo. O fato de todos terem famílias constituídas, sejam homens ou mulheres, concorre para a permanência nas atividades. Nesse caso, entendo que o senso de responsabilidade com seus entes familiares, de prover os recursos necessários para o seu sustento, associado aos bens materiais e simbólicos que a horta proporciona, torna-a uma extensão dos lares e não apenas um compromisso a ser realizado.

A média de idade dos membros da horta é de 60,4 anos, visto que o membro mais experiente tem 75 anos de idade e o menos experiente 36 anos. Ao cruzarmos essa informação com o tempo médio dos associados, nas atividades da horta, que é de 12,06 anos, alguns entendimentos são possíveis acerca de como o perfil dos membros retroalimenta as práticas sociais e de como influencia e sofre influência dessa organização.

É nas manifestações das práticas sociais que essa condição de retroalimentar, influenciar e ser influenciado fica pujante, pois, nas atribuições de significado e criação de sentido dessas práticas, a experiência de vida que carregam consigo, com média de 60,4 anos, perpassa para as ações cotidianas. Por outro lado, o sentimento de grupo, de coletivo, é sedimentado, na intersubjetividade diária, principiado pela média de 12,06 anos de associados, e a organização da Horta passa a influenciar também, concomitantemente, as mesmas ações.

Para contextualizar esses fenômenos, é oportuno compartilhar, entre tantos exemplos que pudemos acompanhar, nas manifestações das práticas sociais, um exemplo de excerto que demonstra a experiência de vida dos membros influenciando as ações práticas na horta. Acompanhemos essa condição a seguir:

Porque eu penso assim ... eu já passei necessidade também ... então a pessoa pede eu fico com dó coitada. Eu fico perguntando será que es tem dinheiro pra comprá. Se tivé não ia pedi. Não é só eu que tenho boca, que tenho estômago, todo mundo tem (Sr. Augusto - DC 25/09/2023).

Dando continuidade ao raciocínio, acompanhemos um excerto em que agora é a organização da Horta que influencia as práticas sociais.

“Então, tem que ter esse respeito ... a gente tem esse respeito com a natureza né ... e até pra proteção do espaço que a gente cuida” (Honório - DC 17/11/2023).

É gratificante acompanhar que, mesmo com 25 anos de existência, a horta ainda conta com a participação ativa de pelo menos quatro membros fundadores.

A tabulação do perfil socioeconômico dos membros da Horta da Cohab revela que o lado econômico não é o “motor” que os motiva a estarem ali naquele espaço. Essa constatação pode ser averiguada quando cruzamos duas perguntas a eles dirigidas. Quando indagados se possuem renda externa à horta, a maioria, exceto uma membra, disse que sim, possuem. Na pergunta seguinte, o raciocínio é complementado, indagando se as atividades na horta também lhes proporcionam rendimentos. Na resposta, 54% disseram que sim, mas que não sabem dizer qual seria o valor, ou seja, até então não pararam para contabilizar esse rendimento. Os demais (46%) manifestaram de imediato que não produzem para fins comerciais e que a produção é para o próprio consumo. A aproximação dessas duas questões, portanto confirma que o lado econômico, embora exista, não é o fator preponderante que os motiva a estarem trabalhando.

A propósito, se não é o lado econômico, o que de fato os motiva?

Quando da aplicação da entrevista, os membros da horta foram convidados a também participarem da validação dos resultados. Nessa diligência, a seguinte questão foi apresentada:

Identifiquei no convívio com vocês as seguintes atividades:

- ✓ A doação
- ✓ A ajuda mútua
- ✓ O respeito à natureza
- ✓ A produção sem veneno

Essas quatro atividades identificadas representam as práticas sociais, do dia a dia da Horta da Cohab e motiva vocês a conviverem uns com os outros, com a comunidade aqui do entorno e a se dedicarem às atividades cotidianas. Você concorda com essa afirmação?

Obviamente dando a liberdade para discordarem e apontarem suas opiniões, foram unânimes em validar as práticas sociais identificadas como representativas da vida cotidiana da Horta da Cohab.

Todos os membros moram na zona urbana, e a área de influência da Horta da Cohab engloba outros bairros circunvizinhos onde alguns deles residem, são eles: Nova Era I e II, Caminho das Águas I e II e Jardim Europa. À vista disso e pela posição geográfica desse empreendimento, em relação à cidade de Lavras, podemos afirmar que ele se alinha com os estudos realizados, no ano de 1999, pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - FAO (Food and Agriculture Organization), que já indicava a prática da AU nos principais corredores de saída das cidades, bem como nas periferias, contribuindo com a diminuição da visibilidade das fronteiras urbano-rurais (Ferreira; Castilho, 2007). As práticas sociais da horta, portanto desencadeiam uma sucessão de benefícios, ao contribuir com a (re-) construção da sociedade, de espaços degradados, não apenas em sua área de influência, mas em outros bairros da cidade.

As informações do perfil social e econômico revelam que o nível de instrução formal da grande maioria dos membros alcança o ensino fundamental completo. Complementando o raciocínio, temos uma renda familiar média de 2,4 salários e de 0,7 salários per capita. Esses dados obviamente transparecem a relação: nível de instrução x renda, como revelam os estudos de Bonadia (2008, p. 23) sobre a Relação Entre o Nível de Escolaridade e a Renda no Brasil, ao afirmar que “a educação que o indivíduo possua ajudará imensamente a tornar a recompensa pelo seu trabalho mais rentável”.

Dando tratamento à relação nível de instrução x renda, um estudo divulgado pelo portal InfoMoney (Equipe InfoMoney, 2022) traz uma projeção de classes sociais no Brasil com base na renda familiar. Por esse levantamento, a renda familiar das classes D e, em 2023, correspondeu a 50,7 % da população, com renda familiar de até R\$ 2.900,00. Por esses dados,

comparados com os valores verificados na Tabela 1, os membros da horta se enquadrariam nas classes D e. Essa constatação, inclusive, corrobora com a propositura de uma horta comunitária no bairro Cohab, como aludido no trabalho de Pinto (2007, p. 64):

Promover a criação de hortas urbanas colectivas ou comunitárias contribuirá para o aumento da oferta de alimentos de elevado valor nutritivo e para melhorar as condições de vida de grupos sociais mais carenciados, através da utilização de técnicas de modo de produção biológico e da gestão associativa dos factores de produtivos.

Nesse contexto, entendo que as características do perfil dos membros que se relacionam com nível de instrução x renda e classe social contribuem, de maneira situada, no cotidiano das práticas sociais, para a união coletiva em torno do cuidado recíproco. As palavras do membro Coutinho podem corroborar com essa tese:

“Mais, os que menos tem é os que mais ajuda os outros né. Os que mais tem é os que menos ajuda. O mundo poderia ser melhor se todo mundo fosse mais humano com os outro” (Coutinho - DC 17/11/2023).

Podemos sentir a simplicidade, gratidão e responsabilidade coletiva dos membros da Horta da Cohab, em cada detalhe das práticas sociais por eles vivenciadas, seja no verbalizar, no agir ou nos gestos. Essas externalidades estão presentes no perfil social e econômico dos membros. Como pudemos acompanhar, essas características retroalimentam as práticas sociais, transformam socialmente os membros, que, por sua vez, influenciam e sofrem influência dessa organização.

Passemos, a seguir, às argumentações finais de pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das práticas sociais da Horta da Cohab se mostrou como um importante recorte social de organização coletiva baseado na comunidade.

No caso situado da Horta da Cohab, os resultados mostraram que, na convivialidade diária, as práticas sociais identificadas representam a motivação, para os membros estarem naquele espaço, significando e dando sentido às suas ações, produzindo e reproduzindo a sua vida cotidiana.

As triangulações entre as inúmeras e ricas manifestações em campo com a literatura atinente e reflexões tácitas permitem inferir que as quatro práticas sociais, assim categorizadas: Doação no acolhimento de pessoas, Ajuda mútua na identidade coletiva, Respeito à natureza orientando ações cotidianas e Preocupação em produzir comida sem veneno, plasmadas cotidianamente pelos membros da horta, ao longo do tempo, asseguram a sustentabilidade e a continuidade das atividades desse coletivo desde 1998, ou seja, por 25 anos. Dito isso, considero atendidos a problematização e os objetivos de pesquisa.

Quando um pesquisador vai a campo, a metodologia escolhida o ajuda a se encontrar e a se posicionar em relação à organização, pessoas ou situações que se apresentam com o intuito de alcançar os objetivos propostos e apresentar os resultados. Por outro lado, o foco de atenção (objeto de estudo) é quem nos guia e nos apresenta as lacunas para tentar entender aquilo ou fenômeno que vivenciamos, instigando-nos a pensar, repensar e buscar novos caminhos.

Nesta pesquisa, de fato, ocorreram essas lacunas que levaram, por exemplo, à escolha da ATD, como abordagem de análise dos dados. Essa escolha se mostrou assertiva para acessar, a partir do material constituído pelo corpus de pesquisa, a atribuição de significado e criação de sentido que os membros conferem às suas práticas sociais.

Na busca do fenômeno longevidade, atribuído às práticas sociais, outras lacunas também levaram à escolha da categoria analítica Cuidado Essencial na perspectiva de modo de ser-no-mundo pelo cuidado (modo-de-ser-cuidado). Esse cuidado praticado pelos membros da Horta da Cohab permitiu, seguindo o ciclo analítico da ATD, decifrar as linhas invisíveis que estruturam e sedimentam a construção da vida social desse coletivo, que, por sua vez, traduz a sua essência enquanto ser-social-coletivo. Nessa oportunidade, pudemos nos subsidiar das nuances de cada gesto, palavra, olhar, do dito – não dito – para assim vislumbrar o mosaico práticas sociais da Horta da Cohab.

Diante do exposto, é válido afirmar que os membros da Horta da Cohab ancoram suas práticas sociais no Cuidado Essencial com todas as agências humanas e não humanas, para

significar e dar sentido às suas atividades práticas e, assim, conceber um o modo-de-ser no mundo pelo cuidado (modo-de-ser-cuidado).

Aspectos associativos também se revelaram na análise de dados e contribuíram de forma importante, para assimilar como os membros veem e representam aquele espaço, como um local de afeto e bem-estar com seus bens simbólicos, a importância social das hortas comunitárias e as adversidades que tencionam esse coletivo. Esses aspectos, no caso estudado, compõem o substrato para que as práticas sociais floresçam e possam ser produzidas e reproduzidas.

O estudo do perfil socioeconômico, por sua vez, mostrou-se pertinente e trouxe importantes contribuições, ao mostrar, na prática, como os membros acabam influenciando e sofrendo influência da organização da Horta e como as características do perfil desses membros ajudam a entender e situar a consolidação das práticas sociais que ali foram assentadas com o passar dos anos.

Como uma espiral, a busca pelo fenômeno da longevidade da Horta da Cohab, que agora sabemos, é atribuído às práticas sociais desse coletivo; trouxeram consigo demais atributos, como exposto, que enriquecem a pesquisa e revelam possibilidades para o assentamento de hortas comunitárias.

A Horta da Cohab se fundou, a partir de um projeto social que, ao longo desses vinte e cinco anos, tem sido campo para o desenvolvimento de diversos estudos relacionados a programas de extensão universitária e projetos sociais. Essa importância nos leva ao reconhecimento de que os membros da Horta da Cohab não são objetos de estudo, mas fundamentalmente são sujeitos e co-produtores de conhecimento.

A Horta da Cohab nos apresenta duas abordagens que abrem alternativas para o entendimento e possibilidades de empreendimentos de Horta Comunitária. O primeiro é quanto ao modo de produção, ou seja, como se organizam e desenvolvem suas atividades em um sistema autogestionário. O segundo entendimento é a concepção pelos membros de um modo de ser-no-mundo pelo cuidado (modo-de-ser-cuidado) para significar e dar sentido às suas práticas sociais. Temos então duas condições que se complementam e que podem ser um horizonte na implantação de outros empreendimentos congêneres. A tese é de que esses projetos poderiam se assentar nesses dois modos e ter como diretriz, por um lado, o foco na segurança alimentar e qualidade de vida das pessoas e no outro, como desdobramento do primeiro, a geração de ocupação e renda.

Da propositura dessas duas abordagens, surge, então, uma primeira questão que pode subsidiar outros estudos:

A Economia Solidária, como modo de produção, pode contribuir na autogestão de hortas comunitárias, com vista a potencializar a complementação de renda e a organização do trabalho, sem, contudo perder de foco o Cuidado Essencial, como modo-de-ser no mundo pelo cuidado (modo-de-ser-cuidado)?

O presente estudo traz importantes perspectivas quanto à produção de conhecimento e de como é possível pensar novas formas de habitar as cidades, viver e produzir alimentos saudáveis no meio urbano, ao passo que, como reprodução social, produz também cuidado essencial no doar, ajudar mutuamente, proteger a natureza e produzir sem veneno. Essa configuração espacial pode conferir a projetos de hortas comunitárias, que almejam como recorte social a organização coletiva baseada na comunidade, as possibilidades de criação de empreendimento solidários, com ações de cuidado.

Nesse cenário, projetos de hortas comunitárias podem servir de aporte a políticas públicas para criar novos modos de existência dentro das cidades, de revitalização de espaços, dos bairros, dos vínculos de uma sociabilidade pelo cuidado. Todavia, como ficou evidente, ao longo do trabalho, são fundamentais o envolvimento e o engajamento das pessoas, o estabelecimento de certas relações sociais mínimas para que a construção de hortas comunitárias tenha vida longa.

O encadeamento das possibilidades e contribuições do estudo oportuniza uma segunda questão que dá continuidade a este trabalho:

Como a experiência da produção e reprodução da vida cotidiana da Horta da Cohab, viabilizada por suas práticas sociais, pode servir de instrumento e sustentação de políticas públicas que garantam, para além de ocupação e renda, segurança alimentar, qualidade de vida e hábitos saudáveis com projetos de hortas comunitárias baseados na comunidade como elemento- chave de organização social?

Os resultados da pesquisa, bem como as contribuições elencadas, podem ser um ponto de partida para trabalhar essas questões e instigar futuras reflexões a esse respeito.

A pesquisa teve como recorte as práticas sociais da Horta da Cohab, dedicando ênfase à dimensão social que satisfatoriamente concorreu para o atendimento dos objetivos. Pelo tempo de pesquisa e fidelidade à questão que problematizou o estudo, temos que não foi alvo das discussões as dimensões econômica, política e cultural, por exemplo, que também fazem parte do dia a dia de empreendimentos autogestionários e podem contribuir com outros projetos de pesquisa. Pelo mesmo motivo, questões de gênero que, em voga, tanto contribuem para uma sociedade mais justa e equânime, não foram abordadas.

No tempo em que estive em campo, cogitei propor iniciativas que envolvessem todos em torno de algum projeto ou ação que tivesse como desdobramento uma dinâmica para captar essas outras dimensões para além da social. Não foi possível. Atribuo a isso a necessidade de respeito ao tempo da associação, pelo momento organizativo, à necessidade de engajamento e tempo de cada associado em participar e, por fim, ao próprio tempo proposto para a realização da pesquisa.

Acredito que a grande contribuição científica deste trabalho não é produzir só conhecimento novo, mas também organizar conhecimentos existentes que, muitas vezes, são silenciados e invisibilizados por sua situação marginal, ao longo do processo social, no qual se insere. Com a colaboração de diferentes entes sociais, não ensinando, mas aprendendo com os saberes populares – conhecimento vivo – como se faz conhecimento, podemos construir pontes que podem transformar o modo de viver e o modo de participar da vida social.

Ao organizar os discursos produzidos pelos membros da Horta da Cohab e categorizá-los, para compreender suas práticas sociais, eu estava apenas sendo um instrumento para explicitar, dar visibilidade ao trabalho daqueles atores sociais que ninguém vê, mas que trabalham e contribuem para produzir uma cidade melhor com uma alimentação saudável carregada de simbolismos que ajudam a emoldurar a produção e reprodução da sociedade.

Ter a oportunidade de conviver com os membros da Horta da Cohab foi um privilégio. A metodologia adotada me fez imergir no mundo desses atores sociais em que vivenciei desafios pelo trabalho científico, mas também momentos de alegria, descontração e de ensinamentos, proporcionados pela receptividade e convivência com eles. O sentimento que fica é de vontade de retornar ao convívio dos amigos que fiz. Assim o farei, sem o peso da pesquisa e do estar pesquisando, apenas compartilhando causos, trabalho, aprendendo e desfrutando da vida cotidiana da Horta da Cohab.

REFERÊNCIAS

AGRO BAYER BRASIL. Família Roundup®. **Agro**, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.agro.bayer.com.br/roundup>. Acesso em: 11 jan. 2024.

ALMEIDA, D. Agricultura urbana e segurança alimentar em Belo Horizonte: cultivando uma cidade sustentável. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 25-28, 2004.

ANJOS, S. A. **O cuidado de si e sua contribuição para uma docência amorosa**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

ARAÚJO, R. B. A utopia concreta do cuidado em Leonardo Boff. In: SANTOS, M. P.; PERES, S. M.; PAULA, M. H. (org.). **História, cidades, redes políticas e sociais**. São Paulo: Blucher, 2017. p. 75-90.

AUGUSTO, C. A. *et al.* Pesquisa qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Piracicaba, v. 51, n. 4, p. 745–764, out./dez. 2013. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfindmkaj/https://www.scielo.br/j/resr/a/zYRKvNGKXjbDHtWhqjxMyZQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2024.

AVELAR, S. Área abandonada vira horta comunitária em Lavras, no Sul de Minas Gerais. 2020. **Agricultura, Pecuária e Abastecimento**, Lavras, 17 jan. 2020. Disponível em: <https://www.mg.gov.br/agricultura/noticias/area-abandonada-vira-horta-comunitaria-em-lavras-no-sul-de-minas-gerais#:~:text=O%20trabalho%20de%20implanta%C3%A7%C3%A3o%20da,estado%2C%20desenvolvidos%20em%20seus%20escrit%C3%B3rios>. Acesso em: 10 jan. 2024.

AZAMBUJA, L. R. Os valores da economia solidária: um estudo sobre a heterogeneidade ideológica de trabalhadores de cooperativas autogeridas. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 282-317, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/8869/5110>. Acesso em: 15 maio 2023.

BAYER. Baysiston GR. **Agrobase**, [S.l.], 2024. Disponível em: <https://agrobaseapp.com/brazil/pesticide/baysiston-gr>. Acesso em: 11 jan. 2024.

BISPO, M. S.; GODOY, A. S. A etnometodologia enquanto caminho teórico metodológico para investigação da aprendizagem nas organizações. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p. 684-704, set./out. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-65552012000500004>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BISPO, M. S.; GODOY, A. S. Etnometodologia: uma proposta para pesquisa em estudos organizacionais. **Revista de Administração da Unimep**, Piracicaba, v. 12, n. 2, p. 108-135, maio/ago. 2014.

BISPO, M. S. **O processo de aprendizagem coletiva e o uso da tecnologia em agências de viagens**: contribuições dos estudos baseados em prática e da etnometodologia. 2011. Tese

(Doutorado em Administração de Empresas) – Centro de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

BOFF, L. **Princípio de compaixão e cuidado**. Petrópolis: Vozes, 2000. 164 p.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999. 199 p.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2017. 200 p.

BONADIA, P. R. **A relação entre o nível de escolaridade e a renda no Brasil**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia - Faculdade de Economia e Administração, IBMEC São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: https://repositorio.insper.edu.br/bitstream/11224/1216/1/Paula%20Rocha%20Bonadia_trabalho.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.

BOUKHARAEVA, L. M. *et al.* Agricultura urbana como um componente de desenvolvimento humano sustentável: Brasil, França e Rússia. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 413-425, maio/ago. 2005.

BRYLD, E. Potentials, problems, and policy implications for urban agriculture in developing countries. **Agriculture and Human Values**, Dordrecht, v. 20, p. 79-86, 2003.

CAMPOS, N. J.; PINTO, S. M.; TAVARES, Y. R. **Hortas urbanas, micro-intervenção prática políticas públicas, legislação e educação florestal**. 2017. Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2017.

CENSO 2022 indica que o Brasil totaliza 203 milhões de habitantes. **Gov.br**, Brasília, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2023/06/censo-2022-indica-que-o-brasil-totaliza-203-milhoes-de-habitantes>. Acesso em: 25 jan. 2024.

CENTRO DE EDUCAÇÃO - UNIFEI (CEDUC). Google Forms – Ferramentas das perguntas e criar nova seção. **CEDUC Unifei**, Itajubá, 2024. Disponível em: <https://ceduc.unifei.edu.br/tutoriais/google-forms-ferramentas-das-perguntas-e-criar-nova-secao/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **4ª Conferência Nacional de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/plataforma-brasil-conep?view=default>. Acesso em: 11 jan. 2024.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995. 131 p.

COULON, A. **La Etnometodologia**. 3. ed. Madrid: Cátedra, 2005. 141 p.

CUNHA, M. A.; CARDOSO, R. C. V. Urban gardens in promoting Food and Nutrition Security and sustainable development in Salvador, Brazil. **Ambiente & Sociedade**, São

Paulo, v. 25, p. 1-22, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc20210094r3vu2022L4OA>. Acesso em: 11 jan. 2024.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

DIAS, C. B. R. *et al.* Levantamento de hortas urbanas e registro da entomofauna associada a esses ambientes no município de Petrolina – PE. **Extramuros**, San Juan, v. 5, n. 2, p. 114-124, 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/816>. Acesso em: 8 jan. 2024.

ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS. Pesquisa qualitativa: o que é, abordagem e tipos. **Enciclopédia Significados**, [S.l.], 2024. Disponível em: <https://www.significados.com.br/pesquisa-qualitativa/>. Acesso em: 11 jan. 2024.

FALKEMBACH, E. M. F. Diário de campo: um instrumento de reflexão. **Contexto e Educação**, Juí, n. 7, p. 1-7, 1987.

FERREIRA, R. J.; CASTILHO, C. J. M. de. Agricultura urbana: discutindo algumas das suas engrenagens para debater o tema sob a ótica da análise espacial. **Revista de Geografia**, Recife, v. 24, n. 2, p. 6-23, maio/ago. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/228693>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GALIAZZI, M. do C.; SOUSA, R. S. de. A dialética na categorização da análise textual discursiva: o movimento recursivo entre palavra e conceito. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 7, n. 13, p. 1–22, abr. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.227>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GHERARDI, S. Practice? It's a matter of taste! **Management Learning**, London, v. 40, n. 5, p. 535-550, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1350507609340812>. Acesso em: 10 jan. 2024.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GRACIANO, M. I. G.; LEHFELD, N. A. de S. Estudo socioeconômico: indicadores e metodologia numa abordagem contemporânea. **Serviço Social e Saúde**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 157–186, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8634873>. Acesso em: 4 mar. 2024.

GUITART, D.; PICKERING, C.; BYRNE, J. Past results and future directions in urban community gardens research. **Urban Forestry & Urban Greening**, Jena, v. 11, n. 4, p. 364-373, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2012.06.007>. Acesso em: 8 jan. 2024.

EQUIPE INFOMONEY. Classes D e continuarão a ser mais da metade da população até 2024, projeta consultoria. **InfoMoney**, [S.l.], 26 abr. 2022. Disponível em:

<https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/classes-d-e-e-continuarao-a-ser-mais-da-metade-da-populacao-ate-2024-projeta-consultoria/>. Acesso em: 4 mar. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). População. **IBGE**, Lavras, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/lavras/panorama>. Acesso em: 10 jan. 2024.

JESUS, G. **Plantando alimentos, colhendo EAN**: hortas urbanas como instrumento de EAN. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Nutrição) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, 2023.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 166 p.

LAVILLE, J. L.; GAIGER, L. I. Economia solidária. In: CATTANI, A. *et al.* **Dicionário Internacional da Outra Economia**. São Paulo: Almeida, 2009. p. 162-168.

MAIA, B. **Esterco de vaca/bosta de vaca/Quanto vale um caminhão de esterco aqui em minas?** [S.l.: s.n.], 2021. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GEvWfH9MaxM>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MAXWELL, D. G. Alternative food security strategy: a household analysis or urban agriculture in Kampala. **Food Policy**, Guildford, v. 23, p. 411-424, 1995.

MEDEIROS, C. B. N. de. **Desafios para a implementação de hortas urbanas comunitárias em Natal/RN**: perspectivas e diretrizes. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Departamento de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

MEDEIROS, E. A. de; AMORIM, G. C. C. Análise textual discursiva: dispositivo analítico de dados qualitativos para a pesquisa em educação. **Laplage em Revista**, São Carlos, v. 5, n. 3, p. 247-258, set./dez. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552756523020>. Acesso em: 15 jan. 2024.

MORAES, R. **A educação de professores de ciências**: uma investigação da trajetória de profissionalização de bons professores. 1991. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

MORAES, R. **Análise textual discursiva**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016. 264 p.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191–211, 2003. Disponível em: www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzdj/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 15 jan. 2024.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007. 223 p.

NALIN, C.; CAUSIN, J.; COUTINHO, B. Censo 2022: família brasileira 'encolhe' e já tem menos de 3 pessoas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 mar. 2023. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/economia/noticia/2023/06/censo-2022-familia-brasileira-encolhe-e-ja-tem-menos-de-3-pessoas.ghtml>. Acesso em: 26 jan. 2024.

OCTAVIANO, C. Muito além da tecnologia: os impactos da Revolução Verde. **ComCiência**, Campinas, n. 120, p. 1-3, 2010. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000600006&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 26 jan. 2024.

PINTO, R. S. B. F. F. **Hortas urbanas**: espaços para o desenvolvimento sustentável de Braga. 2007. Dissertação (Mestrado em Engenharia Municipal) – Escola de Engenharia, Universidade do Minho, 2007.

PLOEG, J. D. **Sete teses sobre a agricultura camponesa**. In: PETERSEN, P. (Org.). *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. p.17-31.

QUEIROZ, F. A revolução do comum. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 1-3, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00261>. Acesso em: 6 fev. 2023.

RAWLS, A. W. Harold Garfinkel, ethnomethodology and workplace studies. **Organization Studies**, London, v. 29, n. 5, p. 701–732, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0170840608088768>. Acesso em: 8 fev. 2023.

RIBEIRO, S. M.; BÓGUS, C. M.; WATANABE, H. A. W. Agricultura urbana agroecológica na perspectiva da promoção da saúde. **Saúde & Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 730–743, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902015000200026>. Acesso em: 8 fev. 2023.

ROCHA, A. S. O cuidado essencial: ação de cuidar ou modo de ser? **Reflexus**: revista semestral de teologia e ciências das religiões, Vitória, v. 5, n. 6, p. 237, 2014. 10.20890/reflexus.v5i6.73. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304474841_O_CUIDADO_ESSENCIAL_ACAO_DE_CUIDAR_OU_MODO_DE_SER. Acesso em: 30 jan. 2024.

ROSA, P. P. V. Políticas públicas em agricultura urbana e periurbana no Brasil. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica, v. 2, nesp., p. 1-17, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2384>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SANTANDREU, A.; LOVO, I. C. **Panorama da agricultura urbana e periurbana no Brasil e diretrizes políticas para sua promoção**: identificação e caracterização de iniciativas de AUP em regiões metropolitanas brasileiras. Belo Horizonte: IPES, 2007. 89 p.

SANTOS, B. de S.; RODRIGUEZ, C. Para ampliar o cânone da produção. In: SANTOS, B. de S. (org.). **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 23-77.

SATO, L.; ESTEVES, E. G. **Autogestão**: possibilidades e ambigüidades de um processo organizativo autogestionário. São Paulo: ADS-CUT, 2002. 22 p.

SEYFERTH, G. **Campesinato e o Estado no Brasil**. Mana, 17(2), 395–417, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132011000200006>

SETÚBAL, H. C. R. **O cuidado e a ética do cuidado**: um diálogo entre Leonardo Boff, Carol Gilligan e Nel Noddings. 2010. Dissertação (Mestrado em Metafísica) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/16472>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SINGER, P. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, B. de S. (org.). **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002a. cap. 1, p. 78-110.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002b. 127 p.

SOUSA, R. S. de; GALIAZZI, M. do C. A categoria na análise textual discursiva: sobre método e sistema em direção à abertura interpretativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 514–538, dez. 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/130>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SOUSA, R. S.; GALIAZZI, M. C. Compreensões acerca da hermenêutica na análise textual discursiva: marcas teórico-metodológicas à investigação. **Revista Contexto & Educação**, Unijuí, v. 31, n. 100, p. 33–55, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2016.100.33-55>. Acesso em: 18 abr. 2022.

SOUZA, E. C. L.; LUCAS, C. C.; TORRES, C. V. Práticas sociais, cultura e inovação: três conceitos associados. **Revista de Administração Faces Journal**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 210-229, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=194022079011>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SOUZA, M. B.; GUSKE, A. C. Agricultura urbana: um olhar a partir da agroecologia e da agricultura orgânica. **Colóquio – Revista do Desenvolvimento Regional**, Taquara, v. 14, n. 1, p. 157-168, jan./jun. 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/322947541_Agricultura_Urbana_um_Olhar_a_partir_da_Agroecologia_e_da_Agricultura_Organica. Acesso em: 18 abr. 2022.

SOUZA, M. E. S. B. **Artes visuais na pré-escola**: uma experiência no estágio supervisionado de docência. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017.

SOUZA, T. T. **A economia solidária como meio para o desenvolvimento sustentável - Caso do Banco Palmas**. 2011. Tese (Mestrado em Economia e Gestão do Ambiente) - Faculdade de Economia, Universidade do Porto, Porto, 2011.

SVARTMAN, B. P. *et al.* Reflexões sobre as condições psicossociais do exercício da autogestão. In: CORTEGOSO, A. L.; LUCAS, M. G. (org.). **Psicologia e economia solidária**: interfaces e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 39-52.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 187 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS (UNIFAL MG). **Identidade Sul-Mineira:** diagnóstico cultural, social, político e econômico do Sul de Minas Gerais: primeiros resultados. Alfenas: UNIFAL MG, 2022. 22 p. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/identidadesulmineira/wp-content/uploads/sites/194/2023/02/Relatorio-divulgacao-primeiros-resultados-Identidade-sulmineira.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2024.

VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (org.). **Pesquisa qualitativa em administração:** teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 240 p.

VIEIRA, E. R. Destaque Melhor Inovação: valorizando pessoas, ideias e inovações. **Emater**, Lavras, 2022. Disponível em: https://www.emater.mg.gov.br/portal.do?flagweb=novosite_melhoracao_acoes_detalhes&id=620. Acesso em: 11 jan. 2024.

WALDOW, V. R. **Cuidado humano:** o resgate necessário. Porto Alegre: Saga Luzatto, 1999. 202 p.

WALDOW, V. R. As relações de cuidado: o cuidado com o meio que nos cerca. *In:* WALDOW, V. R. **O cuidado na saúde:** as relações entre o eu, o outro e o cosmos. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. 240 p.

WEGMULLER, F.; DUCHEMIN, E. Multifonctionnalité de l'agriculture urbaine à Montréal: étude des discours au sein du programme des jardins communautaires. **Vertigo:** la revue électronique en sciences de l'environnement, Chichester, v. 10, n. 2, p. 1-18, Sept. 2010.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.